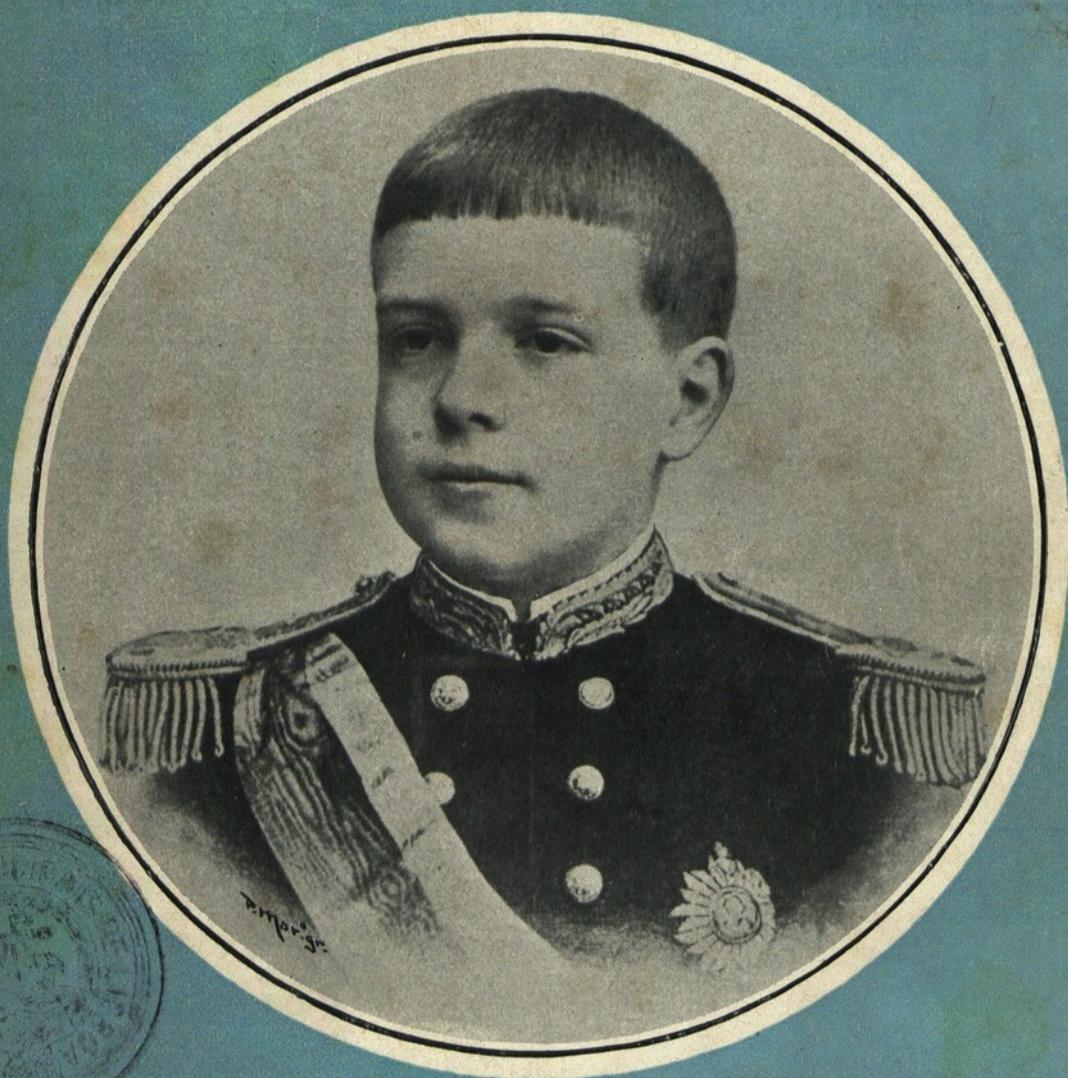


# SERÕES

COMPRA

ABR. 1940



LIVRARIA FERREIRA, EDITORA

N.º 32 = FEVEREIRO

132, Rua do Ouro, 138 = Lisboa

# Summario

## MAGAZINE

	Pag.
D. JOÃO DA CAMARA .....	78
O ULTIMO PASSEIO DE D. JOÃO DA CAMARA (4 illustrações e 1 vinheta) por ANTONIO ARROYO .....	79
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES Menção honrosa — <i>Um trecho do rio da Areia (Vallado)</i> . Photographia do Sr. CESAR COELHO DA SILVA, NAZARETH.....	85
FÉRAS, JAULAS E DOMADORES (18 illustrações) por VICTOR RIBEIRO.....	86
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES Menção honrosa — <i>Margens do Rio Douro (Espadanedo)</i> . Photographia do Sr. MANOEL TEIXEIRA MONTEIRO, PORTO .....	95
VELHA GUARDA (3 illustrações e 1 vinheta) por D. MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL.....	96
A CIDADE DE PENEDO (BRAZIL) (11 illustrações) por ALCANTARA CARREIRA.....	100
LUAR (2 vinhetas). Versos por CARLOS CILIA DE MELLO.....	105
PÉS LUMINOSOS (5 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES.....	106
DIAS COSTA (1 illustração e 1 vinheta). Versos por M. DUARTE D'ALMEIDA.....	108
A PAIZAGEM PORTUGUEZA (13 illustrações e 2 vinhetas).....	109
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (6 illustrações e 1 vinheta) por ALBRECHT HAUPT.....	119
A TRAGEDIA DE LISBOA (40 illustrações) por E. DE N. ....	127
LUZ E SOMBRA (1 vinheta). Versos por M. JOAQUIM DIAS .....	152
<u>OS SERÕES DAS SENHORAS (22 illustrações)</u>	
CHRONICA GERAL DE MODAS .... . pag. 113	LAVORES FEMININOS..... pag. 122
OS NOSSOS FIGURINOS ..... » 117	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 125
CHAPEUS DE NOVIDADE..... » 119	NOTAS DE DONA DE CASA ..... » 127
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 120	

## A MUSICA DOS SERÕES

CANÇÃO POPULAR (VOLKSLIED, DE MENDELSSOHN) .....	4 paginas
--	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

### Por uma só inserção

1 pagina . . . . .	6\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »

### Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno . . . . .	2\$200 réis
	Semestre . . . . .	1\$200 »
	Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	- Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

**ADMINISTRAÇÃO DOS Serões**

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone 805

**LISBOA**



## Decifrações do n.º 31

## CHARADA

*Charadas novissimas (dialogadas)*—1.ª Sonsonato; 2.ª Cardinalistas; 3.ª Sota Capitão.

*Logogripho*—Mercuriaco.

*Enigma pittoresco*—Nascem cardos na terra sem cultura, nascem vicios no espirito do preguiçoso.

### CHARADA NOVISSIMA

Este homem tem bichos nos pés—1-2.

VARETA (ANGRA).



### Lologripho

(TELEGRAMMA)

A mulher de Lutero, tinha um proceder grosseiro.	}	1-7-3-2
		4-7-6-2
		1-7-6-5
		4-7-3-5

MELLO (ANGRA).



### Enigma

Com quatro letras se escreve  
O meu todo, nada mais,  
Sendo duas consoantes,  
E as outras duas, vogaes.

Mas eu tambem assevero,  
Que, bem firmes e constantes,  
Só quatro letras encerra,  
Todas quatro consoantes.

Se as suas funcções exerce,  
—Obrigada a trabalhar—  
Tanto póde dar-vos pèrdas,  
Como póde ganhos dar.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA.  
(Marco de Canavezes)

Vejo alem tanto povo reunido...  
Insoffrido se move, erguendo o pó.  
Ouço rir, protestar em vóz tremente...  
Que de gente sem fim! que grande mó!—2

Ah! percebo. Foi um que escarmentado,  
Já zangado, não quiz pagar; fez scena.  
Uns applaudem, uns dizem que é defeso...  
Lá vae preso, coitado. Pois é pena!—2.

Vejo alem tanto povo reunido...  
Insoffrido se move. E que ruido...  
que nuvens faz de pó!  
Ouço rir, protestar em voz tremente...  
Que de gente sem fim, impaciente,  
que formidavel mó!

E. R. Q. (*michaelense*) PORTO.



### CHARADA

És bella, seductora, ó cara Elisa,  
Té mesmo passeando desgrenhada,  
Evita, quanto possas, esta nodoa,—2  
Porque pódes, emfim, ficar manchada.

Amo-te; mas, astuta e perspicaz,  
Não debes ignorar que pouco valho;  
Tu és rica, bem sei, porem mais rica  
Tu ficarás com *isto*, e sem trabalho—1

Casa commigo, Elisa não te ufanes  
De ter um coração, quaes duros seixos,  
Se me vires, depois, duro, cruel,  
Quebra-me, então, sem dó, com *isto* os queixos.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA.  
(Marco de Canavezes)



# A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

## EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

## DRAGÉES GELINEAU

*Confeitos Gelineau* que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

## GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

— LISBOA —

## Comedia Intima

comedia em 1 acto, original, por Carlos de Moura Cabral,

representada no Theatro de D. Maria II.

1 volume, 200 réis

A' venda na Livraria Ferreira — 132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa

# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados .....	18\$000	" .....	3\$000
Centro Commercial .....	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000			

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual .....	6\$000
" com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

À Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

- Carta a D. Manoel II**, por Silva Vianna — Lisboa, 1908 — O subtítulo *Resposta dos perseguidos e conselhos de quem não é, nem quer ser conselheiro*, indica claramente a indole d'este opusculo, allusivo aos graves acontecimentos politicos da actualidade em Portugal, inspirado em ideias generosas e patrioticas, digno de ser lido e discutido por aquelles que se interessam pelo bem da patria portugueza.
- Memorias de uma actriz**, por Mercedes Blasco — Lisboa, 1908 — Pôr a descoberto, sem refolhos, uma alma humana, á similhaça do que fez Rousseau nas *Confissões*, sem occultar defeitos e sem alternar qualidades, eis a que se propoz a gentil autora d'este livro. Aos que possam objectar-lhe o excesso de louvores em bem proprio, apresentam-se documentos jornalisticos que tenderão a restringir a qualificação de vituperios. Em todo o caso, livro interessante para o estudo da vida theatral, que tanta curiosidade desperta em todos os meios civilisados.
- Falsificações alimentares**, por Cardoso Pereira — Famalicão, 1908 — Publicação da *Liga Nacional contra a tuberculose* — O autor versa um assumpto de uma altissima importancia hygienica e social, e bemvidos são os livros que abram os olhos do paiz para os problemas que mais diretamente o interessam. E' uma benemerita cruzada, que tem o applauso e o estimulo de todos os portuguezes.
- A Tribuna** — Este jornal quotidiano de S. Paulo — Brazil — insere o n.º 248 bellamente illustrado e escolhida collaboração, dentre os illustres colaboradores diarios.
- Estudos Sociaes** — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritalista. Mãos á obra. Bons conselhos e correção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.
- La Lectura** — *Revista de ciencias y de artes* — n.º 84, Enero de 1908. — Summario: Confesión de poesias, por Juan Maragall. Una amistad fracasada, por Martin Hume. Poesias: Canción galana, Tarde de sol y de fatiga, Heroica, por Leonardo Sherif. Emilia Pardo Bazán, por Andrés González Blanco.
- ¿Viva el peccado?, por Pedro Dorado. Crónica americana, por Manuel Egarte Poesia, Novella, Historia, etc.
- Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 93, Setembro de 1907.
- O Economista Brasileiro** — *Revista semanal de economia, finanças, politica e literatura*. — n.º 28, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.
- Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Vol. VIII — N.º 1, 1908.
- O Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.º 10, Outubro de 1907.
- Alma Feminina** — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.
- A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.º 246, janeiro de 1908.
- Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa** — Janeiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.
- Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.
- Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 4.º — Director: Gabriel Pereira.
- A Vinha Portuguesa** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.
- Luz do Oriente** — Anno 1 — N.º 5, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.
- Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 47, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.
- Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jini-baldi — Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

# Sexto Concurso Photographico

## ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA: \_\_\_\_\_

*Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.*

### CONDIÇÕES

1.<sup>a</sup> — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, com tanto que o minimo seja  $9 \times 12$  centimetros.

2.<sup>a</sup> — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.<sup>a</sup> — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.<sup>a</sup> — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.<sup>a</sup> — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.<sup>a</sup> — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.<sup>a</sup> — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

### SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço do photographo : .....

**Declaração** — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

**Endereço** : Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do envelope a indicação : Sexto concurso photographico.

# LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de Instrução primaria, organizados por

**D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão**

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados oficialmente para o triennio de 1907-1909:

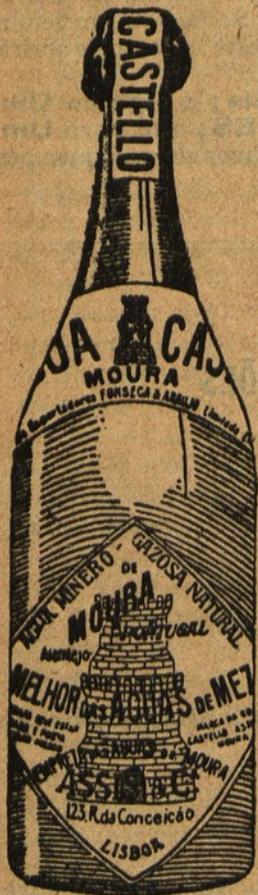
1.ª classe .....	100 réis
2.ª e 3.ª classe.....	300 »
4.ª classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organizadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

**LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.ª**  
**132, RUA AUREA, 138**



## AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA



D. JOÃO DA CAMARA



# O ultimo passeio DE D. João da Camara

**D**EU-O commigo, ha pouco mais de quinze dias.

Eu vinha ralado, que a vida nem sempre corre de feição. E na livraria Ferreira, á rua do Ouro, dei de frente com o meu querido amigo D. João da Camara. Então, como em qualquer occasião que assim succedia, experimentei um prazer reconfortante e apasiguador. D. João era um dos homens que mais serenamente vi encarar a adversidade. Depois havia nelle uma tão elegante maneira de ser bom e indulgente, uma tão rara distincção na opinião formulada, uma tão nobre e excepcional simplicidade em tudo quanto fazia e dizia, que o seu convivio foi sempre a meus olhos do mais subido e puro quilate. Elle exercia sobre mim uma attracção toda de encanto; e a ponto tal que, desde que o conheci e comecei a apreciá-lo bem na sua rara personalidade, senti que conhecia uma expressão mais alta de cousas até ahi apenas entrevistas.

D. João era para mim a mais genuina, franca e nobre expressão do portuguez do Sul.

Verdadeiramente comecei a conhecê-lo no Porto, quando ahi se deram *Os Velhos* por primeira vez, momento que inicia o exito d'essa bella peça.

*Os Velhos* tinham sido recebidos fria, ou indifferentemente em Lisboa. No Porto havia então alguns rapazes novos, que um elevado sentimento animava de fórma pouco commum. Eu collaborava com esse grupo nos enthusiasmos pelas cousas d'arte; e, embora pela idade não pudesse pertencer-lhe,

pertencia-lhe pelas aspirações. Creio até que alguma iniciativa partira de mim quanto á apreciação d'essa comedia. Facto é que escrevinhei o quer que foi ácerca d'ella, procurando definir-lhe a sua significação, o seu symbolismo; porque para isso concorria em mim uma preparação especial que nenhum outro do grupo possuia. E quem conhece a peça acredita no que digo, quando souber que eu sou um humilissimo engenheiro, que construi estradas e caminhos de ferro e que habitei, durante cêrca de dois annos, exactamente executando trabalhos ferroviarios, numa região alemtejana muito proxima d'aquella em que D. João da Camara localisou *Os Velhos*. Passei esse tempo em Panoias do Alemtejo, a terreola onde D. João mais tarde vinha a collocar a acção da nova peça que deixou começada apenas e deveria chamar-se *As Comadres de Panoias*.

Certo é que *Os Velhos* despertaram em todos os do grupo um grande enthusiasmo. D. João foi ao Porto, e teve nessa occasião um dos seus maiores triumphos.

D'ahi dataram as nossas relações d'amizade. D. João creio ter visto em mim um homem que não mente. Apesar da minha rudeza, estimou-me sempre. E com isso muito me honro.

Mas, como ia dizendo, encontrando-o em dia infeliz para mim, experimentei, por ultima vez infelizmente, o mesmo contentamento de sempre. Elle sorriu-me affectuosamente; disse-me que ia, que necessitava dar um passeio; e perguntou-me se eu não quereria acompanhá-lo pela Avenida acima.

Accedi logo, torcendo o destino projectado e antegostando o prazer que ia ter e de que muito carecia; o prazer do imprevisto, do inedito, da essencia peregrina de que a mais nobre bohemia, a bohemia litteraria, usa alimentar-se.

E fomos lentamente, parando a conversar com uns e com outros; mas parando muitas mais vezes porque o coração do meu caro D. João já cançava. De mais elle ia falando e por vezes arfava-lhe o peito, exigindo paragem e descanso.

— Mal sabe você aonde eu vou, diz-me elle á saída da livraria. Vou ver uma sobrinha a quem succede um dos casos mais enternecedores que você pode imaginar. Casou vae pr'a dois annos, tem um filho de um anno e acaba de ter uma outra creança. Mas imagine você que, nesse estado, adoece-lhe de repente o primeiro pequerrucho com diptheria; levam-lh'o para fóra de casa e só hoje lh'o trazem curado. E ainda assim, ella só poderá vê-lo atravez d'um vidro. Não o póde beijar. Imagine você o que isso será. Vou vê-la...

A physionomia enternecida illuminára-se-lhe e D. João acendia á pressa um cigarro, talvez para esconder a intensidade da commoção que o dominava. E, enquanto nos encostavamos a uma loja qualquer para dar logar a quem passava, do meio d'uma allu-

vião d'artigos orientaes, duas ou trez amáveis *geishas* estampadas em ventarolas de cabos acharoados sorriam-nos suavemente. Falámos do eterno sorriso que á mulher japoneza impõe uma requintada civilização de bom tom e de bom gosto. D. João não quiz porém, ou pareceu não querer que tal costume fosse privativo de regiões em que o christianismo não conseguira implantar-se. E

contou-me que existe uma ordem religiosa em que o sorriso é sempre obrigatorio, se jam quaes fôrem os estados d'alma das irmãs que nella professam e vivem, e as situações em que ellas se encontrarem.

Mas os louvores á igreja triumphante não ficam por ahí. Discorrendo num thema tão grato ao seu religiosissimo espirito, citou-me em seguida varios trechos, todos elles penetrados de evangelica ternura e todos elles de Santo Agostinho. A citação, que me surpre-

endeu, causou-me ao mesmo tempo um grande prazer; porque me parecia obedecer aos dois seguintes intuitos, ambos elles egualmente carinhosos.

Havia dias que conversando com elle acêrca d'esse grande doutor da igreja e da sua theoria da *Graça* e da *Predestinação*, eu me manifestára em sentido contrario ao que por certo seguia o meu mallogrado amigo. O feitio combativo que herdámos do romantismo e o culto d'aquillo a que impropria ou



ironicamente alguém chama *os eternos principios*, levaram-me a achar feroz, violento, atrosmente cruel o espirito d'essa theoria; e a tratar o seu colossal auctor como podem tratar-se os politicos eminentes, como penso que devem ser tratados os tenores applaudidos e como os genios originaes costumam ser tratados pelos politicos eminentes e pelos referidos tenores applaudidos.

D. João certamente me não levou a mal o mau gosto da pequenina perversão que, de resto, visára apenas a provocar a sua defesa de ideias arreigadas e fundamente sentidas. Mas, ao tempo, nada me disse; deixou passar. Creio porém que elle desejava congraçar-nos, a mim e ao Santo Agostinho, bem como necessitava de pôr as coisas no seu logar; e que a isso tendiam as citações atrás referidas.

Chegára-me portanto a vez de ficar calado e assim fiz.

D. João gostou indubitavelmente; mostrava-se satisfeito e disposto a continuar nas suas citações, quando alguém nos fez parar. Estavamos defronte do D. Maria. Falou-se de theatro dramatico, da falta de actores, da inferioridade do publico. Mas, partido o critico, continuámos para o lado do Internacional. E mais uma vez fui dizendo ao D. João da Camara que os dramaturgos portuguezes são os unicos culpados da não existencia de bons actores, e elle principalmente, como o que mais poder tinha de crear vida, de crear typos inconfundiveis e reaes. E mais uma vez lhe apontei tambem o que se conta de Goethe e dos actores por elle formados: que nunca os houvera assim na Allemanha.

Em apoio d'este modo de vêr e da acção dirigente que julgo necessaria para melhorar o nosso theatro, chamei a sua attenção para o facto que se dá com todos os interpretes d'obras d'artes, os cantores e os concertistas que, como os actores, soffrem de uma doença que começa a atacá-los desde a primeira vez que agradam ao publico. Por menor esforço, por vaidade, por lisonja para com o publico inferior que os applaude numa communiidade de sensações estheticas rudimentares, vão a pouco e pouco antepoando as suas por vezes insignificantes personalidades ás dos auctores que interpretam. E assim transformando, invertendo os caracteres, chegam a desnaturá-los até ao ponto

de se illudirem, suppondo de criação sua a obra que executam, os typos que encarnam.

Aqui D. João interrompe-me para me dizer jovialmente:

— Você não ha-de querer que elles sejam todos Novellis, Zacconis, ou Duses. E olhe que até esses se enganam, meu caro Arroyo.

Que responder a quem sempre encontrou uma taboa de salvação a offerecer a quem muitas vezes não só não merecia o seu auxilio, como só deveria contar com uma attitude severa e rude da sua parte!...

Fiz por isso desviar a conversa para terreno menos ingrato e falei-lhe da sua nova peça. Elle disse-me que só fizera duas sce-



O ACTOR BRAZÃO

No D. Fuas do «Alcacer-Kibir»

Padre. Diga, Margarida  
(lêta resista, Paulo olha para elle tramando, Esperança, enerte.  
ae ao Padre)

Mosca (dentra cantando)

Teu malmequer dese. muito,  
E dese o meu. mal. me quer.  
Em te sómente en pensava,  
Em quem seismavas, mulher?

Padre Ainda não. Lebeja um jobresinho. A esmola e a oração eis  
os verdadeiros caminhos para obter a protecção divina  
Deus no esente. Esmola para o cego.

Scene 21

Os mesmos, cego e Mosca.

Cego (entra) Esmola para o cego

AUTOGRAPHO DE D JOÃO DA CAMARA

Trcho da peça inedita «Um milagre de Santo Antonio», em collaboração com Eduardo Schwalbach e Henrique Lopes de Mendonça

nas das *Comadres de Panoias*; que as deixára a conversar á porta de casa. E que ultimamente havia traduzido em francez a *Meia Noite*. Havia de m'a lêr para eu lhe dar a minha opinião.

Pedi-lhe vivamente que não abandonasse as peças portuguezas, as suas lindas peças alemtejanas. Porque eu estou em dizer que, apesar da anarchia romantica que domina numa grande parte da obra de D. João da Camara, d'esse romantico incorrigivel, ninguem como elle sentiu a poesia da vida rural do sul do nosso paiz; ninguem foi tão portuguez, tão genuino e honesto na actual litteratura dramatica, como D. João. Ninguem como elle soube evocar a simplicidade ingenua e os conflictos sentimentaes das almas puramente portuguezas e populares. E, ainda nos momentos em que o dialogo apparece falseado pelo espirito romantico e por convencionalismos litterarios que o prejudicam, ainda ahi o seu poder de evocação é tão sincero, a sua visão tão exacta, que as figuras pouco perdem da sua absoluta realidade. Vivem e movem-se de facto, não são de pau.

D. João creára assim uma galeria de typos portuguezes inconfundiveis e geralmente authenticos. E pena foi que a galantissima criação do D. Fuas do *Alcacer-Kibir*, esse interessante e original symbolo do amor da patria portugueza, fique isoladamente como unica figura d'uma serie que D. João, melhor e mais conscientemente do que ninguem, podia evocar: a da classe em que nasceu.

Mas a esse tempo já o D. João me não ouvia. O seu espirito havia fugido para longe. Provavelmente *Os velhos*, por natural associação de idéas, levaram-no a pensar nos novos; porque elle passou então a falar-me d'um dos seus assumptos favoritos: — *Os seus netos*.

— O mais velho, o rapaz, é d'uma ternura inexcédível, contava, sorrindo; é serio como um homem, muito bomsinho e já todo cheio d'attenções (para elle certamente, o avô infinitamente carinhoso e tolerante). Mas a minha neta, essa é brava; e muito viva...

Nisto, interrompendo-se bruscamente e como que possuido de um grande remorso, pergunta-me olhando receioso, mas muito persistentemente, para mim:

— Você não acha, ó Antonio Arroyo, que a responsabilidade dos avós não é como a

dos paes?... Os avós são outra cousa; podem escolher, podem ter preferencias. Os paes não. Eu confesso que gosto egualmente de todos os meus filhos.

E em voz grave e muito doce, voz d'artista que me encantava e me enternecia, fez-me então, em confidencia, a descripção de cada um d'esses seres que comsigo trazia sempre no coração, que o adoram e hoje e sempre hão-de chorar a perda irreparavel d'esse homem d'eleição.

Eramos chegados á porta da sobrinha do D. João. Apertei-lhe a mão por ultima vez e fui pensando que já por pouco estaria a vida do meu nobre amigo. Ha tempo até que já o vinha pensando. D'essa trindade d'amigos que por tantos annos trabalharam juntos e no mais «alegre convivio», como disseram no *Burro do Senhor Alcaide*, Gervasio Lobato, Cyriaco de Cardoso e D. João da Camara, só elle restava. Cada um d'elles supposéra mais do que devia das proprias forças; e morriam novos, em pleno vigor de talento, a mente cheia de projectos, cercados de affectos e d'esperanças. Mas mal cuidava eu, apesar d'isso, que poucos dias depois o meu caro amigo succumbiria por seu turno.

Tinha morrido o conde da Ribeira Grande, o irmão querido, o chefe da casa. D. João apparentava a mesma calma de sempre. Mas o golpe fôra profundo e o seu abalado organismo não pode aguentá-lo por muito tempo. Ainda festejou, ou apparentou festejar, com os seus, os 55 annos que completava a 27 de dezembro. No dia seguinte porém, logo de manhã, sentiu-se ferido de morte. Conheceu-o. As lagrimas corriam-lhe pelas faces, o peito arfava-lhe em suspiros dolorosos, olhando para os filhos. Acabára tudo.

E na ultima visão d'artista, no delirio da febre, foi o fim de tudo que elle evocou, assombrando, e commovendo ainda mais, os seres que cá deixou em eterna saudade.

Essa robusta organização não pode por mais tempo resistir a quem lhe exigira mais do que devia, sem conta, peso nem medida. Apesar d'isso foi preciso sangrá-lo duas vezes: ainda tinha sangue de mais. Mas a sua vida de romantico fôra tão intensa, cortada de tão violentos incidentes e tão descuidadamente tratada, que os cuidados da medicina chegaram tarde e a más horas.



OS AUCTORES E OS INTERPRETES DO «ZÉ PALONSO»

*Sentado, o actor Taborda; em pé, da esquerda para a direita, os actores Dias e João Rosa, a prima-dona Helena Theodorini, Gervasio Lobato, actor Valle, D. João da Camara, actriz Jesuina Marques, Henrique Lopes de Mendonça, actor Mello e actriz Amelia da Silveira.*

Quasi todos os românticos morreram novos. Parece que andaram na guerra, ou que foram á Terra Santa.

D. João presumiu de facto mais do que devia da sua rica e vigorosa organização. Mas quem o não faria no seu caso, amando tudo e todos como elle amou, dispendendo tudo pelos outros, trabalhando com a facilidade e maleabilidade proprias do bello e nobre talento que possuia, e possuindo tambem o mais completo desprêso pelas grandezas da terra?

Dava tudo sem contar: trabalho physico, talento, ternura, dinheiro. E só se sentia verdadeiramente feliz, parece, quando já nada lhe restava.

Mas a complexidade do seu espirito, e do seu modo de ser, não se comprehende bem sem se lhe conhecerem as suas obras vi-

vas, os seus filhos. Todos diversos pelo temperamento, pelo character, pelo talento; as filhas ninguem as pode sonhar mais lindas, mais graciosas, mais bondosas, nem mais senhoras.

Mas todos elles e todas ellas, se attentarmos bem, todos e todas se continham na pessoa do pae. De modo que, ouvindo ou vendo um d'elles, uma d'ellas, é sempre uma porção do pae que ouvimos ou vemos. Difundiu-se, dispersou-se na mais encantadora e nobre geração que é dado ter. Dando a cada um muito, como deu, nunca comtudo pode tanto quanto possuia. Não admira pois que se illudisse, que imaginasse que ainda lhe restava muito para gastar.

Morreu porém com a resignação de um santo, como só um grande e nobre espirito sabe morrer.

E no doloroso transe quem mais me impressionou, definindo-o com a maxima simplicidade, foi a sua nobre companheira, a mãe de seus filhos. Ella que fôra mulher de um artista, d'um grande artista, com a aggravante de ser um romantico incorrigivel, de possuir a adoração de quantos o conheciam e o roubavam á casa e á familia, ella disse-me apenas estas palavras:

— O João era um santo!...

Depois commoveu-me ainda profundamente

6 janeiro 1908.

o aspecto das gentes que fui encontrando no percurso do cortejo funebre que levava o D. João ao cemiterio. Só vi rostos tristes e compungidos.

E' que todos lhe queriam do fundo d'alma. E não era só pela sua infinita bondade. Quero crêr que viam nelle o poeta do Sul, o poeta afim com elles, sentindo muito mais, superiormente, mas sentindo como elles sentem.

E este foi o ultimo passeio de D. João da Camara.

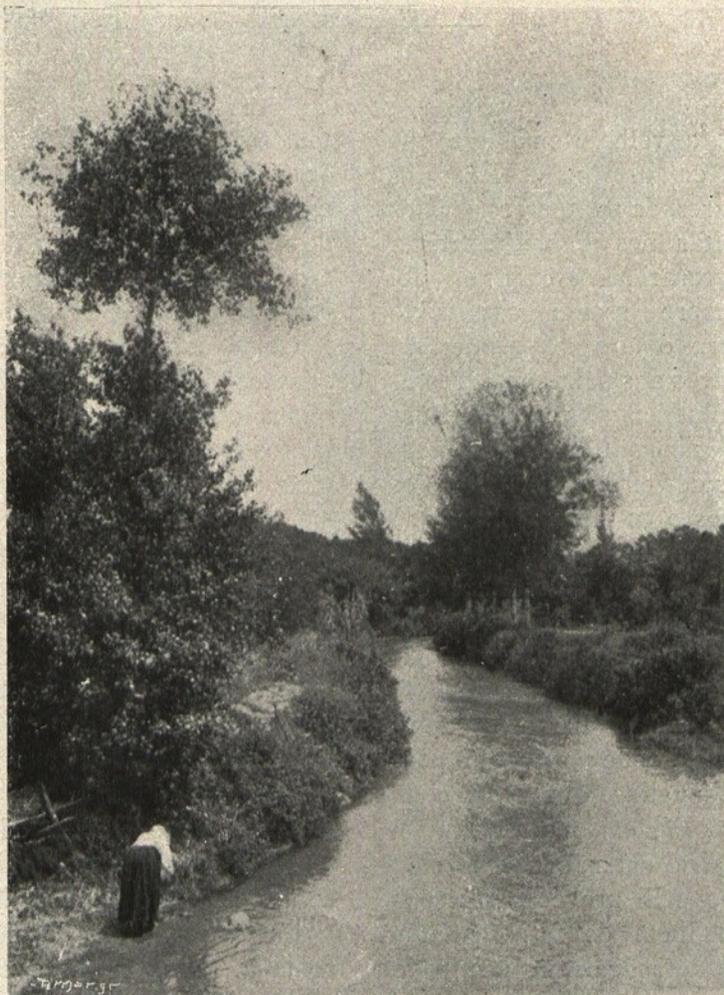
Era o seu espirito peregrino que passava.

ANTONIO ARROYO.



## Quinto concurso photographico dos Serões

MENÇÃO HONROSA



Um trecho do rio da Areia (Vallado)

Phot. de Cesar Coelho da Silva, Nazareth



O COVIL DO TIGRE  
Quadro de Gustavo Surand

## Féras, jaulas e domadores

**D**ESDE a velha Roma, em que se enjaulavam os leões, os tigres, as pantheras, para os soltar nos amphitheatros a devorarem os christãos, foi sempre prazer captivante para o homem prender em jaulas as grandes féras dos paizes mais remotos do globo; e a influencia sobre ellas exercida pelos *domadores* constituiu sempre o assombro das platéas dos circos. Tinham-as os imperadores romanos e os ricos senhores da velha Roma, nos seus jardins e opulentas mansões e, seculos depois, os reis portuguezes orgulhavam-se, desde D. João I, de as ter junto aos seus palacios. Houve as *leoneiras* na Alcaçova, e outras féras, como o rhinoceronte e o elephante, povoaram os baixos do sumptuoso paço da Ribeira, onde por seculos persistiu a tradição manuelina, que reviveu no reinado de D. João IV, em que a jaula foi convertida em leoneira, chamando-se ao sitio d'ella *pateo do leão*. Allí provocou o insensato Affonso VI a lucta da féra com um touro, que mandou introduzir no acanhado recinto.

Modernamente, não só em todos os paizes cultos se estabeleceram as grandes *ménageries* e os jardins zoologicos, como até constan-

temente se exhibem nos logares publicos arrojados domadores, com as mais diversas especies de féras, em jaulas, constringendo-as perante o pasmo do publico, a executar exercicios e a obedecer, mais ou menos recalcitrantes, ás suas imposições.

Como conseguem os domadores educar e amestrar estes animaes ferozes? E' o problema que ultimamente tem sido objecto de largos estudos scientificos. O celebre F. Bostock escreveu a este respeito um curiosissimo livro, intitulado — *A educação das féras*, o qual se acha vertido em francez por miss Lilian Holbrook, sob o titulo de *Le dressage des fauves*.

E' erro imaginar, diz o auctor, que as féras tiradas ás mães de tenra idade são as mais faceis de domesticar.

Apanhada a féra aos 2 annos de idade, e sujeita então á acção intelligente e bem dirigida do domador, educa-se e torna-se obediente. Bom alimento, cama fresca e descanso obrigado abatem-lhe a ferocidade.

Emquanto a féra dorme, o domador acorrenta-a. Passa depois a metter-lhe na jaula uma cadeira de ferro, á qual a féra se habitua; e na qual por fim, o domador vem sentar-se. A féra atira-se a elle, mas o domador foge, esconde-se atraz da cadeira,

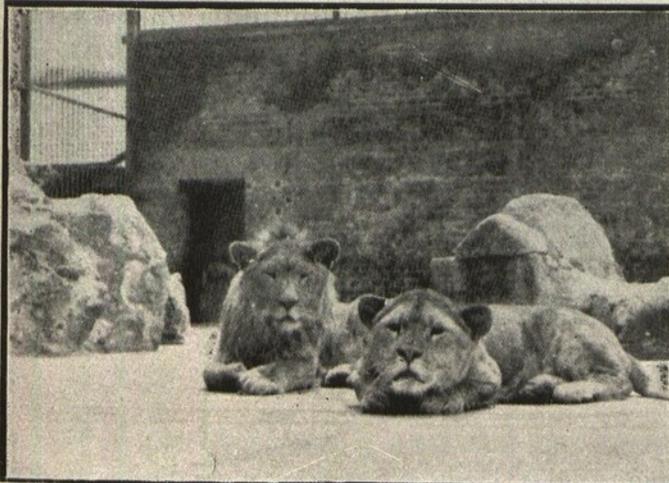
fustigando severamente o animal. Por fim, este raciocina, como o faria uma criança, e acaba por compreender a inutilidade da lucta contra aquelle que lhe dá de comer. Pouco a pouco, a féra vai-se domesticando, até chegar o momento em que o domador se arrisca a acaricial-a, e as caricias são geralmente o elemento mais importante para a dominação do homem sobre ella.

O domador que possui qualidades excep-

Forçoso se torna então isolal-a em jaula especial, para evitar encontros, que não raro degeneram em lamentaveis tragedias.

Bostock e quasi todos os domadores confessam não perceber as causas que determinam nas féras esta irascibilidade perigosa. Suppõem-na uma doença, variavel entre a loucura e a hysteria. Mr. Gruger, porém, que se occupa do caso n'um estudo proficiente e curioso, aprecia da maneira seguinte o facto.

Se encerrarmos em cella fechada uma pessoa sã, é facil sobrevir-lhe a raiva e a loucura. Quanto mais viva fôsse antes a sua intelligencia tanto mais rapidamente enlouquecerá. O mesmo succede com os animaes. Se aprisionarmos um tigre ou um leão, e o mettermos no porão de um navio ou n'uma jaula de ferro; se depois o coagirmos aos tractos e ás torturas inflingidas pelo domador

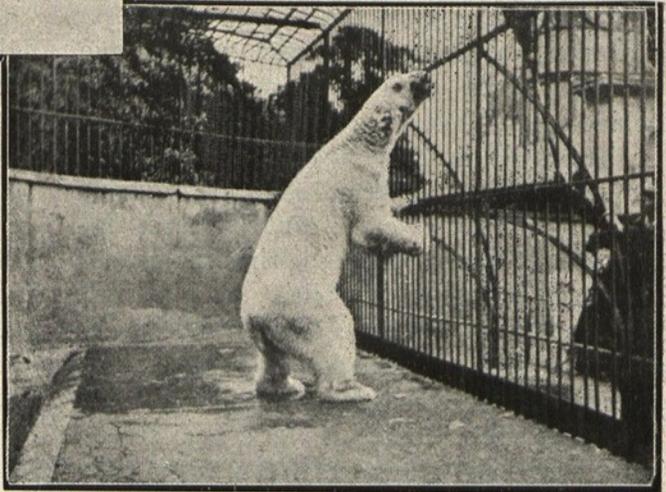


LEÕES DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

cionaes de força, de valentia, de lealdade, de sangue frio, olhar fascinador e espirito tranquillo, consegue mais facilmente dominar as féras e obter d'ellas os assombrosos resultados que todos os dias admiramos nos circos.

Não pôde porém contar nunca com a amizade fiel de semelhantes animaes, cuja intimidade é sempre perigosa. Sem que possa saber-se o motivo, é facto averiguado que o character e sentimento da féra mudam repentinamente, e o animal manso e submisso converte-se de subito em féra rebelde, inacessivel, caprichosa, que a todo o transe procura a occasião propicia para tirar cruel vingança do seu dominador.

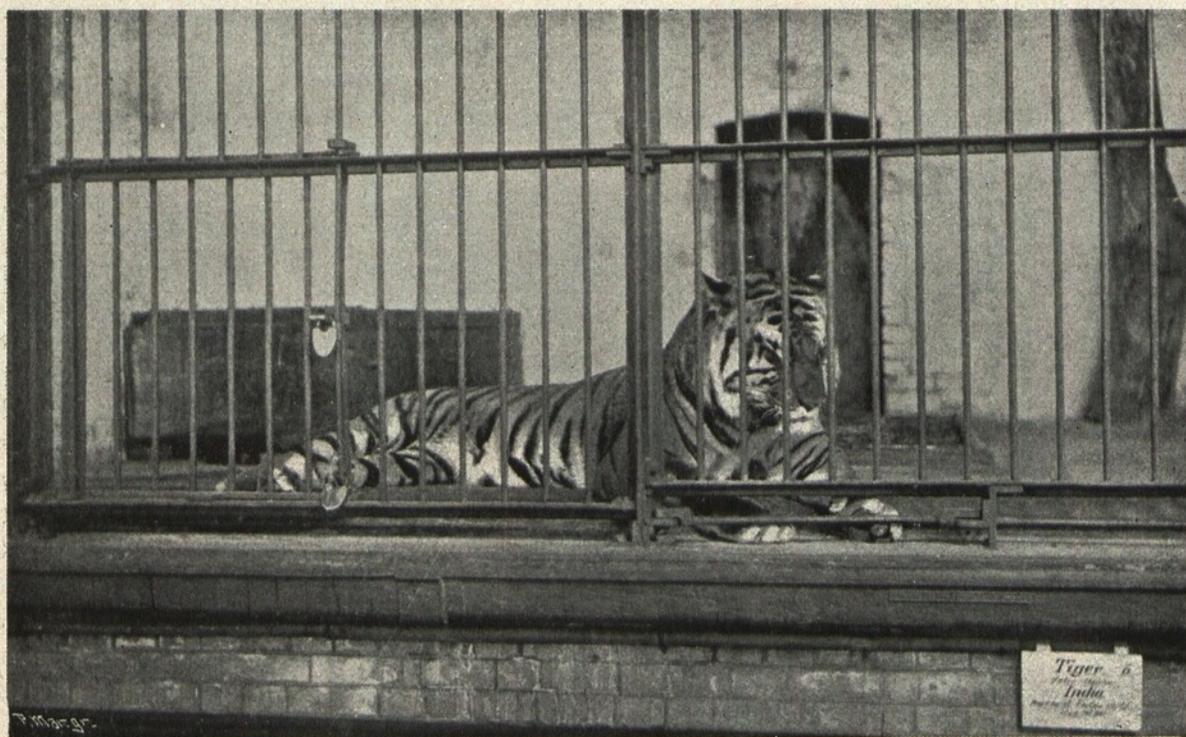
E' tão inconsciente, tão notavel esta mudança repentina, que os domadores e os sabios zoologos, que d'este assumpto largamente se teem occupado, chegaram a convencer-se de que uma especie de loucura ou hysteria, uma doença violenta, acomete a féra, dando-lhe a *irascibilidade* invencivel.



URSO POLAR DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

para o obrigar a exercicios acrobaticos, o animal embrutecido, dominado, submete-se; mas pouco a pouco vai crescendo dentro d'elle uma onda de revolta, que avoluma de dia para dia, até explodir de subito n'um acto violento de vingança. O domador então, habituado a vêr no animal uma machina obediente, um barro amoldavel aos seus caprichos e explorações, fica estupefacto ante a colera da féra.

Numerosos casos se registam em que os domadores são victimas das féras, que antes tão tranquilamente lhes obedeciam.



TIGRE DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

Conta um d'elles, que uma vez em que trabalhava com o seu leão, não tendo percebido que n'elle se déra a mudança que acabamos de descrever, teve por qualquer pequeno indicio, a intuição de que, quando estava mettendo a cabeça na bocca escancarada da féra, esta dava os primeiros signaes de irascibilidade contra elle.

Pensou rapidamente que retirando a cabeça com precipitação o desenlace seria fatal; procedeu pois como de costume, retirando a cabeça das fauces da féra, com serena mansidão. Mas, antes de o fazer por completo, o leão furioso fechava as mandibulas, apanhando-lhe ainda a extremidade do queixo.

Não menos ameaçados andam os guardas encarregados de tratar estes ferozes animaes nos jardins zoologicos e nas *ménageries*. Bastantes vezes as féras, que aliás os conhecem e lhes demonstram uma certa estima, se reviram contra os tratadores. Assim succedeu com o grande tigre Rajah, da collecção de Bostock, o qual n'um momento de ira esmigalhou com os dentes a cabeça do tratador, que morreu dias depois.

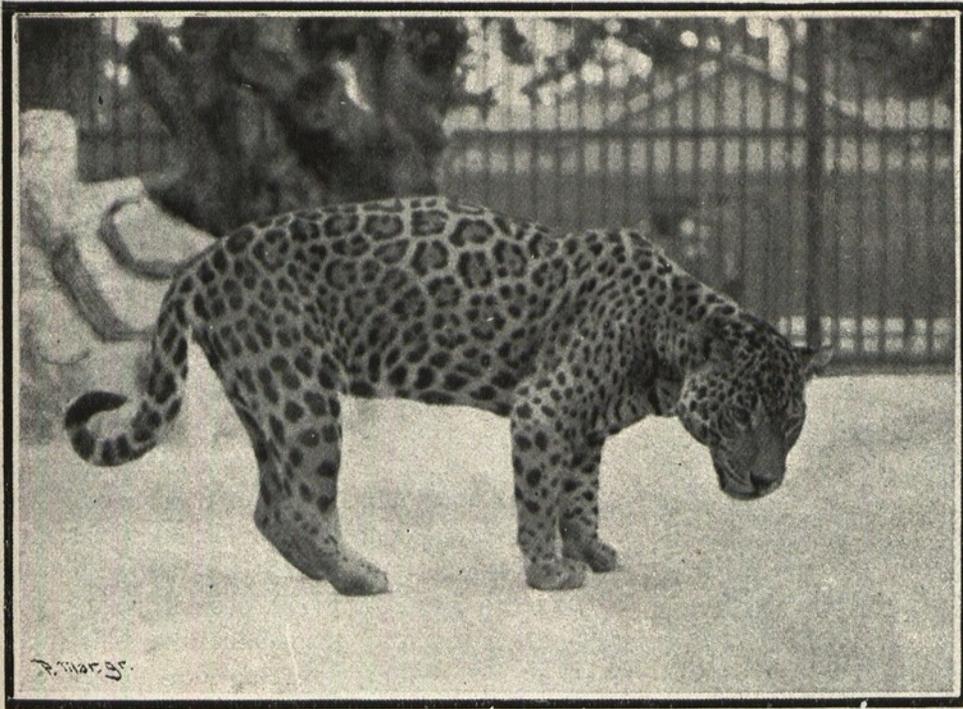
A estes accessos de ira estão sujeitos mesmo animaes de maior domesticidade, como os elephantes. O celebre domador in-

glez Jorge Lockart foi, n'um d'estes ataques de ira de um elephante fugitivo, que elle perseguia, arremessado violentamente contra um wagon e esmagado n'um momento.

A condessa X, que em 1900 exhibiu no Colyseu dos Recreios de Lisboa os seus 14 leões selvagens, viu a morrer mezes depois nas garras de um d'elles; e o tigre *Cazar*, da magnifica alcatéa de 10 ferozes corpulentos e lindissimos tigres de Bengala, que ha pouco fôram apresentados no mesmo Colyseu, matou em New-York, n'uma horripilante scena de sangue, um dos seus companheiros e o ajudante do domador, o allemão herr Herwicksens, que traz em todo o corpo as cicatrizes demonstrativas da ferocidade dos animaes por elle apresentados.

Ainda ha dias, n'um spectaculo, ia sendo trucidado por uma das féras. Valeram ao domador a sua valentia e agilidade, pondo-se de um salto fóra do alcance do tigre revoltado, e compellindo logo com energia todas as féras a recolherem á jaula. O domador ficou ainda com a mão direita muito ferida e com o calção dilacerado pelas garras do carnivoro.

E não é só contra os tratadores e domadores que as féras se encarniçam n'estes accessos de furor. Nas féras captivas é vul-



JAGUAR DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

gar vêr-se que, perdendo o natural instinto maternal, devoram ou matam os seus proprios filhos. A Academia franceza acaba de interessar-se por este curioso assumpto, a respeito do qual o sr. Trouëssart apresentou já duas interessantes Memorias, tomando por thema o caso recente da morte do pequeno hyppopotamo, nascido no jardim das Plantas de Paris, em 15 de agosto ultimo.

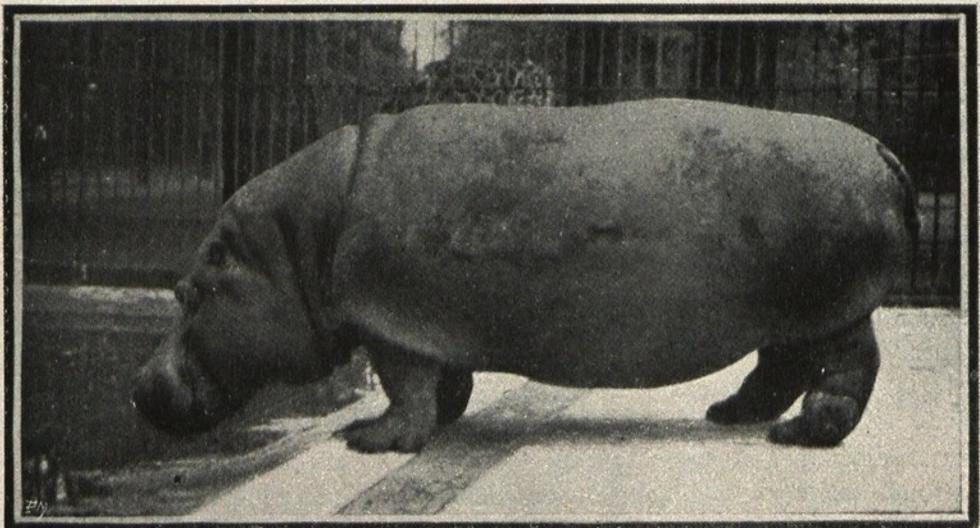
Como se sabe, estes corpulentos mamiferos attingem grandes dimensões. Aquelle que o explorador Henrique de Carvalho nos conta ter sido morto pela sua expedição no rio Cuengo, em 1885, apesar de ter apenas dois annos de idade, media 3<sup>m</sup>,80 da cabeça á raiz da cauda, com a altura de 1<sup>m</sup>,50. A cabeça, cuja ossada se vê no museu da Sociedade de Geographia, ti-

nha 0<sup>m</sup>,70 de comprido.

O hippopotamo parisiense rece mnascido, a quem deram o nome de *Marius*, era filho de um casal senegalense, que alli se conserva ha dez annos. Tem este casal tido filhos por diversas vezes, mas a mãe recusa-se sempre a amamental-os. Na previsão de succeder o mesmo mais uma vez, deram-lhe agora como amas

de leite oito cabras, que forneciam ao todo 12 litros de leite por dia. Apesar dos cuidados que o director do jardim ordenou, o *Marius* morreu ao fim de 15 dias, victima de uma infecção purulenta nas feridas causadas pelos maus tratos da mãe.

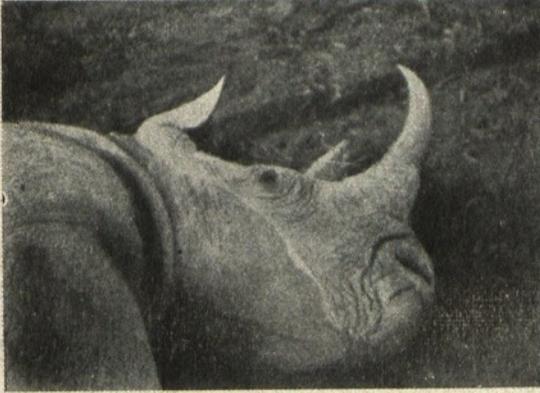
E' de notar que a femea do hippopotamo em liberdade manifesta pelos filhos grande amor maternal. Assim o constatam os viajantes africanos. Mesmo captivas, algumas conservam este sentimento. E' o que succedeu com o exemplar existente no Jardim Zoolo-



HIPPOPOTAMO DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

gico de Londres, onde a mãe, depois de um parto laborioso, durante o qual soltava lancinantes e aterradores urros, começou a lamber ternamente o filho e prodigalizou-lhe os maiores disvelos, enquanto viveu.

Não assim os do jardim zoologico de Amsterdam, onde em 1862 nasceu o primeiro hippopotamo em terras europeas, o



CABEÇA DE RHINOCERONTE BRANCO

qual, como outros que vieram posteriormente, morreu, victima de maus tratos dos paes.

E' frequente isto mesmo nas leõas.

Por este motivo o *rei dos animaes* se acha ao presente tão mal representado no nosso Jardim Zoologico. De um bello trio que alli houve a principio, vingaram muitos filhos, dos quaes o primeiro, o leão *Gambetta*, veiu a fallecer em 1890. Do segundo casal porém nunca vingou a prole. A mãe, que é a leõa viuva, unico exemplar que hoje alli se admira, devorava os filhos logo depois de nascidos, e os poucos que escaparam a esta ferocidade, morreram de doença.

No curioso *Dietario* de S. Bento, manuscrito da Biblioteca Nacional, lê-se uma noticia que interessa ao assumpto. Cita-se alli o exemplo raro de um casal de leões, vindos de Tunis, e que em Paris procrearam dois cachorros, que não vingaram. Dizia-se então não haver registo de mais de dois casos de leões nascidos na Europa, um na casa de feras de Florença, e outro em Napoles. E comtudo, o leão é animal tão conhecido no sul da Europa como no norte de Africa, desde tempos immemoriaes. Resta ligada a sua tradição nos monumentos: na Alhambra, na fonte dos leões; nas *leoneiras* da Alcaçova e no *pateo dos leões* nos paços da Ribeira, em Lisboa, como na *porta dos leões*, em Marrocos.

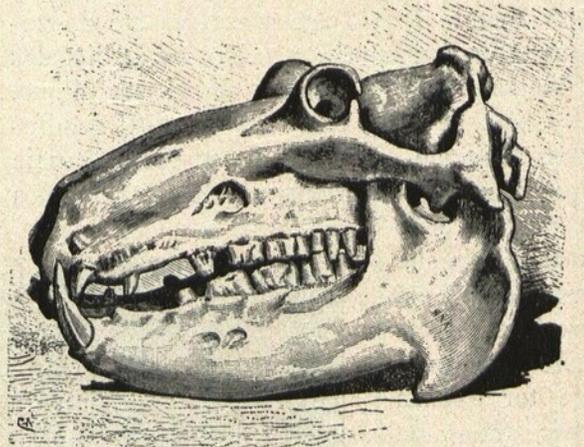
De outras feras se tem obtido no nosso Jardim Zoologico a reprodução. Estão n'este caso o leopardo, os ursos, os lobos, os javalis e alguns quadrumanos.

Em regra, os domadores de feras tomam a seu cargo a criação das que nascem nas *ménageries*. Geralmente os leõesitos ficam só quatro a cinco semanas com a mãe. A difficuldade está no apartamento.

Chama-se a leõa a outra jaula, e apanham-se os filhos quando a colhem distrahida. Não tardam depois as demonstraões violentas de raiva e de desespero. A leõa, enfurecida, agitada, percorre a jaula em todas as direcções, como louca, urrando e bramindo, atirando-se contra as grades, escutando attenta, e soltando verdadeiros gemidos de dôr se ouve ao longe os gritos dos leõesinhos.

Os ursos são os animaes que mais facilmente accitam o ensino dos domadores; por isso é tão vulgar o velho uso dos ursos trazidos pelas ruas e praças, feiras e festas da provincia, dansando, pulando e urrando ao som do tambor e ao aceno da vara do cigano que os domesticou.

Não ha muitos dias presenciamos os frequentadores do *Paraiso de Lisboa* o curioso espectáculo de 14 ursos brancos polares,



CRANEO DE HIPPOPOTAMO

corpulentos e de magnifico aspecto, apresentados pelo domador Albers, não só executando diversos trabalhos acrobaticos e de lucta corpo a corpo com o arrojado dono d'estas perigosas feras, como tambem banhando-se no lago, em cujas aguas se despenhavam por um plano inclinado. Os ursos escuros, são já muito conhecidos do publico



O DOMADOR  
HERR HERWICKSENS

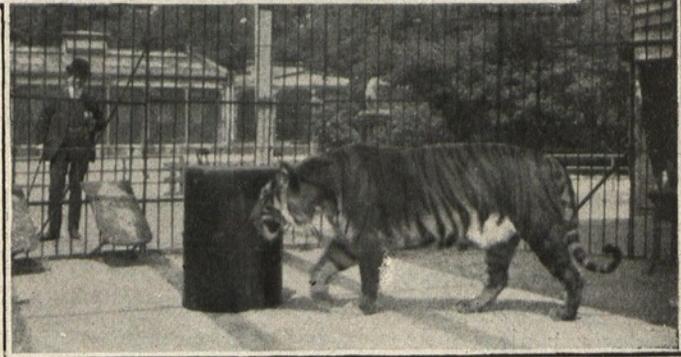
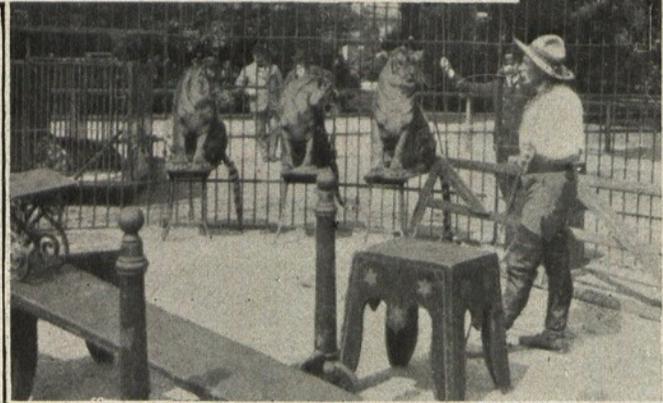
da capital, que tem tido amiudadas ocasiões de os admirar no Colyseu, onde igualmente o empresario, sr. Santos, tem apresentado elephantes, leões, tigres, phocas, e outros curiosos animaes exóticos.

Realiza-se todos os fins do anno em Hamburgo, uma grande feira, curiosa e interessantissima, na qual não só abundam os mais variados espectaculos, como principalmente se admira o notavel mercado de animaes ferozes. Existe tambem naquella cidade, além do riquissimo Jardim Zoologico, rival do opulento Jardim Zoologico de Anvers, um celebre negociante de feras, Karl Hagenbeck, que em Stelligen, nos arredores da grande cidade commercial, mantem em terrenos vastissimos, uma singular cidade de feras. N'um terreno cercado de fossos largos, vivem os animaes em plena liberdade, em florestas, cavernas e lagos.

E' alli que vão abastecer-se dos exemplares raros, que pelo mundo apresentam em maravilhosos espectaculos, todos os domadores; é d'alli que se fornecem os jardins zoologicos de toda a velha Europa.

O Zoo de Hamburgo occupa 36 ares de terreno, aos quaes o proprietario tenciona accrescentar outros tantos, e foi construido em

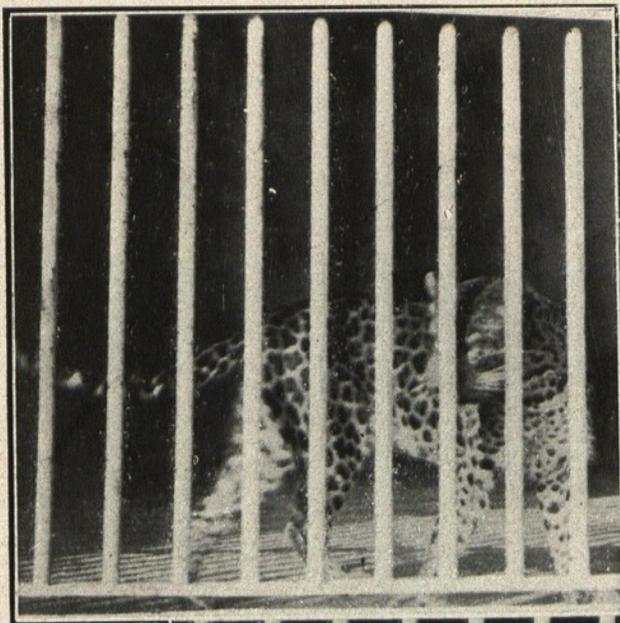
trez annos. Servido por uma avenida propria, com carros electricos em carreira para Hamburgo, o Zoo abre



OS TIGRES DE BENGALA  
QUE ESTIVERAM NO COLYSEU DOS RECREIOS EM 1907

## Féras do Jardim Zoológico de Lisboa

por um portal magnífico ornado de estatuas de bronze representando féras e animais. Dentro ha cavernas, grutas, lagos, pontes, e montanhas simulando serranias alpestres. O que é de veras original é a maneira porque os leões, e outras féras perigosas se exibem ao publico, sem grades de ferro, sem jau-

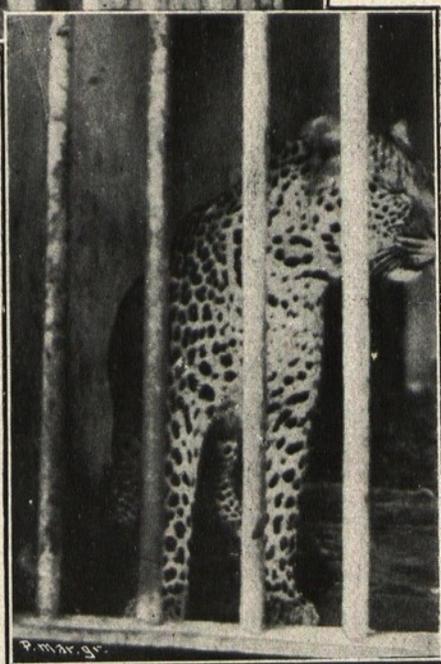


CARLOTA, LEÔA DO SENEGAL  
NASCIDA NO JARDIM ZOOLOGICO

A PANTHERA  
SULTANA



O URSO DOMINGOS



OLEOPARDO

*Offerta de S. A. o Principe Real*

las nem prisões apparentes. O recinto onde vivem é constituído por grutas, cujo fundo e leito são formados por altas e escarpadas rochas inacessíveis, ao passo que pela frente, entre ellas e o publico, corre um fosso largo e profundo cheio de agua. Pela montanha, simulando as regiões arcticas, ha um lago com as phocas e pinguins; mais além vivem os ursos polares. Nas planuras vagueiam em liberdade os bandos de camelos, de dromedarios, de girafas, de zebras, de antilopes, etc.

A collecção de animaes, alguns raros e de muito valor, é enorme e preciosa. Só a população do Zoo está avaliada em 50:000 libras, mais do que o dobro do valor das collecções riquissimas do Jardim Zoologico de Londres.

Bastará dizer que por occasião da visita de um naturalista, que escreveu a sua impressão pessoal, havia alli 53 leões, 7 tigres de Bengaia, 4 leopardos, 4 rinocerontes da India (animaes que não apparecem nos mercados ha mais de 35 annos), 3 elephantes de Africa, etc.

Pelo parque, bellamente ajardinado, ha os pavilhões, os restaurantes, em um dos quaes a sala de jantar pode conter 700 pessoas á mesa, os lagos e ilhas, brinquedos e divertimentos para creanças, carrinhos, elephantes, poneys, camellos e zebras empregados em transportes, tudo enfim quanto possa tornar este jardim attrahente e agradavel.

Junto á *ménagerie* está a habitação de Hagenbeck, o grande negociante, cujo aspecto simples e tranquillo nada revela do seu temeroso mister. O domador leva em Stéllingen uma vida patriarchal, no meio d'esses companheiros muito pouco amaveis, tigres, pantheras, leões, e outros animaes bravios. Ao lado da residencia de Hagenbeck está o circo destinado ás lições de ensino das feras e animaes, que em roda se admiram, distribuidos em jaulas.

A' força de verem o domador, diz Hagenbeck, as feras perdem as tentações de o devorar. E' um pouco o que succede aos caixeiros de confeitaria, que já raras vezes provam os bolos que vendem aos outros. A's primeiras investidas porém o perigo é grande e tornam-se necessarias mil precauções. A mais importante é verificar se as feras almoçaram abundantemente, e depois esperar que façam a digestão socegada.

«Assisti, conta o viajante, que visitou a *ménagerie*, a espectaculos extraordinarios. Um rapazito sentado tranquillamente dentro de uma jaula cheia de leões e de ursos, fumava com gosto a sua cachimbada. Outro domador jogava o eixo com alguns ursos brancos, sobre os quaes pulava alegremente. Outro ainda fazia o mesmo a uma hyena, das chamadas *rieuses*, das que riem com um riso sinistro, ao passo que outro dava leite por uma mamadeira a um leãozinho.

«Nos vastos terrenos da *ménagerie* va-

gueavam á solta os mais variados animaes, esvoaçavam aves de rara plumagem, ao passo que em manadas corriam os camellos e os cavallos da Siberia.

«Uma verdadeira arca de Noé, a mais phantastica do mundo, posta alli á disposição dos visitantes.»

A minha idéa ao estabelecer este Zoo, diz Hagenbeck, foi crear um parque modelo com feição natural, como eu entendo que de futuro devem ser os jardins zoologicos, que forçosamente hão de vir a estabelecer-se em todas as cidades de uma certa importancia. N'esta justa comprehensão scientifica o sr. Ernesto A. Gomes de Sousa, illustre capitão de fragata e director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda, apaixonado cultor das sciencias naturaes, creou e sustenta em Loanda um jardim zoologico, importante nucleo de animaes bravios das colonias africanas, de onde generosamente tem remettido para o Jardim Zoologico de Lisboa mais de cem exemplares interessantes e valiosos.

N'este, de Lisboa, ha um exemplar muito notavel da domesticação de uma féra.

E a *Sultana*, panthera nascida no Cacondo, onde a deram de presente ao commissario de bordo, sr. Alfredo da Fonseca. O animal fôra creado a *biberon* pelo francez mr. Pierre Puvet, que o conservou até aos 18 mezes, idade em que o offertou ao nosso compatriota, em 1904. A féra, emquanto nova, tornou-se mansa como um gato europeu. Não mordia nos brancos e apenas embirrava com pretos mal vestidos. D'este estado de domesticidade ainda hoje conserva vestigios mostrando-se sensível aos affagos que lhe fazem atravez das grades.

Contaram-me tambem o caso singularmente notavel de um orango-outango domesticado por um armador de navios, que o empregou em servir á mesa, n'um grande jantar de festa que offerecera a outros armadores e á tripulação do navio. O orango, muito desconfiado, ia comtudo fazendo o serviço como um ligeiro creado de hotel.

Mas n'esta especie, como na dos chimpanzês e de muitos outros quadrumanos, são perigosas as furias de irascibilidade. Haja em vista o succedido com a celebre *Joanna*, chimpanzé que durante muito tempo constituiu o maior attrativo do Jardim Zoologico de Lisboa.

Este chimpanzé, taes turbulencias praticou, agredindo n'um dos seus dias de irascibilidade o creado do seu antigo dono, o sr. dr. May Figueira, que este se viu constringido, para evitar maior desgosto, a deposital-o no Jardim, e a vendel-o por cento e tantas libras ao empresario Barnum, que depois o exhibiu como um prodigio pelas principaes cidades dos Estados Unidos.

\* \*

O dominio exercido pelo homem sobre as feras excita a curiosidade e fo interesse das multidões. E velha a tradição, narrada pelos chronistas romanos como Aulo Gelio, do caso singular do escravo Androcles.

Lançado este ás feras, no circo romano, o publico feroz que enchia o amphitheatro viu com assombro o grande leão da Numidia, encarar no escravo e lambel-o ternamente como mollosso fiel e submisso. O Cesar quiz

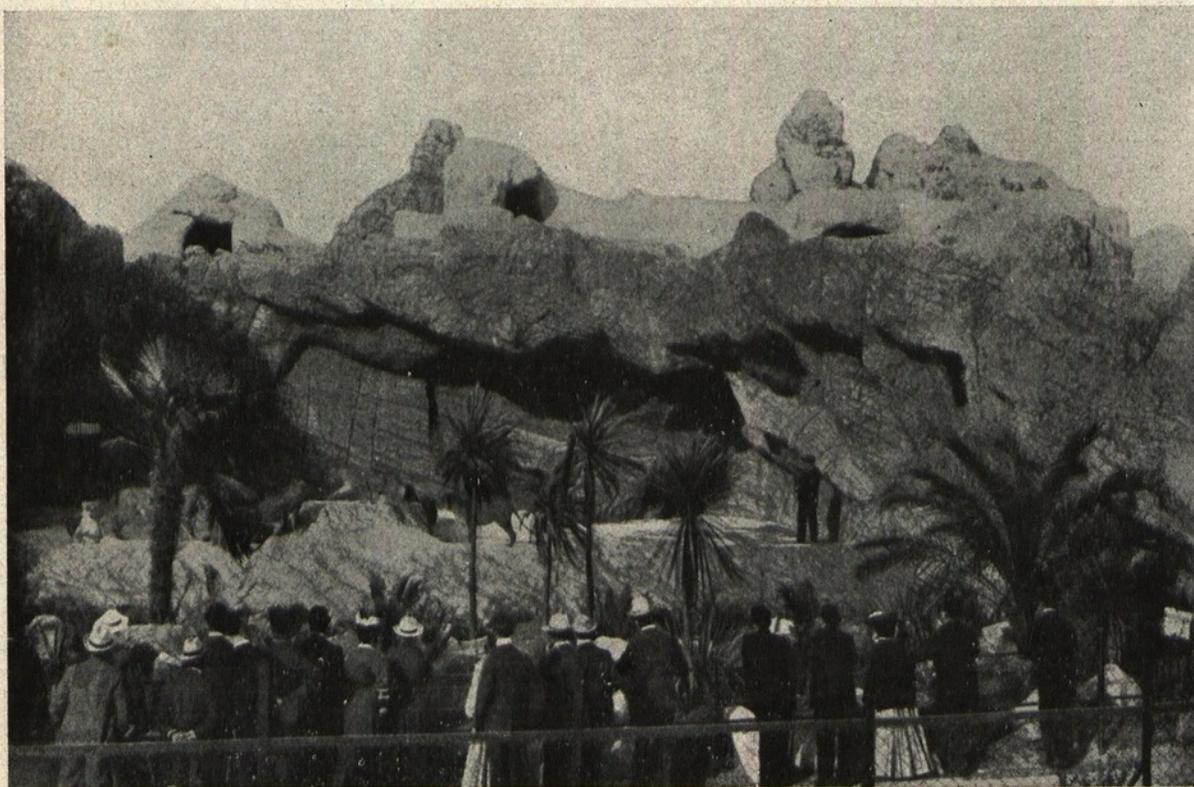
saber o motivo de tão extraordinario acontecimento, e perguntado o escravo contou que, andando fugido no deserto, se lhe de-



PARQUE ZOOLOGICO DE CARL HAGENBECK EM HAMBURGO  
VISTA GERAL DAS PRINCIPAES EDIFICAÇÕES

parára um dia o leão, coxeando com um espinho cravado na pata, soltando lamentos de dôr. Androcles, com mil cautelas, arrancou-lhe o espinho, e o leão, reconhecido, partilhou com elle a sua caverna, durante alguns mezes.

Quiz a boa sorte do escravo que viesse encontrar na arena o seu amigo leão da



A INSTALAÇÃO DOS LEÕES NO PARQUE ZOOLOGICO DE HAGENBECK

Numidia. O imperador perdoou ao escravo, e depois este passeava pelas ruas de Roma, trazendo o seu leão captivo, apenas seguro por uma fragil correia.

A tradição biblica conta-nos que o propheta Daniel, no anno 606 antes de Christo, fôra lançado á cova dos leões por ordem do rei de Babylonia, e que as fêras o deixaram incolume. Passou este facto á conta de milagroso; nos nossos dias porém, um caso analogo e sobremaneira notavel, se passou nas altas regiões da serra da Estrella. Narrou Castilho, com a sua penna de ouro, este lance inacreditavel. Um pastor que voltava de uma festa aldeã, com sua rabeça, caiu de subito no fundo de um fôjo, armadilha preparada para dar caça aos lobos, que infestavam a região. Alta noite, caiu junto d'elle um lobo, e o pastor vendo a féra recuar ao som inesperado que uma das cordas da rabeça produziu, começou a tocar e assim conseguiu dominar o lobo pelo terror, até que de manhã acudiram a salvá-lo. Este encantamento do lobo da serra, faz lembrar o muito conhecido influxo exercido pelos *encantado-*

*res* indios sobre a sensível Naja e outras serpentes da India, que o *jongleur*, com seus trajos amarellos e largo turbante na cabeça, arrasta atraz de si, ao som de um pequeno instrumento ou flauta caracteristica, obrigando aquelles perigosos ophidios a uma dansa singular, serie de movimentos cadenciados e extranhos, conhecidos pelo nome de *Dansa das serpentes*.

Ao passo que o *domador* obtem das fêras, animaes de instinctos *solitarios*, resultados com que se maravilham as plateias dos circos, outro resultado mais proficuo e admiravel obtem o homem conseguindo *domesticar* e avassalar aos seus designios, tornando-os seus auxiliares no trabalho, muitos animaes que antes viviam em bandos e manadas; assim, no decorrer dos seculos chamou á sociabilidade, o boi, o cavallo, o carneiro, a zebra, o cão, etc.

E assim vai conquistando, em prol da Civilização, auxiliares prestimosos, recrutados d'entre a vasta serie dos grandes animaes do globo.

Outubro — 1907.

Victor Ribeiro.

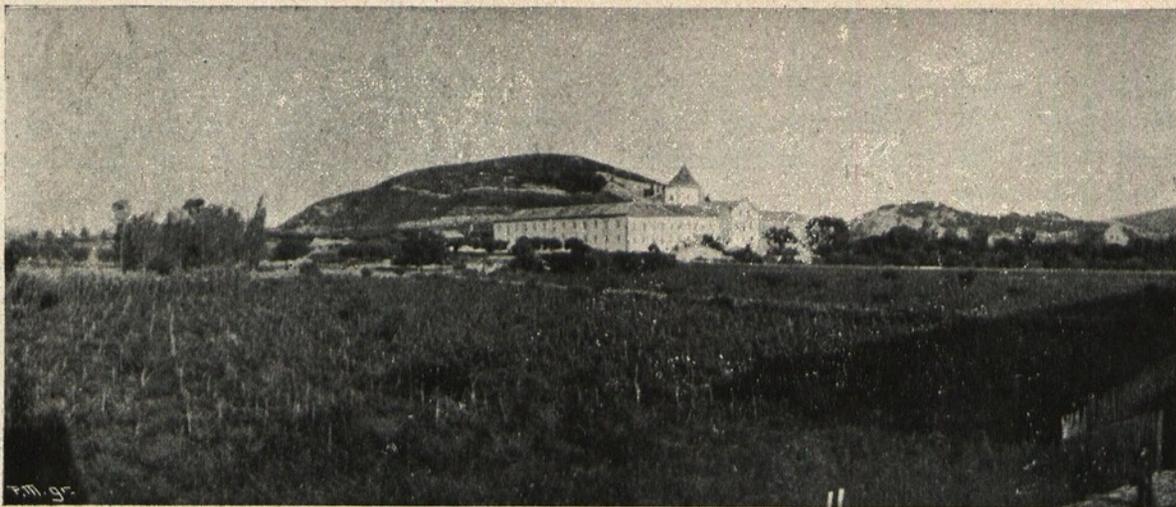
## QUINTO CONCURSO DOS "SEROES"

MENÇÃO HONROSA



Margens do Rio Douro (Espadanedo)

Phot. de Manóel Teixeira Monteiro, Porto.



VISTA DO ASYLO DE RUNA

# Velha guarda



EU avó, o general Eça, era commandante do Asylo d'Invalidos militares, em Runa, desde 1885.

Quem lhe visse a estatura aprumada e marcial, a ruga que, perpendicular, lhe sulcava a testa, os olhos verdes e penetrantes como gumes toledanos, tinha a consciencia de estar diante d'um forte, mas não podia suppôr que sob aquelle peito arcado e amplo de velho caçador se abrigava um coração d'immensa e quasi feminil sensibilidade.

Era assim que nas noutes d'inverno, quando o vento irado fazia rumorejar as arvores do valle e soltar assobios estridulos e continuos aos buzios do moinho, no outeiro sobranceiro ao palacio, elle, sentindo-se alegre e feliz no conforto do lar, rodeiado dos seus, transbordava de infinita piedade por aquelles que sem familia, no ultimo quartel da vida, ouviam desencadear a tempestade sós nos seus quartos, revolvendo na memoria o passado, sempre saudoso, mas que, para quem não tem ninguem, torna cabida a sentida phrase do Dante, tão real para tantos, e que

Musset alcunha de blasphemia n'uns encantadores versos que todos conhecem :

*«Dante, pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère  
Qu'un souvenir heureux dans le temps de douleur?»*

Eram ao tempo trez os officiaes, graduados e velhos, recolhidos n'aquelle estabelecimento.

O major Almeida, portuguez, curvo, alquebrado, obstinado inimigo da agua e do ar, péssimista tão dicaz que desde novo o conheciam pelo *Má Lingua*, a qual n'elle, pelo excesso, não chegava a ser defeito.

Quando conversava começava por rasgar os ausentes, e depois sem mesmo o notar, chegava a vez das pessoas com quem estava fallando. Se dava por isso, a sua energia não afrouxava ; passava a dizer mal de si e acabava por encolher os hombros, desdenhoso, resmungando ironicamente entre duas pitadas de rapé : — Os homens são bons ! muito bons!!!...

Henri von Trescow, tenente, allemão da melhor linhagem, octogenario gentilissimo, irreprehensivel no traje sempre branco, alto, magro, direito, rosto franco e altivo, olhos

azues, que deviam ter sido bellissimos, amortecidos pela idade, o peito e os pulsos varados por balas, as pernas trementes recusando servi-lo. Muito intelligente, e além de optimo conversador um modêlo de bondade e cortezia. Acolhera-se a Portugal em resultado d'um duello com desastrosas consequencias.

Não lhe soffrendo o animo assistir como simples espectador ás luctas, então travadas entre nós, assentou praça no exercito liberal como voluntario. Com a carreira cortada e sem ambições, nunca mais voltou á patria que amava com devoção.

El-Rei D. Fernando distinguia-o com a sua amizade, escrevia-lhe cartas do seu proprio punho e estabelecera-lhe avultada mezada.

O alferes Charles Beghuim, francez, viera para Portugal contractado, como muitos outros, fazer a campanha contra o usurpador.

Feio, grosso, atarracado, tão velho como Trescow, mas agil e forte. Dizia ter «oitenta primaveras, porque a sua alma juvenil não conhecia invernos».

Quando morreu, com oitenta e seis annos u talvez mais, achava-se perdidamente enamorado por uma rapariga de dezenove. E vão lá dizer que o coração envelhece!

Tinha certo talento, inda que inulto; pintava, versejava, presumia de homœopatha mostrando soberano desdem pelo antigo systema. Dizia-se excellente cosinheiro e optimo caçador. Não lhe bastando estes encyclopedicos conhecimentos, resolveu-se a inventar uma machina de guerra.

Essa peça, modelar a todos os respeitos, destinava-a elle, em seu coração, á ruina da Allemanha. A França, possuindo *em segredo* aquella metralhadora unica, podia tornar-se em breve senhora do mundo; n'este p nto assaltavam-n'o delicados escrupulos.

«Aquella poderosa arma não se voltaria

nunca contra Portugal?» — Era preciso não esquecer estipular essa condição no contracto com o governo francez: era difficil a sua situação, muito melindrosa: via-se «como um rapaz tendo de escolher entre uma querida mãe e a noiva estremecida do seu coração».

Um dia de dezembro, não posso precisar a data, admittiu elle os seus dois camaradas a exame da *Exterminadora*, o que, seja dito de passagem, não era honra concedida a todos.

Trescow, alma vibratil e aberta a todo o generoso sentir, sorriu ás illusões de Béghuim; gabou-lhe a obra, fingindo reconhecer-lhe as vantagens que elle enumerava vaidoso.

Fallando depois do maravilhoso invento, dizia com os olhos humidos: — «Duas vezes somos creanças; aquelle sonho é a felicidade da sua velhice; empresta-lhe um futuro que já não tem.»

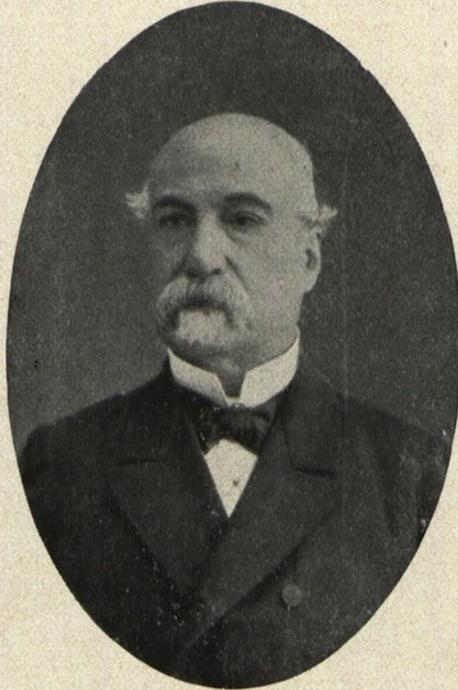
O major, sempre mordente e mal humorado, alcunhava-lhe a obra de loucura senil, aconselhando-lhe um passeio até Rilhafolles.

O francez sorria com

ar superior e n'um silencio eloquentissimo lançava-lhe um olhar piedoso.

A tarde d'esse dia mostrou-se asperrima. A chuva chicoteava as janellas, e o vento bramia pelos longos corredores; ás quatro horas estavam as luzes accezas de ha muito. Meu avô, segundo o seu costume, passeiava d'um lado ao outro da sala, com as mãos cruzadas atraz das costas; eu acompanhava-o n'aquelle insupportavel vae-vem, ouvindo pela centesima vez o ataque ás linhas do Porto em que lhe morrera o irmão; n'isto os relampagos illuminaram o valle, o trovão ribombou, a chuva recrudesceu e o vento sul, soprando rijamente, parecia querer arrancar as arvores do chão.

— Pobres velhos! murmurou meu avô, este desolador quadro d'inverno deve gelar-



O GENERAL EÇA

lhes o coração; ter em si o isolamento e em volta este concerto, é triste!

Depois de minutos de silencioso passeio, chamou um criado, fez installar trez poltronas em volta da mesa, accender mais luzes, e voltando-se para mim que assistia calada áquelle arranjo, disse:

— Ist' agora tem um aspecto mais alegre; vamos busca-los.

Fomos. Os dois primeiros mostraram uma certa resistencia; mas afinal vieram; o terceiro era certo lá todos os serões.

O avô, muito mais novo do que elles, julgava-se quasi rapaz e dispensava-lhes os mesmos cuidados que nós tinhamos para com elle. Sabendo, por experiencia propria, que nada encanta como recordar, levou a conversa para as guerras da sua juventude e dentro em pouco animados, risonhos, prazenteiros, soltavam gargalhadas, cruzavam ditos, repetiam anedotas e, a não serem minhas tias que, tendo sahido surrateiramente da sala e reunindo em volta de si os creados, resavam em côro a *Magnificat*,

ninguém notava a tempestade que, rugindo em furia brava, parecia, nos seus sons inconfundiveis, ora uma imprecação do mundo aos ceus, ora a voz potente do Creador intimidando a terra.

A conversa corria quente; meu avô contava com enthusiasmo.

Trescow, com o olhar quasi brilhante, bradou:

— Era um valente!

— Nunca contava as suas façanhas, continuou meu avô.

— Dizem que nem gostava que se fallasse d'elle, corroborou Beghuim.

— E depois, meu general, depois? inquiriu impaciente o major.

— Foi então, concluiu meu avô, que o

Conde, abraçando a situação n'um golpe de vista, avançou á frente dos seus sobre o flanco direito da posição inimiga, que não pôde resistir á investida.

Beghuim exclamou então com convicção sincera:

— Porque não tinham lá a minha metralhadora.

Meu avô occultou um sorriso, o major resmungou, e Trescow, visivelmente contrariado por aquelle jorro d'agua fria que o chamava á realidade, perguntou com leve ironia que o altivo francez nem suspeitou:

— Olhe cá, monsieur Beghuim; porque não offerece ao governo allemão a venda da sua machina? Isso dava-lhe de certo uma fortuna.

O velho alferes, se lhe tivessem apontado ao peito a ponta d'um florete, não se ergueria n'um impeto mais juvenil. Com o rosto afogueado pela colera, olhos faiscantes de indignação e voz estrangulada na garganta, bradou:

— Vender aos allemães a minha invenção?! aos allemães!!! antes sepultá-la no

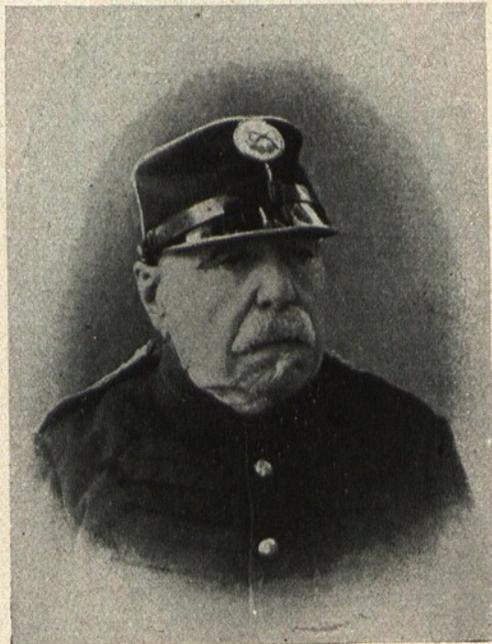
fundo do Tejo... antes aniquilá-la eu proprio do que vê-la em taes mãos.

O gentilissimo allemão, ao vêr a borrasca que conscientemente provocára, respondeu n'um sorriso desdenhoso:

— Eis os francezes. Teem o coração ao pé da boca e esquecem que esses arrebatamentos são talvez o unico, mas grave symptoma da sua fraqueza. Sangue frio é a primeira qualidade dos fortes.

Beghuim, mais assanhado por sentir a verdade da asserção, ia repostar galhardamente, mas o major interrompeu-o dizendo para meu avô:

— Aqui está, meu general, o que são estrangeiros. Nem depois de velhos sabem o que é senso commum! E voltando-se para o



O ALFERES BEGHUIM

official francez n'um tom de malevolencia e superioridade verdadeiramente comico:

— Alferes, se o nosso general consente, dê-nos antes umas cantiguinhas de Beranger; é em *cantigas* que os francezes são eximios.

Beghuim dominára-se. Reconhecendo que se havia irritado nimiamente, acceitou a diversão que lhe propunha o major, sem comtudo lhe perceber o duplo sentido da phrase.

Conservar, aos oitenta annos, uma voz fresca e melodiosa era uma das vaidades do bom velho. De pé, apoiado ás espaldas da cadeira, entouu com garbo varias canções militares. Escutavam-no todos, incluindo meu avô, de olhos brilhantes e rostos enrubescidos,

*Como corseis de batalha  
Ouvindo ao longe o clarim.*

Então o veterano, cada vez mais animado, cantou na conhecida toada do 14 de julho, de Beranger, a retirada da Russia. Ao terminar com voz vibrante e cheia de sentimento

*Ils dorment sous la neige  
Et le tambour ne les eveillera plus*

o major e o bom allemão choravam; meu avô mesmo tinha nos olhos um brilho desusado.

O alferes, com um sorriso vingativo, disse:

— Os francezes não choram nem depois de velhos.

Trescow, dando livre curso ás lagrimas

e tentando erguer-se, procurava desculpar-se com meu avô d'aquella commoção, que achava impropria de si e do logar, mas relanceando os olhos afflictos em redor viu que o major baixava desmedidamente a cabeça. Olhou-o investigadoramente inquirindo:

— Que é isso, major?

E' o Almeida, tirando sem pejo o lenço da algibeira, limpou as lagrimas, que lhe corriam em fio, e com voz tremula respondeu:

— E' que o tambor não nos acordará mais.

O avô fazia esforços em silencio para se mostrar enxuto, e Beghuim, n'um movimento impulsivo, estendeu a mão a Trescow, ao passo que com as costas da outra limpava os olhos, n'um gesto quasi infantil, murmurando commovido:

*Et le tambour ne nous eveillera plus!*

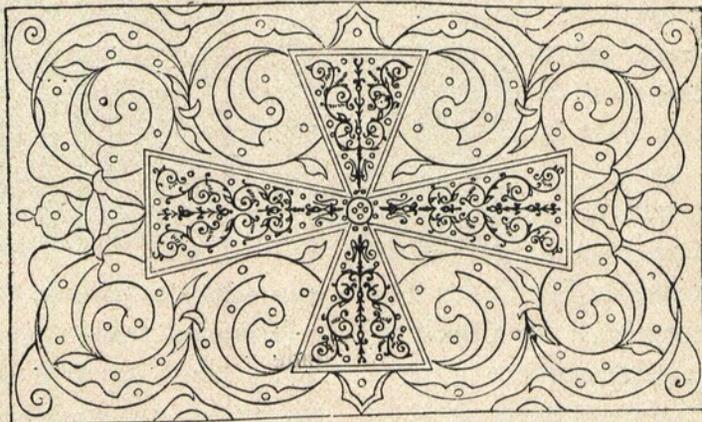
Eu, que tinha apenas treze annos, sentia o coração horrivelmente opresso ante a pungitiva saudade dos velhos militares. Felizmente minhas tias, tendo terminado as suas orações, voltaram á sala e a conversa tomou novo rumo: mas o entusiasmo não voltou.

Todos morreram já.

Hoje, passados mais de quinze annos, inda a ideia d'aquellas lagrimas me commove e os sons da toada em que o francez cantava eccôam-me dolorosamente no coração.

As impressões da mocidade são indeleveis.

MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL.





CACHOEIRA PAULO AFFONSO

# A CIDADE DE PENEDO

(No estado de Alagôas, Brazil)

O Brazil, este paiz de maravilha<sup>s</sup> que o *touriste* desprezador de fabulas nebulosas vae desvendando encantado e surprezo, semelha uma esplendida verdade luminosa e forte, que a treva da ignorancia envolvesse durante seculos e da qual o estudo a cada minuto fosse mostrando as linhas puras.

A treva da ignorancia! mas não só ella actuou para que ao longe se cobrisse de calumnias, de falsidades deprimentes, esta região d'um presente interessantissimo, captivante e absorvente, e d'um altissimo futuro!

Até ha pouco parecia que um proposito fatal levava o europeu intelligente ou não, que d'aqui regressasse ás

grandes capitaes dos seus paizes, a ennegrecer os aspectos materiaes e moraes do Brazil, como sob a intenção mesquinha e condemnavel de arredar a concorrência estranha...

Nós mesmo, que pela quarta vez pisamos o solo hospitaleiro da grande e prospera republica sul-americana, deixámos durante as tres primeiras de visitar o seu norte soberbo pela paysagem e pelo desenvolvimento social, que sempre nos apparecia crivado de referencias temerosas, perigos de clima, atrazos de civilisação, escassez de confortos, um mundo de pessimismos aterrantes e afastadores.

Mentira, tudo mentira!

Aqui está na presente descripção

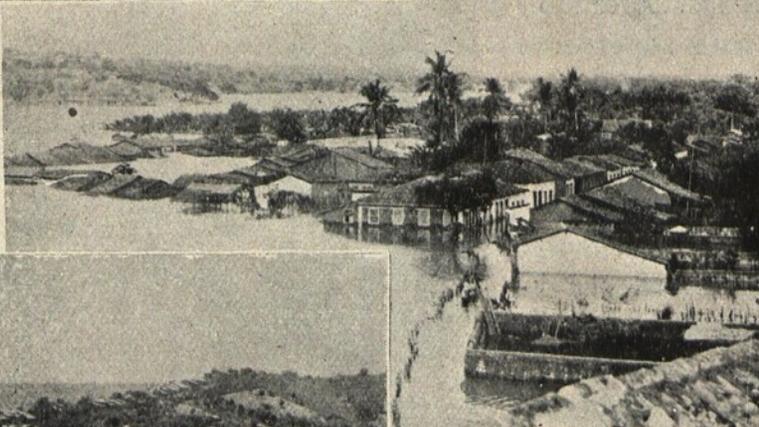
d'uma cidade do interior do Estado d'Alagôas, descripção leal, desinteressada e sincera, o mais completo desmentido, o mais formal, a todas essas

d'ouro que interesses de familia levaram a vir residir em Maceió e a assumir a direcção d'uma importante casa commercial n'aquella cidade, quiz que eu viesse a Penedo sob a sua apresentação aos seus melhores amigos d'esta ultima localidade. E sabendo quanto amamos o pittoresco e o imprevisto, pôz á nossa disposição um hiate, pequena embarcação á vé-



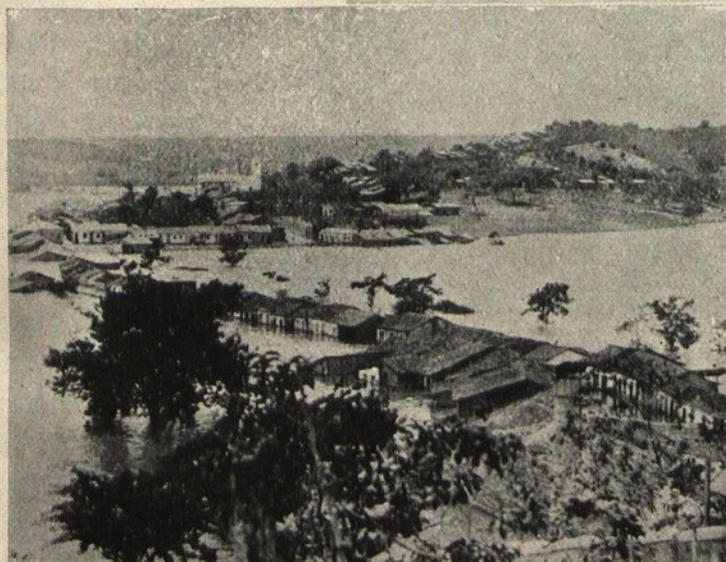
RUA BARÃO DO PENEDO

*Inundada  
pelo rio S. Francisco*



O SUBURBIO CAMARTELLO

*Durante as inundações*



SUBURBIO BARRO VERMELHO

*Durante as inundações*

la, graciosa e ligeira, que em 18 horas fez 85 milhas, sem um incidente desagradavel ou temeroso. As tres grandes vélas desdobradas ao vento, seguras airoosamente aos mastros elegantissimos, assim nos conduziram sem balanços, nem enjôos, por uma noite de

afirmações gratuitas e... burlescas, emfim.

O dr. Accacio Umbelino Ferreira da Silva, nosso distinctissimo patricio, alma

lunar e d'estrellas, e parti n'um dia de sol rutilo e fecundo. A sessenta e cinco milhas encontramos o rio S. Francisco, enorme curso de agua que nasce a qua-

trocentas e tantas leguas do oceano, na Serra das Canastras, em Minas, e atravessa cinco grandes estados, alguns quasi do tamanho dos maiores paizes do velho mundo. A subida do magestoso S. Francisco é um rarissimo prazer para um contemplativo. Agora para mais elle fremia n'uma enchente ampla que inundava as povoações marginaes, obrigando os seus habitantes a abandonar momentaneamente as casas mais proximas dos caes, transformando alguns logares em microscopicas Venezas. Cortando a vasta superficie liquida, crusando-se comnosco, seguindo-nos ou antecedendo-nos, outros hiates e embarcações mais pequenas entregavam-se como nós ao sabor da brisa perpassante enfundando os *latinos*.

O rio é navegavel em todo o seu extensissimo percurso, excepção d'uns 100 kilometros em parte dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagôas, onde cachoeiras consecutivas põem obstaculo invencivel á passagem de qualquer embarcação, sendo a maior a celebrada cachoeira de *Paulo Affonso*, que nos propômos visitar e descrever.

Percorridas as 21 milhas que separam Penedo da barra do S. Francisco, eis-nos saltando n'essa cidade, que é a

maior e a mais importante das do norte do Brazil, não falando das capitães dos Estados.

Penedo não tem palacios, nem outras obras de grande architectura. Muito commercial e muito agricola, com bastantes industrias, cada proprietario foi construindo edificios publicos ou particulares na medida das suas necessida-

des e gosto pessoal, sem superintendencia municipal, o que lhe deu uma feição ingenua e pittoresca. Possue algumas egrejas interessantes, como a do Convento de S. Francisco, a de S. Gonçalo e a de N. S. da Corrente, um theatro que se deve a um benemerito portuguez extinto, o sr. Manoel Pereira de Carvalho Sobrinho, algumas praças e um caes vasto e bom.

Aqui nasceram e morreram os inspirados poetas José Batinga e Antonio Romariz e aqui veiu tambem ao mundo

o celebre diplomata e politico de alto valor Barão de Penedo, ministro e figura primacial do Imperio.

Aqui se publicam quatro jornaes semanais, de pequeno formato, mas bem feitos: *Penedo*, *Luctador*, *Nacional* e *A escova*, este pequena revista de critica e humorismo.

Entre outros cultores da arte d'es-



BARÃO DO TRAIPIU

*Ex-governador do Estado de Alagôas  
Residência em Penedo*

crever destacam-se os nomes de Joaquim Gomes d'Assumpção, vibrante jornalista, hoje retirado a uma especie



DR. ACCACIO UMBELINO PEREIRA DA SILVA

de Val-de-Lobos, a Villa Nova visinha, Moreno Brandão, apreciavel litterato, e o fino poeta Sabino Romariz.

Perto d'aqui nasceu o brilhantissimo jornalista e jurisconsulto dr. Virgilio de Lemos, que dirige na Bahia a *Gazeta do Povo*, um esplendido jornal diario do qual o sr. José Augusto de Castro é respondente em Lisboa.

As principaes industrias locais são: cortume de coiros, fabricação do oleo de mamona, industria d'enorme futuro, e o beneficiamento do arroz.

A lavoura produz excellente algodão, milho e arroz, em muita quantidade.

Tem fabricas prosperas e entre ellas a da Companhia Industrial Penedense, estabelecimento de grande importancia com 700 contos de capital, uma reserva de 350 contos, sem credores de qualidade alguma, dando dividendo de 25 0/0, com quatrocentos operarios e 180 teares. D'ella é director-thesoureiro o dr. Joaquim Peixoto, filho do nosso patriocio sr. Manoel da Silva Peixoto, actual-

mente residindo em Lisboa e um dos mais activos, intelligentes e respeitadoss portuguezes que por aqui têm passado. O dr. Joaquim Peixoto allia a uma bella cultura, e á sua iniciativa e actividade hereditarias, um completo desprendimento pelo seu valor e posição. Sonha agora uma cooperativa para aquella fabrica, o que quer dizer que ella surgirá em breve.

Fomos arrancados do modesto Hotel Commercial, pequena hospedaria de provincia, onde á falta de melhor pousada nos tinhamos installado, pelo joven compatriota sr. Manoel Gonçalves, natural de Fafe, e socio da primeira casa commercial de Penedo, cuja firma Peixoto & C.<sup>a</sup> é conhecida no paiz e no estrangeiro como uma das mais solidas e conceituadas.

A hospitalidade do sr. Gonçalves revestiu o carinho e a gentileza mais inolvidaveis; elle e sua graciosa e bondosa esposa, procuravam adivinhar o que desejavamos, n'uma perenne preoccupação de requintada amabilidade.



DR. JOAQUIM PEIXOTO

Deviam partir dentro de dias para ahi com uma demora de oito mezes.

O sr. Manoel Gonçalves tem pouco

mais de trinta annos e alçou-se com invejavel rapidez a uma bella posição social, mercê das suas qualidades de trabalhador e de honesto.

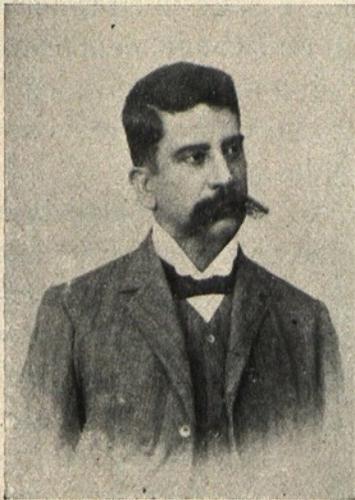
E' um exemplo; como tal o apontamos aos leitores.

Tambem muito nos obsequiaram os srs. Antonio da Silva Costa, Eduardo Pereira, Fernando Peixoto Sobrinho, José da Silva Costa, Manoel Peixoto Filho, todos da casa Peixoto & C.<sup>a</sup>, os srs. coroneis José Matheus, Vieira de Figueiredo e José Moreno, amaveis cavalheiros brasileiros entre os quaes

1882, epocha em que passou a residir em Maceió, capital do Estado de Alagoas.

N'esta cidade fez parte como socio gerente de duas importantes casas de modas, a *Nova Aurora* e *Primavera*, estabelecimentos a que deu o maior impulso e conseguiu collocar entre os primeiros do norte do Brazil.

Em 1893, desligando-se dos referidos estabelecimentos, fundou a Empresa de Illuminação a Luz Electrica da capital, a que dedicou o melhor de sua actividade, cujo serviço foi inaugurado



RODOLPHO MACHADO DA SILVA



JOÃO ANTONIO LOUREIRO



MANOEL GONÇALVES

colloco com alta satisfação o sr. Joaquim Mazzoni, escriptor, negociante muito intelligente. Dois outros patriocios tem de ter aqui referencias especiaes: o sr. M. Braga, chefe da casa do mesmo nome, grande character, queridissimo em Penedo, Bahia, Maceió e Pernambuco, negociante acatado por todos, vivendo da nostalgia da sua muito amada Braga. O outro, sr. João Loureiro, é um *yankee* pelo esforço.

João Antonio Loureiro, cidadão portuguez natural de Alcobaça, embarcou para Pernambuco em março de 1875, permanecendo alli no commercio até

em 14 de janeiro de 1896 com geraes applausos da população de Maceió, que assim se collocava na vanguarda d'outras capitaes do paiz com a adopção de tão bello systema illuminativo.

Fundou tambem em Maceió por sua exclusiva iniciativa, em 1903, o *Parque Club*, estabelecimento de diversões que rivalisou com os principaes do Norte do Brazil, frequentado pela *élite* da capital, onde um theatro, em que se exhibiram alguns artistas de nomeada, e um esplendido *Carroussel* importado d'America do Norte, fizeram na época as delicias dos *habitués*.

Não correspondendo os resultados da Empreza de Luz Electrica aos enormes sacrificios e capitaes empregados, resolveu em 1904 passar a direcção a outrem e foi fundar na cidade de Penedo a Empreza de Abastecimento d'Agua de sua exclusiva propriedade, melhoramento ha muito reclamado, a qual foi inaugurada em abril de 1904.

Fixando desde então n'esta cidade a sua residencia, mantem ali a sua firma commercial de Loureiro & C.<sup>a</sup>, de Comissões e Consignações, em relações com as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Consociou-se em 1889, em Maceió, com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Haydé de Sequeira Loureiro, tendo actualmente duas filhinhas e um filho, Thomaz Osorio Loureiro, encantadoras creanças.

Acompanha este artigo, escripto sobre o joe lho, uma serie de photographias de pessoas em evidencia em Penedo, da enchente que o anno passado o assolou, da Cachoeira Paulo Affonso agora impossivel de visitar, e d'alguns aspectos

da sympathica cidade, onde os *Serões* teem innumerous leitores desde a appa-rição do apreciado *Magazine*.



UMA FLOR DO PENEDO  
A menina Aidil Peixoto

ALCANTARA CARREIRA.

## LUAR

Luar! O' grande chaga prateada  
Como um habito branco d'algum monge!  
Tendes em vós a luz d'uma alvorada,  
Blócos de prata voando para longe!

Luar! Se n'esta terra em que se vive  
E em que choramos a saudade vem,  
O' meu distante amôr que em tempos tive...  
Lindo luar como a alma d'uma mãe!

Deixa-me ir ter contigo e de repente  
Lançar-te os braços para te beijar,  
Lançar-te os braços vagarosamente...

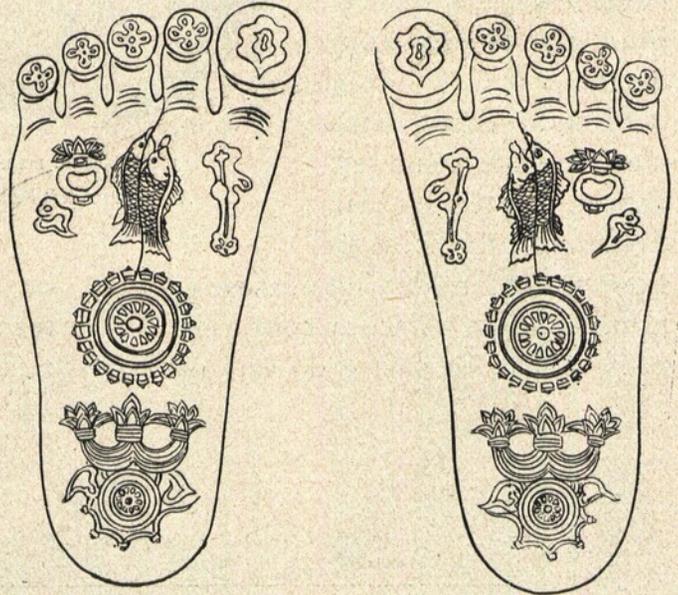
Mas a minha alma, como quem não quer,  
Vê, anciosa, triste e devagar,  
Um lindo rosto, branco, de mulher.

CARLOS CILIA DE MELLO.

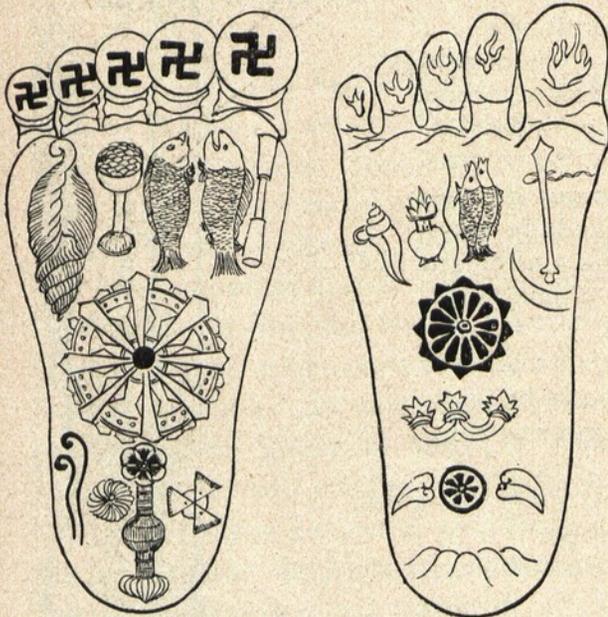
# PÉS LUMINOSOS

**H**A alguns dias, occupando-me em aprofundar assumptos santos, e avolumando sobre a visinha mesa de trabalho um montão de documentos e de velhos tratados de mysticas doutrinas, veiu parar-me ás mãos, por acaso, um escripto interessante, de investigador europeu, referentes aos divinos pés do Buddha. Em certa pagina, encontra-se a traducção de um texto japonéz, colhido no livro de ritos *Hô-Kai-Shidai*, que diz assim: — «A planta do pé do Buddha é plana, como a base de um estojo. Sobre ella, distinguem-se varias linhas, offerecendo a apparencia de uma roda com mil raios. Os dedos são delgados, roliços, compridos, direitos, gracios e algum tanto luminosos . . . »

Adquirida esta noção, foi-me facil depois reconhecer que nos trabalhos artisticos japonezes, de esculptura e de pintura, a forma dos pés do Buddha — mas não só d'elle, de todas as divindades



REPRESENTAÇÃO SYMBOLICA DOS PÉS DE BUDDHA



OUTRA REPRESENTAÇÃO SYMBOLICA DOS PÉS DE BUDDHA

buddhistas, — obedece, em regra, á mesma concepção esthetica que apontei.

Pude verificar seguidamente, sem vér no caso motivo de surpresa, que o pé japonéz, na sua belleza typica de contornos, realiza identicas caracteristicas. Effectivamente, assim devia acontecer; derivando, em todos os povos, a ideia concebida da divina formosura d'aquillo que a forma humana, dentro dos limites physionomicos peculiares a cada tribu, de mais bello e perfeito nos offerece. Assim: — os santos, na catholica Irlanda, têm cabelo loiro e olhos azues; na Hespanha, são morenos e de cabellos e olhos negros; os narizes dos idolos africanos são esborrachados e a trunfa em carapinha — O estudo comparativo entre os divinos pés do Buddha e os pés dos japonezes torna-se particularmente emocionante, quando se relancêem os pés nús da japoneza; preferindo para exemplo a mulher de existencia reca-

tada, mimosa de confortos, passando a vida no seu lar, pisando as fofas esteiras do aposento. Direi — se o sacrilegio é permitido, — que os seus pés são iguaes aos pés do Buddha; nem melhor definição se encontra para elles do que as phrases sagradas, intensamente suggestivas na sua concisão, que já citei, extrahidas do livro dos ritos *Hô-Kai-Shidai*; até mesmo, por um effeito mal explicavel, que posso talvez attribuir ao tom especial da alvura da epiderme em contraste com a côr escura da fimbria do *kimono*, os seus pés são luminosos. A differença, do divino ao humano, do figurado ao vivo, está na mobilidade, na prodigiosa mobilidade dos gestos do pé da japoneza; pé, que nunca se humilhou á disciplina de um sapato, que cresceu nú como uma flôr de lirio, como um coelho branco; adquirindo assim formas esbeltas, singulares aptidões para o movimento, quasi que uma individualidade propria, com

o dom de poder exprimir intensamente pela mimica todas as emoções que o sobressaltam... coisas de todo incompreensíveis para o europeu que nunca tenha visitado este paiz do Sol Nascente. E vêde agora como, por este ligeiro divagar, respigam de surpresa profundas differenças de costumes entre a japoneza e a mulher occidental: esta, nos seus esplendores de graça, calça sapatinhos de setim, roja roupas de gala, em provocantes decotes dos braços e do busto; a japoneza enrola todo o corpinho n'um *kimono*, em cujas amplas mangas até por

vezes as mãos desaparecem, deixando apenas em nudez os seus pésitos. E bem haja. O pé da graciosa filha do Nippon, castamente plano e unido á esteira, terminando por dedos delgados, roliços, compridos, direitos, graciosos e algum tanto luminosos, constitue uma das suas feições mais características, requintadamente gentil, divinamente primorosa.



Kobe, 1907.

Wenceslau de Moraes

TRAJO FEMININO, NO PERIODO DE GHENROKU (1688-1703)

Copia de uma gravura

# DIAS COSTA

Antigo ministro de Estado

Lente das Escolas Superiores



*Sans peur et sans reproche*

Gósto de o ver e faz-me bem ouvi-lo.  
A bondade resumbra-lhe no olhar,  
E, na phrase vivaz, faísca o estylo,  
Cheio de côr, que lhe é peculiar.

Quando lhe aperto a mão, fico tranquillo,  
Como se fica á beira de um altar,  
Porque o seu peito é um sagrado asylo,  
Onde a lealdade altiva foi morar.

Typo do portugûês de priscas eras,  
Do portugûês das expansões sinceras,  
Da galhardia alliada ao pundonor,

Faz bem ouvi-lo e vê-lo. Intemerato,  
Elle é o moderno, lídimo retrato  
Do cavalleiro honrado e sem pavor.

# A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)

De **MANUEL DUARTE D'ALMEIDA**

Poeta

*Meu caro e illustre Poeta*

Chegou-me tarde (e só agora, como sabe) a noticia do inquerito sobre qual o ponto de paysagem portugueza individualmente preferido pelos que tiveram a honra de ser chamados a depor sobre o assumpto.

Ahi vae, em breves linhas, desaffectedadas e correntias, o que, a tal respeito, conscienciosamente lhe posso dizer.

Disponha sempre do seu admirador muito affectuoso e obrigado,

M. DUARTE D'ALMEIDA.

No meu desconhecimento directo — com indissimulavel e dorido pesar o confesso aqui — da maior parte dos sítios que geralmente são considerados os mais picturescos do país (tenho viajado tão pouco, mesmo dentro de fronteiras!), seria temeridade estulta, para não dizer abusiva fraude, affirmar e justificar qual d'elles merece a minha decidida preferencia.

Ficou-me, por exemplo, indelevel a impressão de alguns deliciosos trechos de paysagem dos arredores do Porto e de varias terras do Minho por onde passei — Braga, Vianna, Guimarães, Vizella, para não citar senão estas — que poucas mais vi, tambem, mas todas, gentilmente, me captivaram com as suas exuberantes bellezas naturaes.

Recordo nitidamente o soberbo panorama que se desenrola, como scena de magia, deante dos olhos contemplativos de quem, com alma para sentir a natureza rural, circumvaga o olhar extasiado pela paysagem

alegre, variada, ridentíssima e, ao mesmo tempo, sóbria, onde nada falta de suave e penetrante, como um retalho harmonioso da Attica, que se descortina do recinto, outr'ora fortificado, das Portas do Sol, em Santarem.

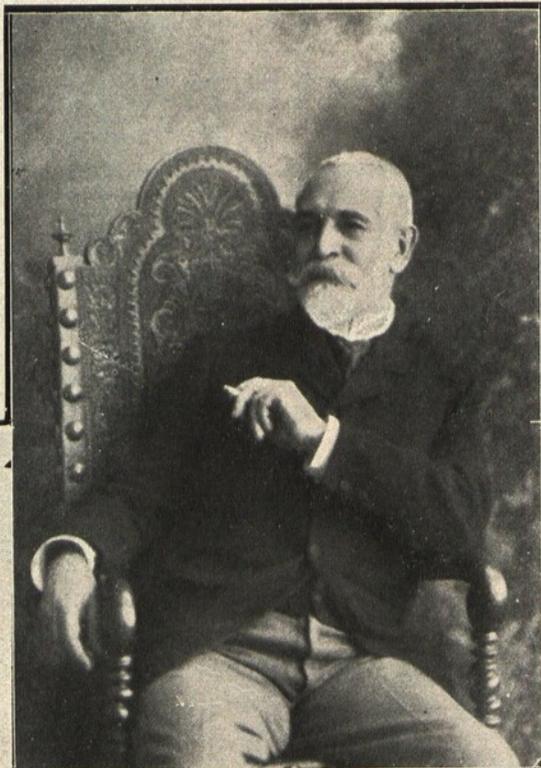
Um conjuncto de circumstancias occasionaes, a estação do anno — na primavera, a hora, a incomparavel formosura do dia, em que a luz se despenhava, a jorros, da macieza avelludada e azul do firmamento, como de gigantesca taça de sonho, transbordando de oiro etherisado e rútilo, que mão invisivel e portentosa, num rasgo de magnificente liberalidade, suspendesse bolcada em cheio sobre a terra; a inevitavel evocação de feitos históricos, marcados de prodigioso heroismo, que encheram de brilho inegalavel os alvores da nossa nacionalidade e que, naquelle momento, eu ia como que fundindo e amalgamando, na imaginação, com os logares que, aos meus pés e á roda de mim, magicamente se transfiguravam, volvendo á vida intensa e agitada de muitos séculos atrás, aos contrastes violentos de assolação e repovoação, de vida batalhadora, rude, grosseira, dos incultos e rapaces peões e cavalleiros da fé christã, e de vida nobre, amenizada de ócios artisticos e voluptuosos, da fina raça mauritana; a phantástica visão ensanguentada do choque repetido e formidavel de tão estranhas e antinómicas civilizações, em lucta cruenta e implacavel entre si; e, como natural corollario do que fica exposto, o meu estado de alma (chamemos-lhe assim), resultante de todos esses e ainda de outros múltiplos factores de ordem physica e moral: sem duvida, tudo isso concorreu, poderosamente, na sua quota parte, para a impressão profunda que recebi.

Seria essa impressão por ventura a mesma, se as circunstancias íntimas, e estranhas á paisagem, variassem, permanecendo ella, no entanto, invariavel e identica?

E, inversamente, não haverá outro ou mesmo muitos outros logares no país que, em egualdade de circunstancias no tocante ás condições externas e internas do observador, especialmente ás psychológi-

todos, sem os poder comparar entre si, sem, principalmente, os poder observar, contemplar, *sentir*, sob a influencia dos mesmos agentes naturaes e das mesmas causas psychológicas, cujo conjuncto mysteriosamente se harmoniza para produzir a impressão?

De um modo genérico, só me é licito categoricamente affirmar que, em materia de paisagem, o que



ARRABALDES DE VILLA REAL — Em baixo o rio Corgo

cas, embora dessemelhantes nos seus traços característicos e até desarmónicos entre si, provocassem, comtudo, no meu espirito identica sensação esthetica?

Como affirmar conscientemente que um dado ponto de vista, um certo aspecto picturesco do país, seja superior a outro e muito menos a todos os outros, sem os conhecer

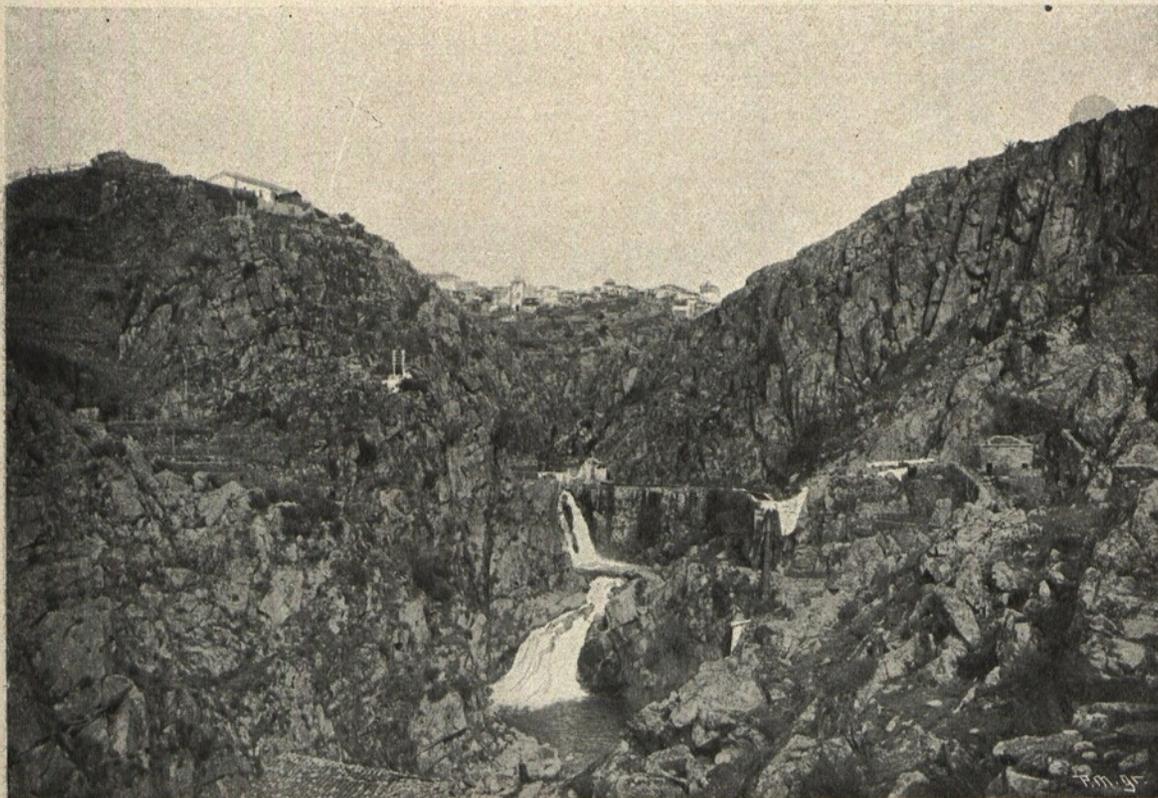
mais me agrada, o que mais me sensibiliza, o que mais me subjuga e se impõe á minha curiosidade scientifica e ao meu senso esthetico — são as montanhas.

Sim, as montanhas, em geral, em absoluto; e, descendo a particularidades, os re-levos orographicos, grandes ou pequenos, tão caprichosos e picturescos. da terra que

me foi berço, do meu poético recanto nos últimos contrafortes de dilatada serra transmontana, onde os carvalhos multi-séculares abundam e os não menos vetustos e venerandos castanheiros, de larga folhagem sussurrante, docemente acalentadora de — languidas e umbrosas — bucólicas séstas, lhes fazem amavel e fraterna companhia.

Sinto-me tão pequenino (e, como eu, a humanidade inteira), tão mesquinho, tão fra-

pendente, elle, e presumivelmente mais feliz, na desnudez absoluta da sua choça de côlmo ou sob o pavilhão azul das estrellas, do que o soberbo argentário nos seus sumptuosos palacios, assediado de mentirosas e fétidas adulações, afogado em requintadas e custosíssimas e supérfluas commodidades e regalos, que dariam, á vontade, para o bem-estar de muitos infelizes; e, no entanto, victima, a final — irresgatavel — do seu pró-



ESCARPAS DO CORGO (VILLA REAL)

gil e transitório junto d'ellas! Mas, no entanto, não deixâmos de estar, eu e ellas, como em família, numa intimidade, numa correspondencia mútua, numa confiança e harmonia, que, maternalmente, me dilata e levanta o coração.

Que sôpro de liberdade, vivo e tonificante, se respira no alto dos seus cumes!

Como, d'alli, os interesses egoistas que mais agitam os povos, e dividem as famílias, e separam os homens uns dos outros; as ambições, as ásperas luctas pela conquista da influencia e do poder, nos parecem cousa futil e desprezível perante a soberania incontestada, a philosophica indifferença do pastor errante, mais livre e inde-

prio fausto. dócil escravo da vaidade, juguete cómico de mil fastidiosas peias, que lhe tolhem a liberdade e os movimentos, para não faltar aos deveres convencionaes da sua ostentosa e deslumbradora situação.

Pobres argentários, coitados! Deixêmoslos em paz na sua constringedora e pouco invejavel opulencia e voltemos, depressa, ao ar puro das montanhas.

Só ellas, na sua elevação dominadora, no seu grave e religioso silencio, na sua augusta immobilidade, hieraticamente solemne, quasi sagrada, me dão uma ideia palpavel da fixidez e da estabilidade, do repouso e da quietação,

Cada um tem o seu modo peculiar de sentir e conceber a felicidade.

Para uns consiste ella no mando supremo, no poder absoluto; para outros, na liberdade ampla, sem outras restricções que não sejam as que os mais nobres ideaes politicos, as mais bellas e generosas aspirações, so-

cultando-as egoisticamente ás vistas alheias ou fazendo d'ellas esteril e odioso alarde, sem se lembrarem de que ellas possam servir para alguma cousa mais, do que para o seu pessoalissimo e sordido prazer; para aquell'outros, na prodigalidade brilhante e ruidosa, que não olha ao dia de amanhã e



UMA PERSPECTIVA DE VILLA REAL, VISTA DE NORDESTE

ciaes e humanitárias, lhes inculcam como racionaes e justas.

Para alguns consiste na posse indisputada e indisputavel da mulher única, da mulher amada e querida, que os enfeitou e escravizou, arrebatando-lhes irresgataavelmente o coração; para o maior número — e d'estes era o nosso Bocage, «devoto incensador de mil deidades, digo, de môças mil num só momento», segundo elle próprio refere — para esses, reside no gôso simultâneo de mil mulheres, todas amadas, sem se prenderem exclusivamente a nenhuma.

Para est'outros, no amontoamento incessante e áspero de riquezas materiaes, que avidamente aferrolham nos seus cofres, oc-

que, no gôso inconsiderado e despreoccupado do momento que passa, encontra a sua melhor e mais completa satisfação.

Para uns, raros, cifra-se a felicidade na glóra litterária, scientifica ou artistica, levando-os essa ardente paixão a toda a casta de sacrificios, em busca da realização do seu sonhado ideal, mais ainda do que para alcançarem um nome, que as gerações presentes e as vindouras possam, imperecivelmente, reverenciar e abençoar; para outros, e não são raros, estes, nos meros prazeres do estômago, que os dispensam e compensam, gastronómica e absolutamente, de pensar em nada mais.

Para uns, finalmente, no jôgo do compli-

cado e mathematico xadrez; para outros, no da palpitante e fascinadora roleta. Para estes, na caça; para aquelles, na pesca, etc.

A minha concepção pessoal do que ella, a por todos tão appetecida e suspirada felicidade, seja — pode traduzir-se, e de factos se traduz com a possível precisão, por esta simples e resumida fórmula: a desafogada commodidade na tranquilla estabilidade. É a *aurea mediocritas* de Horacio, a que eu accrescento por minha propria conta, como fundamental requisito que o meu temperamento indeclinavelmente exige, a condição magna da estabilidade.

As culminancias sociaes, individualizadas e estabilizadas, apavoram-me. Julguei-as sempre incompatíveis não só com todo o esforço efficaz, todo o propósito sincero, vehemente, enérgico, de missão redemptora, com todo o espirito fecundo de renovação e de progresso, mas até com o simples sentimento mesmo de solidariedade e fraternidade humana, que exija sacrificio constante, abnegação inquebrantavel em beneficio da causa commum.

Isto, ainda na melhor das hypótheses, a de não serem (ou não se tornarem, pela propria natureza das cousas) tyrannicas e retrógradas, inimigas irreconciliaveis de toda a evolução social num sentido mesmo tenuemente emancipador e egualitário.

Ora, sendo assim, como feliz ou infelizmente sou e como os factos me parece que são tambem, facilmente se comprehende o encanto supremo, a attracção irresistivel que me leva a preferir a todas as outras modalidades e aspectos da natureza physica as regiões montanhosas, com os seus vastissimos horizontes, com a sua vida quasi patriarchal, serena e calma, com os seus profundos e pacíficos valles, ensombrados de frondoso arvoredado, sulcados de águas cantantes e crystallinas.

E tudo isso tem, á farta, nas suas accidentadas cercanias, aquelle pedaço de terra galhardamente portuguesa, onde, pela primeira vez, os meus olhos se descerraram á luz e em que, successivamente, se habituaram a senti-la, a adorá-la — posso dizê-lo assim; pois que, neste particular, no culto ingénuo e espontâneo á luz natural, me sinto, em verdade, um tanto persa ou chaldeu — um *primitivo*, a final, como o sou em tantos outros casos. D'onde, a minha reconhecida

incapacidade para me entender e conchavar com certos hábitos, certos modos de ser e de sentir dos *civilizados*, especialmente da raça irrequieta e cúpida dos políticos, na vulgar acepção indigena do vocábulo.

E tão fundamente me está gravada na alma, e na retina, a impressão acariciadora, a imagem familiar e querida d'aquellas agrestes ou suaves perspectivas, da grandeza imponente e severa ou das linhas esbatidas e vaporosas dos seus largos e recortados horizontes, d'aquelles casaes e choupanas dispersos pela encosta da serra ou conchegadamente adormecidos no côncavo remansoso das valles, hospitaleiros e tranquillos, que jámais pude esquecê-la nem consentir que no meu espirito fôsse avassallada ou substituida por outra, na mesma escala de impressões.

Já assim sentia, seguramente, quando — ha bons annos que isso vae! ainda no período aureo das imaginosas e candidas illuções, invocando a aza symbolica da saudade, eu exclamava, enternecido, num trecho de verso por então publicado:

Leva-me ao berço, entre montanhas posto,  
Onde as Chimeras vi saudar-me a infancia,  
Quero deitar-me no relvoso encosto  
Da verde grama, haurindo-lhe a fragrancia.  
.....

Leva-me aos montes, aos soberbos montes  
— O que eu mais amo d'este bello globo,  
Quero beijar-lhes commovido as fronteas,  
Vagar, scismando, onde vagueia o lóbo.

Quero descer, ao fim da tarde, ao valle  
E vér... etc.

O resto não vem para o caso. Quedar-me-hei por aqui.

M. Duarte d'Almeida.

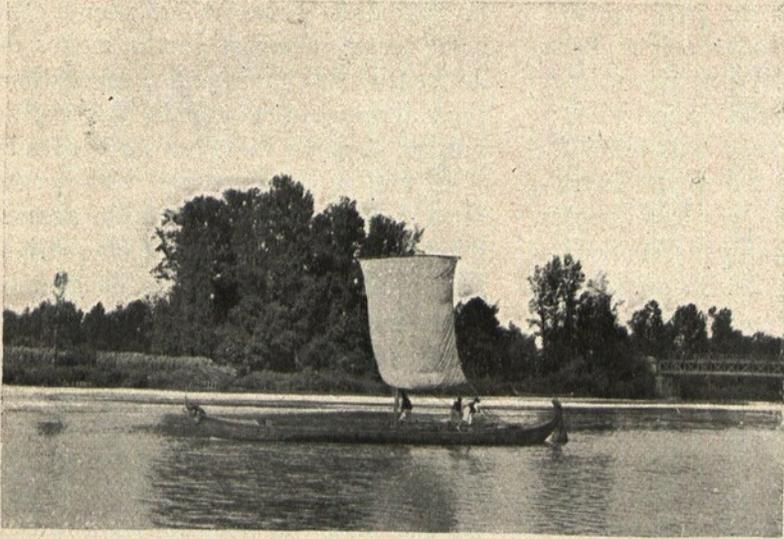
## De MANUEL DA SILVA GAYO

Escriptor

*Qual é o ponto mais pittoresco de Portugal, ou qual o ponto de Portugal que prefere?*

Das nossas paisagens prefiro, naturalmente, aquella que mais sei sentir, aquella que mais me absorve e para mim vive, assim, da minha propria vida.

E' a paisagem do Mondego nas suas curvas de Coimbra, onde a força da montanha

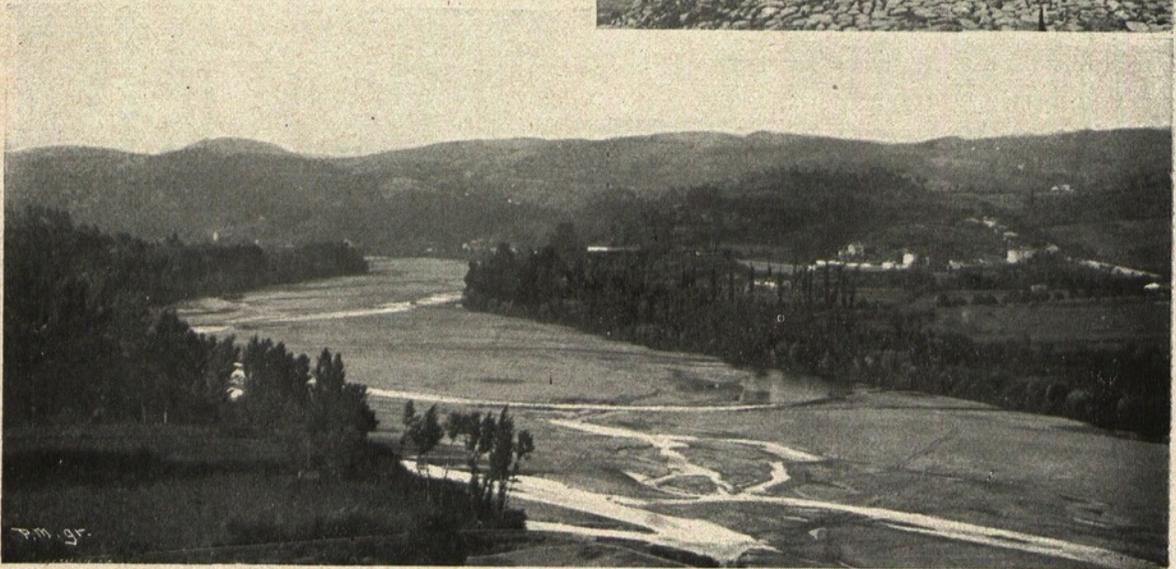


O MONDEGO LOGO ABAIXO DE COIMBRA



MANUEL DA SILVA GAYO

começa a diluir na graça da campina; onde todos os aspectos, revelando d'um lado o caracter ainda firme da serra, trahem do outro o fugidio encanto das orlas e chans ribeirinhas: paisagem de emoção dupla, paisagem que prende e que nos leva, como o seu rio, — com margens em extase, d'elle



O MONDEGO A DERIVAR PARA OS CAMPOS DE COIMBRA

O MONDEGO EM COIMBRA

múrmuras e vivas, e corrente lesta, breve tentada de suicidio nas ondas do mar.

E' a paisagem

*dos saúdosos campos do Mondego;*

saudosos por três modos: de quem os deixa — tão humanos são! —, para quem os deixa, para quem sómente sonhe que ha de deixál-os um dia; porque dão, na verdade, a adivinhação da saudade.

Em parte alguma do nosso país teremos mais viva a impressão complexa da eterna fuga das horas, a visão dos mortaes renascimentos, a seducção permanente do ephemero. E tanto nos identificamos com tal mundo, que cuidaremos ser o mesmo das aguas vivas o contínuo, vencido correr da nossa alma e sentidos.

Modelada, lá cima, de montes sombrios e colinas verdejantes, vem a paisagem amortecida já de relevos, a trocar pinhaes por olivedos e pomares, estes por *insuas*, e, fluindo de planos, por searas de trigo e de milho, pastagens e paúes. Opposta, nos trechos de serrania em repregos e de ribeira esbatida longe, concilia-se n'um total de enlevo immanente. Como a seguir o rio — alma da região, nume conjugante! Pois tambem desce de ser rio estreito, de montanhas, entaliscado em vigorosas escarpas o ribanceiras, só de delgados nateiros alegrado para agora beijar amorosamente, ao longe do valle divino, entre encostas povoadas, as tranças verdes, femininas dos sinceiros; até deslizar, desenganado então, atravez culturas vastas e pradarias, que outeiros distantes limitam, e que são divididas por extremas de salgueiros e de choupos claros, animadas pela dispersa faina dos amanhos, pelo retoicho da poldragem solta, e o pastejar lento das boiadas.

Rio-Adonis — soffre elle e espalha sua paixão: morre e resuscita. E ora alastra em cheia-mar, cobrindo beiras e planuras, ora adelgaça em fita humilde de ribeiro. E', á vez das estações, estrada caminhante de barcas e de velas-lábaros, ou parado caminho d'areal deserto; moço peregrino, de olhos humidos, mendigo inerte — sequinho da vista.

Tudo aqui diz *adeus*, com vontade de ficar.

A tudo, aqui, ouvimos simultaneamente: *para sempre!, nunca mais!*

Mesmo pela luz que a terra pede se revela e accusa este singular condão de fugaz enleio, esta graça de contrastes, a que dá unidade a alma melancolica da corrente derivante.

Exige, a minha paisagem, ser vista e contemplada ao crepúsculo; e ao da tarde, por melhor. Accentua-lhe a esculptura das massas, mas amacia-lhe as tonalidades; e funde-a de mysterio, parece esfumar-lhe de

*passado* o que ainda é presente; como o rio, sempre como o rio — phantasma da vida que, a chorar, elle vae reflectindo e perdendo. . . Esmorece toda á luz crua do dia cheio; antes avistada entre chuveiros!

O seu ar, que mistura e casa o perfume das vegetações alpestres e o sabor longínquo da viração marinha — o seu ar, a certas horas, pulverisa-se de sonho; e veste á lua morta um tenuíssimo e farinhoso véo de magia. São as noites, cá, mães de cantigas, laços a corações, fontes de quebranto.

Assim nítida, ao perto, de linhas e contornos, doce de tons nas distancias, mimosa de leiras e casaes, e, comtudo, sempre musicalmente saudosa, a sorrir por entre lagrimas, luminosa e vaga, fiel na inconstancia, sendo e não sendo já — só lembra e evoca, em natureza, as duas artes do *tempo*, que duram fugindo no compasso e na estrophe. Comprehende-se, bem vêdes, que tenha sido, esta, terra antes de poetas do que de pintores.

Anda imponderavelmente esparso, irreductivel a realizações plásticas, o encantamento que d'ella resuma.

E' esta a paisagem que prefiro — a do meu Mondego.

«E porque tanto eu lhe queira  
E' que, lembrando a doçura  
Da minha idade primeira,  
A' terra de sua beira  
Venho pedir sepultura.»

Coimbra — 22 de dezembro de 1907.

Manuel da Silva Gayo.

## De ARNALDO FONSECA

Escriptor

Oh! meus amigos! As mais epicuricas paisagens: paisagem-detalhe, paisagem-amplidão, paisagem-côr, supponho eu ter, vinte dias por anno (miseravel juro arrancado a uma vida de nóra), na *minha* vastissima quinta, que entre matta densa e regueiros de preciosas aguas, somma para cima de uma centena de hectares, sem regateio.

Por entre nevoas da manhã que eu chegue, ou de noite que eu surja á escadaria lavrada e nobre do *meu* solar (solar, como ides ver, de caminheiro) logo gente amiga

me colhe as malas e os abraços, piso tapetes fôfos, regalo a vista em decorações lusescentes, aconchego-me no remanso do meu quarto simples, annuncio á Maria José um lustralissimo banho.

E sem mórdomo que me rale o pensar e me perturbe o digerir (só pago os vinte dias da hospedagem!) início assim o meu sybaritismo, e entro, *subjectivamente* entro, na minha adorada paisagem.

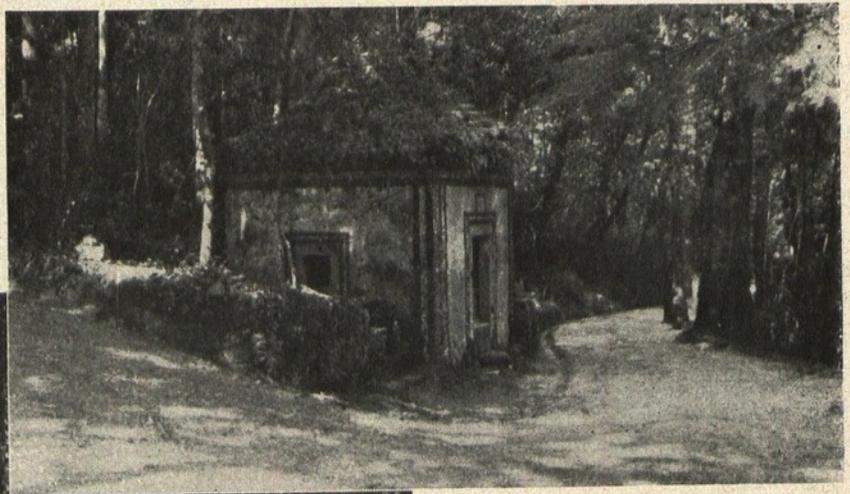


ARNALDO FONSECA

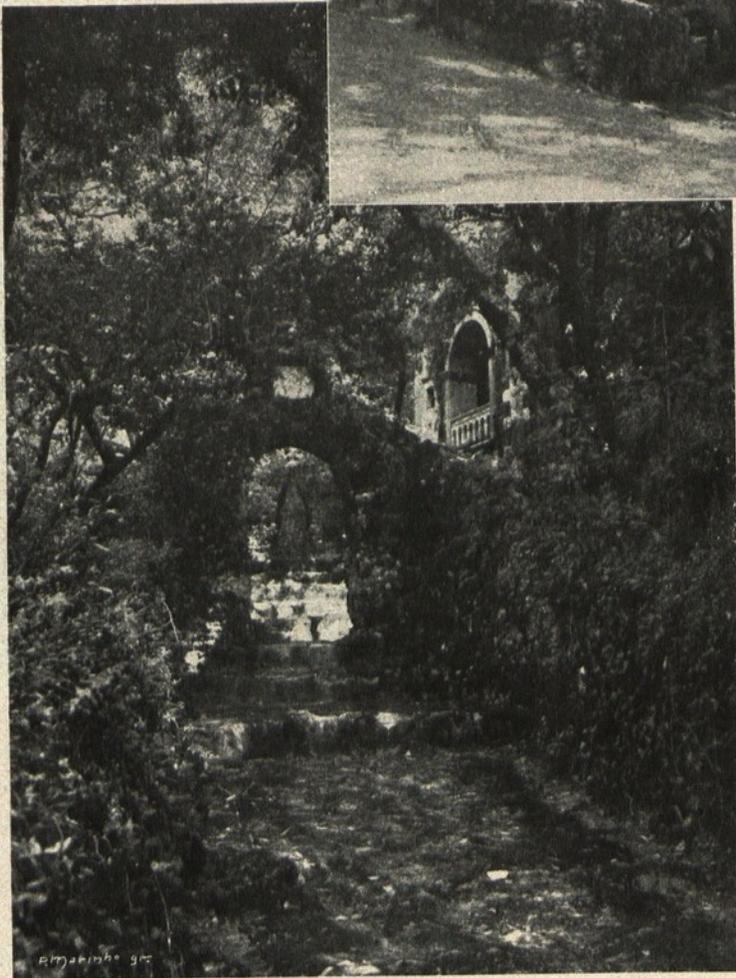
Para exemplo, oiçam:

Manhãzinha, assim que o sol me morde o somno rico, envergado o menino *nico-boco*, vou de longada ao vasto verde.

E tenho, logo ao sahir da porta, de verde e de paisagem, quanto queira: em ramadas densas que quasi me encasulam, e rendilham a chapa prateada ou anilada do céu; em arcarias magnificentissimas de *cupressus*, robustos troncos de suppostos cedros, emmolurando toques luminosos de *Courbet*; ou na suprema dominação do grande panorama, se trepo ás arestas da tapada, bebendo de alto o ar como uma aguia, e como ella mergu-



UMA DAS CAPELLAS DO BUSSACO



A VARANDA DE PILATOS (BUSSACO)

lhando dum só golpe o olhar apavorado na pequenez do mundo: serras que são monticulos; leguas de pinheiraes que mais parecem magras theorias de mastros enramados; a vida coleante dos comboios que um ephemero penachito de fumo denuncia nalgum refêgo de terreno, como lagartas na nervura duma folha; casáes amontoados como ninhos; levadas de agua, que eu sei caudalosas, tenueamente rutilando como poeiras de mica...

E tudo isto, ou assim incrustado no parenchyma de gase da manhã, ou na faiscação do grande sol, ou no veludo macio do luar, ou sob o zurzir vibrante do trovão, tudo isto, é,

como paisagem, um]abençoado, completo e sacrosanto pasto!

E pasto... ás vossas ordens, meus amigos, e com dispendio igual ao meu, na *nossa* famosa quinta do *Bussaco!*

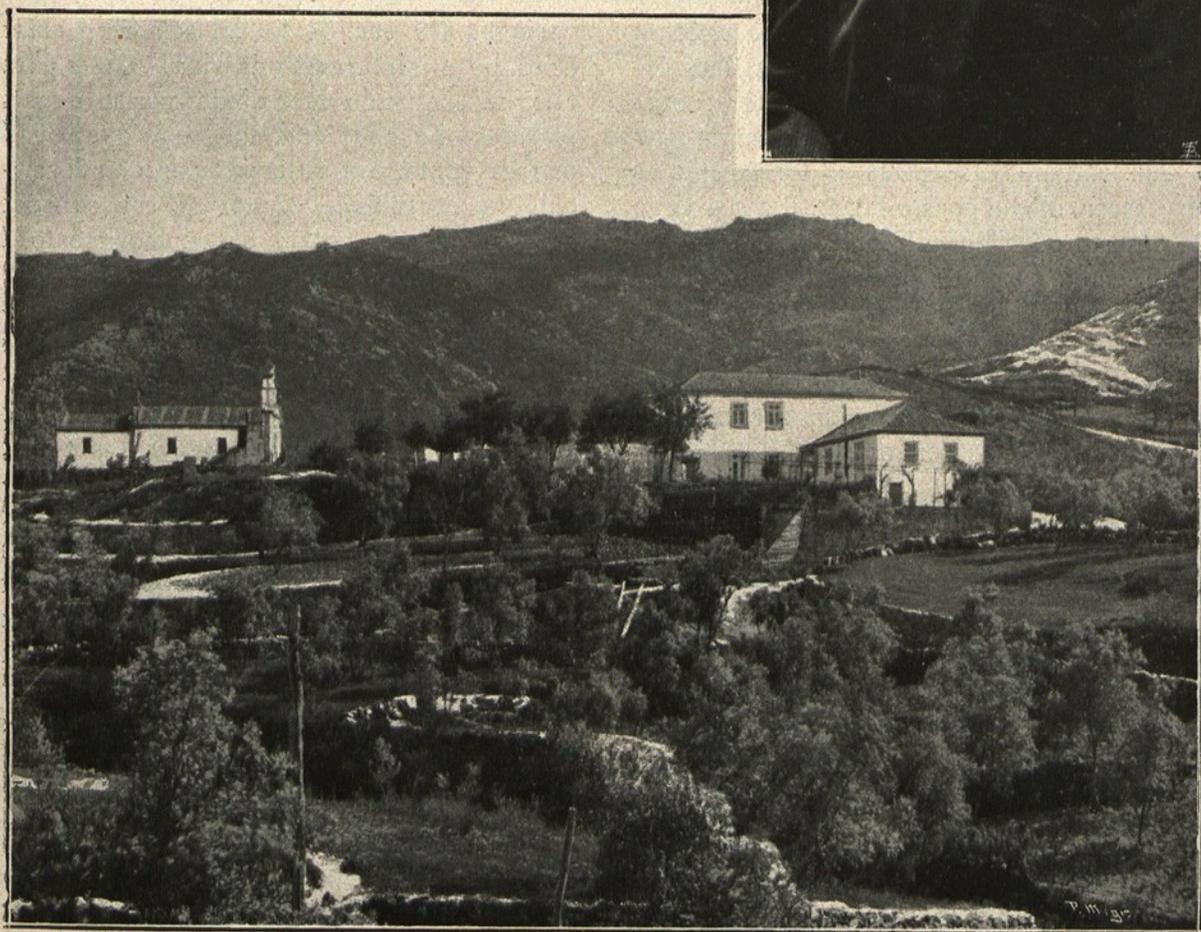
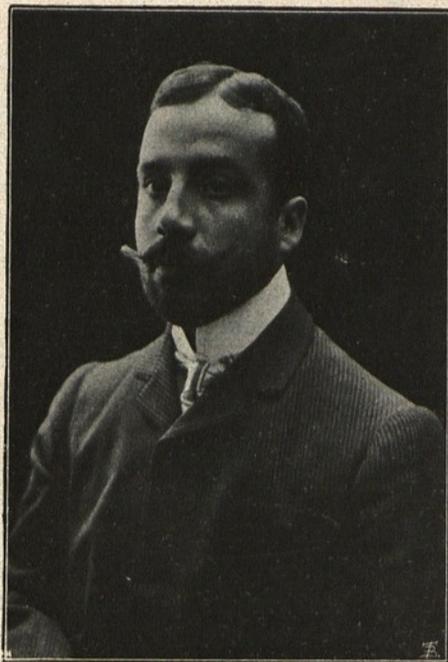
*Arnaldo Fonseca.*

### Do DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Crítico d'arte

Sendo a paysagem um estado d'alma, todas as paysagens são bellas desde que ellas se integrem na nossa maneira de sentir no momento preciso em que as olharmos. Entretanto, paisagens ha que, mais profunda e fa-

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO



CONDEMIL (SERRA DO MARÃO) — A' direita a casa do conselheiro Antonio Candido

cilmente que as outras, nos ganham e emocionam. E, porque a essas sentimos melhor e mais fundamente, essas são tambem aquellas que preferimos.

Para mim, nada me suggestiona e encanta como o mar. Talvez porque nasci e cresci visinho d'elle, e assim o meu espirito decifra melhor a sua linguagem, o que é certo é que a contemplação do mar nunca me cança ou aborrece. Antes, de cada vez que a elle volto, a esse mar, o meu bom e velho mar do norte, o mar dos sanjoaneiros, mattosinheiros e poveiros, que Antonio Nobre tão suggestivamente cantou nos seus versos, e Raul Brandão, Alberto d'Oliveira e Justino de Montalvão, tão bellamente, evocaram na sua prosa pessoal e intensa

mais fico preso do seu encanto e, mais saudosamente tambem, o abandono e deixo.

Amo a terra, e sobretudo a montanha, as grandes serras como o Marão e a da Estrella, nos seus altos cumes, escarpadas e despidas de atavios, serras em cujos pincaros o homem, reduzido ao minimo pela aridez ingrata do solo, reduz tambem á maxima simplicidade o seu trajar e *habitat*.

D'ella, com as suas arvores nodosas, erguendo-se violentas d'entre o abrupto das fragas, sahem os luctadores que trazem para a vida a força dos seus musculos ou o poder da sua vontade. E se esses homens, mais do que essa tranquilla e resoluta força, teem na alma o germen d'um mais alto sonho, afastam então a vista da realidade violenta que rodeia, e que, desde creanças, lhes offereceu combate, e erguem-n'a até ao infinito que os cobre. E, depois de interrogar o ceu, voltando as costas ao torrão que os viu nascer, olham para o largo. E a sua visão do deserto ou a do habitante da costa, porque o seu fito é menos vago do que o d'aquelles. Para cima, a atmospherá é mais limpida, d'essa limpidez que só se encontra na rarefacção das grandes altitudes. Para baixo, homens e coisas não conseguem perturbal-os porque lhes apparecem em synthese. Pequenos demais para os poderem interessar isoladamente, interessam-n'os só em conjuncto.

A montanha é, por isso, o ninho das toupeiras e das aguias; dos cavadores e dos prophetas. D'ella, nos veio Camillo, «verdadeira farça da natureza». N'ella, nasceram Guerra Junqueiro e Antonio Candido, o nosso primeiro poeta e o nosso primeiro orador.

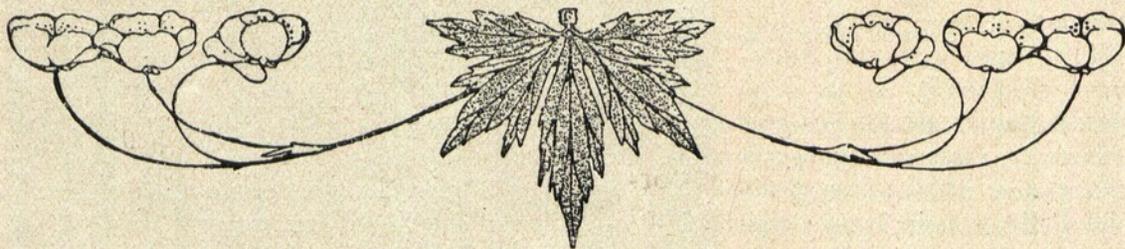
Mas, amando assim a montanha, nada como o mar me impressiona.

A terra dá-nos a idéa da immutabilidade, e a sua renovação é tão lenta e surda que só, olhando-a a longos intervallos, lhe pudemos surprehender mudanças reaes e sensiveis. Sob a diversidade da luz, as flechas dos seus montes, os cimos das suas arvores, ou os seus barrancos e valles assumem aspectos ineditos, mas, passado esse effeito de luz, ahí a temos hoje, como hontem, igual, sphyngica e inalteravel. Vista de longe, da amurada d'um navio, e a não grande distancia das suas praias, a terra, então, alinha-se, achata-se, tornando-se banal e geometrica.

O mar, não! Tudo é, n'elle, vivo e variado. No seu dorso, ha sempre o arfar continuo e ininterrupto da vida. Olhem para elle, seja quando fôr, ainda mesmo n'esses placidos dias de outomno, em que quasi não ha vento, e a natureza parece adormecida na serenidade elysial do ceu calmo e infinito. Mesmo então, o seu movimento é suave mas constante.

O mar! Só elle, com as suas aguas profundas como a terra, translucidas e limpidas como o mais puro crystal, é eterno e imprevisivelmente novo. Faiscando á hora forte do dia, e então triumphal e esplendente como a couraça d'um cavalleiro medievo; nostalgico e melancholico, ao cahir da tarde, como a esperanza apagada e quasi desfeita d'uma noiva lacrimosa; ou sereno e doce, nas suas noites prateadas, como a velhice feliz dos que tem saudades a rememorar, só elle sabe fallar sempre aos corações e dialogar, com elles, a linguagem muda mas suprema das almas.

*José de Figueiredo.*



# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### COIMBRA

(Continuação)

**D**A restante decoração da cathedral, convém mencionar, antes de tudo mais, entre os trabalhos coevos, o mausoleu do insigne bispo D. Jorge de Almeida, a cuja predilecção pelas artes se deve, principalmente, o conjuncto da sumptuosa ornamentação da antiga Sé, obra realizada entre 1481 e 1543.

O tumulo consiste em um retabulo em cima de um altar, conforme é uso no paiz; o monumento apresenta a feição de um arco de triumpho e contém na arcada interior a crucificação, de cada lado, em nichos, dois apóstolos, no sócco subjacente uma crucificação; a um e outro lado, acha-se representada a lenda de S. Pedro com pittoresco relevo, e as armas do bispo. Por cima, ao meio, um medalhão com o Padre Eterno, lançando a benção. No attico, da esquerda e da direita, um conjuncto architectonico em arcarias, de reduzidas proporções. O todo apresentando nimia finura já nos pormenores estructuraes já na ornamentação, as architraves, apenas, um tanto pesadas. E' deliciosa a impressão. A sua situação na abside semi-circular do

norte acompanha a direcção curvilinea da planta, de modo que as partes externas se acham em posição obliqua para com o arco central.

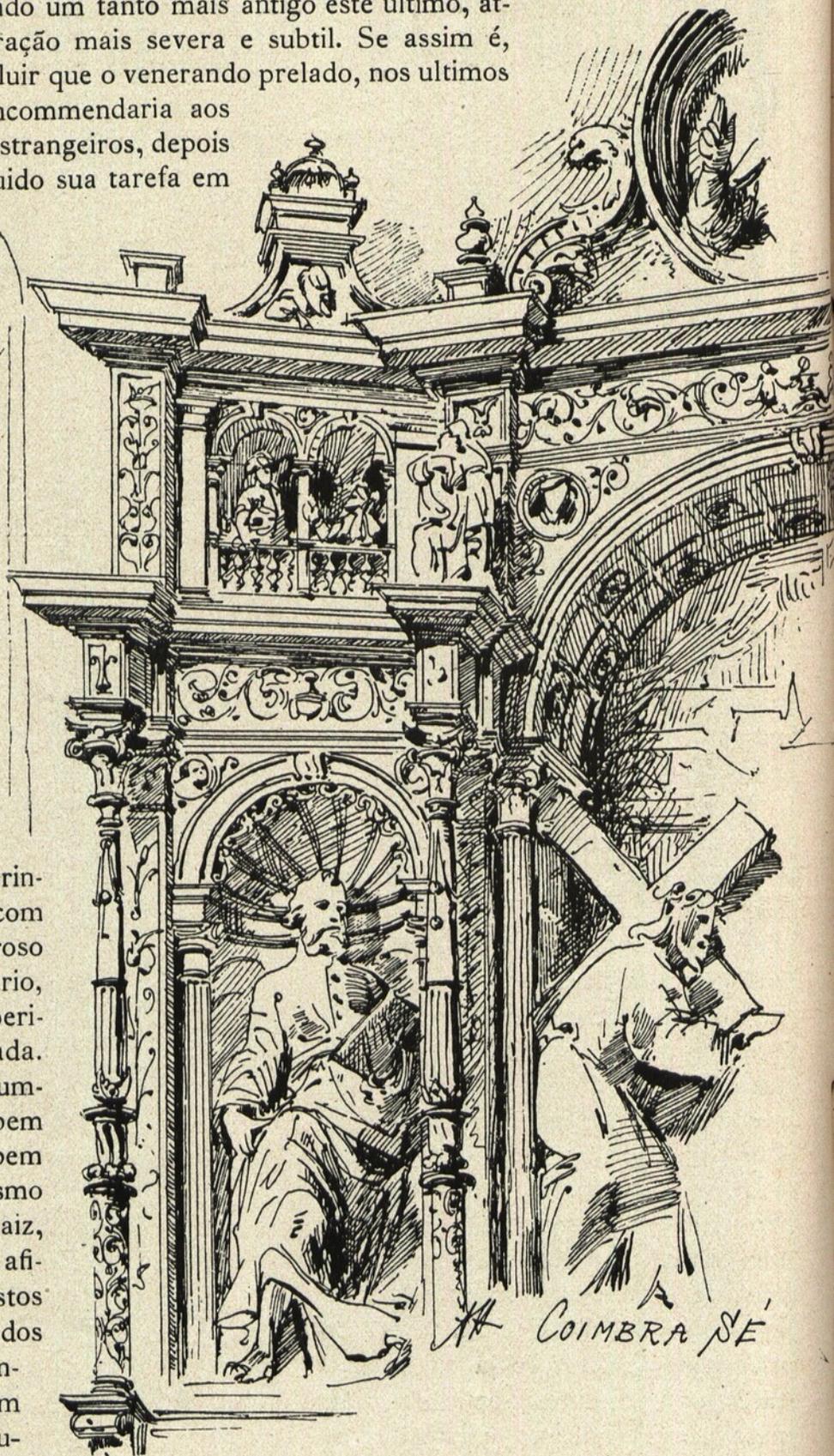
Que o bispo falleceu em 1843, é in-



INTERIOR DO PORTICO DA SÉ VELHA

formação que temos que agradecer ao monumento, cuja inscripção no lo patenteia. A mão do esculptor é a mesma a que se deve o portico exterior. Impressiona-me como sendo um tanto mais antigo este ultimo, attenta a sua elaboração mais severa e subtil. Se assim é, devemos pois concluir que o venerando prelado, nos ultimos annos de vida, encommendaria aos distinctos artistas estrangeiros, depois de haverem concluido sua tarefa em Santa Cruz, a decoração da igreja matriz, e que estes, como elle desejasse trabalho aprimorado, lhe houvessem lavrado igualmente o seu ultimo lugar de repouso.

Anteriormente, comtudo, D. Jorge havia adornado com sumptuosidade a sua igreja, além da abside principal, dotando-a com aquelle tão primoroso altar gothico terceario, tomando todo o perimetro até á abobada. Este, o mais sumptuoso e mais bem conservado, é tambem a unica obra do mesmo genero em todo o paiz, e manifesta tanta afinidade com os restos do altar da igreja dos Templarios no convento de Christo em Thomar, que não duvido attribui-lo a Oli-



TUMULO DE D. JORGE D'ALMEIDA, NA SÉ VELHA

vel de Gand. O lavor da talha indica seguramente o haver sido feito em Flandres; obra talvez de 1490 a 1500.

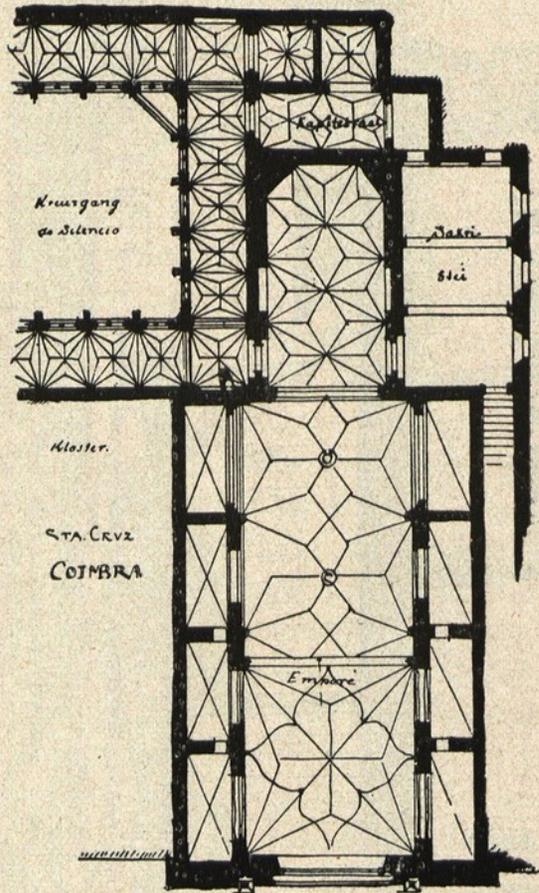
Adorna a basilica ainda uma obra opulenta de antigos tempos: a tribuna do lado do poente. A parte inferior, sobretudo, constituindo um tecto de madeira encimando dois e meio lanços da nave central, pertence aos trabalhos mais individuaes da época. E' lavrada em riquissimas molduras dividindo-a com intersecções geometricas de forma mourisca; as praças intermedias, lisas, ostentam ornatos da Renascença, de admiravel finura em lavor de embutidos. Este encantador estylo misto, raro na propria Hespanha em tão subido grau de finura, apresenta em Portugal, que eu saiba, tão somente o tecto abaulado da capella dos Paços de Cintra. A época da sua origem frizará por 1520. O recinto superior, sobre a tribuna, recebeu, mais tarde, ahi pelo seculo xvii, um revestimento singélo, de tabellas de madeira, assim como uma abobadilha da mesma madeira, em caixotões, os quaes, juntamente com o parapeito barrôco do recinto do côro ostentam um não sei quê de luxuoso e festivo.

Defronte do monumento de D. Jorge, na abside do sul, está a capella do Santissimo, uma das capellas mais ricamente adornadas na maioria das grandes egrejas, para instauração do Santissimo Sacramento. Edificada pelo bispo D. João de Mello, em 1566, ostenta assim a modo de uma cupula no espaço circular, aparentemente fundo.

A architectura apresenta singular primôr, e é dividida em dois pavimentos.

Por baixo da cupula, a superficie é repartida por pilastras corinthias, molduradas, com fructos em festões, e por

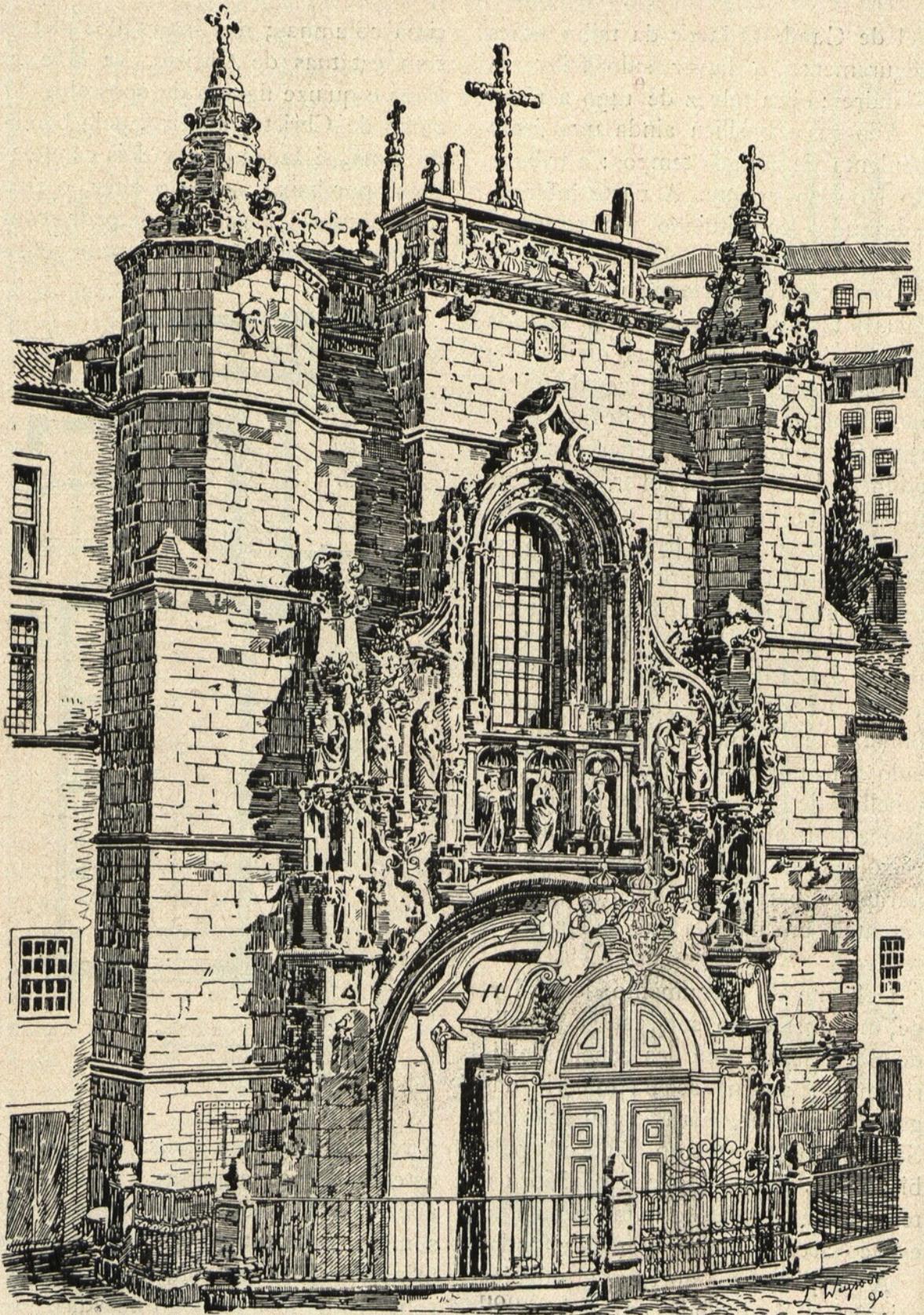
cima columnas; nos intervallos nichos com estatuas de Christo, da Mãe de Deus e quinze figuras de apóstolos. O nicho de Christo, no eixo, pela banda de cima, é ladeado por dois candela-bros; por baixo, sobre o altar, o rico tabernaculo. Uma cupula de pedra com primorosos caixotões e lanternim cobre



PLANTA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

o recinto que, pela alvura do material ostentando pouca pintura e pouco ouro, apesar da sua pequenez produz effeito sumptuoso e festivo. O ornato consiste principalmente em rotulos e couraças; robustas as formas, algo pesadas.

A sacristia (15×10<sup>m</sup>), quadra espaçosa, produz um bello effeito monumental com a sua magnifica abobada de caixotões, a qual muito se parece á



FACHADA OCCIDENTAL DE SANTA CRUZ

que cobre a abside, em S. Domingos. A architrave, com carrancas nos frisos, descança sobre umas misulas. N'uma das faces vê-se, dentro de um nicho, a

pia baptismal, uma fonte de marmore branco e preto, com as armas do fundador, o cardeal D. Affonso de Castello Branco, e a éra de 1593. Nos lados mais estreitos, adornam as paredes pilastras doricadas, com forro de azulejos nos intervallos; por cima, quatro nichos com umas estatuas de sacerdotes ladeando uma janella, e, no arco de resalva, uma imagem da mãe de Deus. Os lados mais compridos são tomados pelos sumptuosos arcazes; o lanço superior das paredes é infeitado com pintura de grutescos, muito deteriorada, actualmente.

No claustro velho encontram-se ainda diversas capellas da Renascença, entre as quaes mencionarei a da Universidade, por motivo do formoso altar da Familia Vieira, datado de 1559, circundado de columnas com festões, coroados com remate á feição de escudete, e encerrando uma representação do nascimento de Christo, em relevo. A um e outro lado pilastras salientes, com relevos. O character primoroso da esculptura tem um forte sabôr flamengo.

O segundo edificio sacro da cidade, e para nós o mais importante, é Santa Cruz, com o respectivo mosteiro de conegos regantes de S. Agostinho, fundado em 1131 pelo primeiro rei de Portugal, D. Affonso Henriques, o qual, assim como seu filho, ali jaz sepultado.

O vetusto edificio não pareceu a D. Manuel ser um lugar de jazigo condigno de varões tão venerandos, antolhando-se-lhe, além disso, deficiente em condições; nessa conformidade, tomou a peito el-rei o reconstrui-lo de novo, desde os alicerces, e com magnificencia. Até á data do fallecimento do monarcha, achavam-se completos, não só

a igreja e a maior parte da respectiva decoração, mas ainda o claustro do Silencio. D. João III levou por diante os trabalhos até á conclusão, ampliando o edificio com o claustro da Manga.

O mosteiro, cada dia mais rico e mais potente, cujo prior, já pelos rendimentos já pela importancia, emulava com qualquer arcebispo, e cujos frades, além da dignidade de conegos, que já disfructavam, passaram desde o tempo de D. Manuel a ser honrados com o titulo de capellães d'el-rei, ampliou o já tão importante conjuncto, com o andar dos tempos, dando-lhe proporções monstruosas, mediante a addicção de novos claustros e novos lanços, e completando o edificio com um campanario e vastissimos jardins para recreio.

Actualmente tudo isso se acha em deploravel estado de ruina, o municipio ergueu uma casa da camara em um dos lanços, encerrando o primitivo claustro, e presentemente destituida do minimo interesse; abriram-lhe ruas, a ponto de, hoje em dia, apenas pertencerem ao mosteiro o segundo e o terceiro claustro, e algumas dependencias adjuntas á igreja, quando não haja deruido mais algum lanço, desde então até hoje.

A igreja actual levantada, provavelmente, sobre os alicerces da antiga, é de uma só nave, com capellas nos lados e luz de cima, lateral. Uma rica abobada com feixo muito ornatado, supportada por misulas e capiteis, abrange os quatro lanços da ampla nave. Na parte superior das paredes abrem-se umas esbeltas e grandes janellas, ladeadas de columnélos e rematando em arco canopiado. As do côro são de pleno-cimbrio.

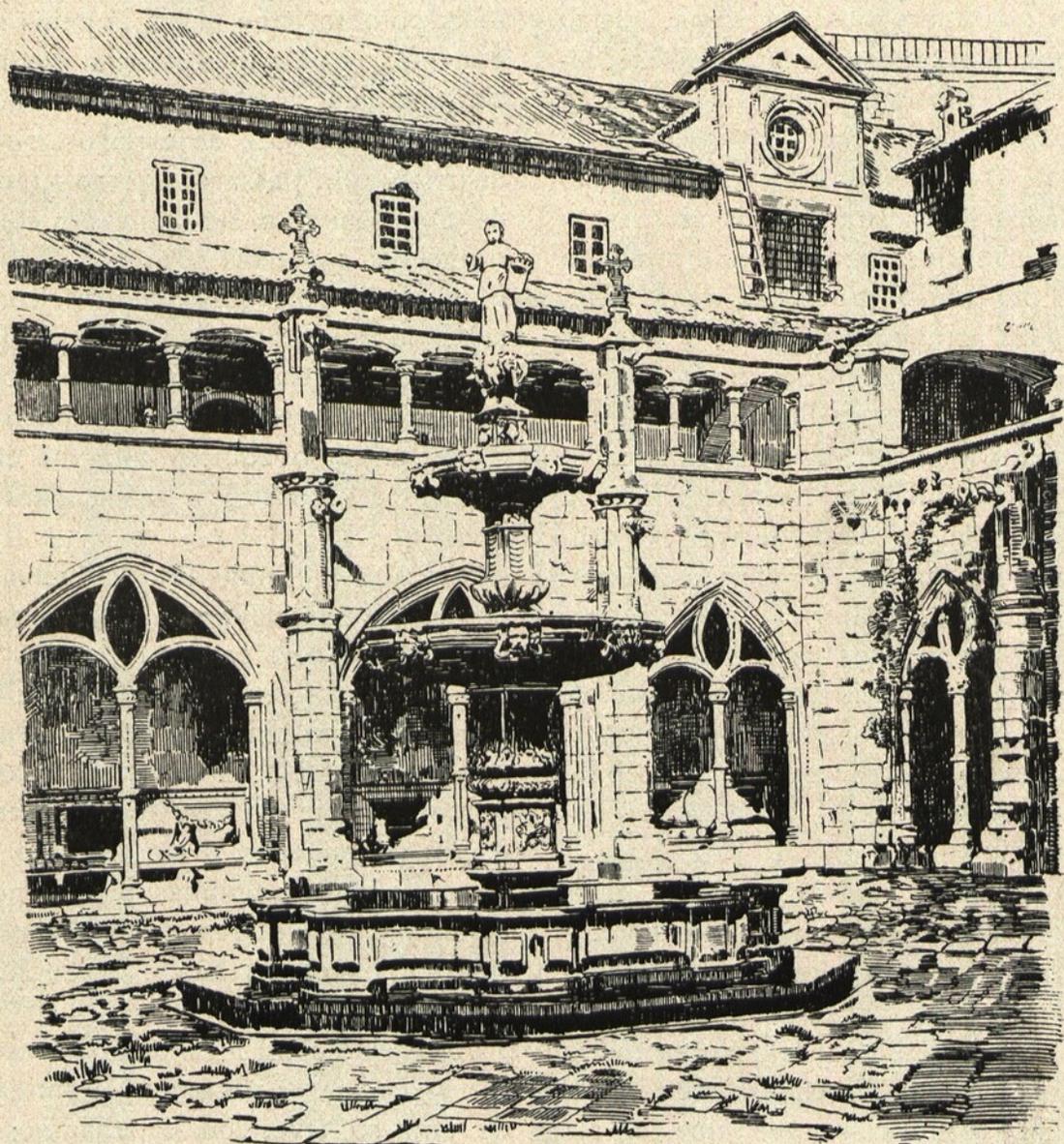
O estylo é um manuelino, rugoso e

ainda muito inclinado ao gothico ter-  
ceario.

E' magnifica, a par de original, a fa-  
chada do poente. O agrupamento re-  
sultante da torre sobreposta, oitavada

independentes quanto pinturescos, ha-  
bil miscellanea de formas gothicas e  
da Renascença.

A darmos credito ás noticias histori-  
cas, temos que aceitar a Marcos Pi-



CLAUSTRO DO SILENCIO, EM SANTA CRUZ

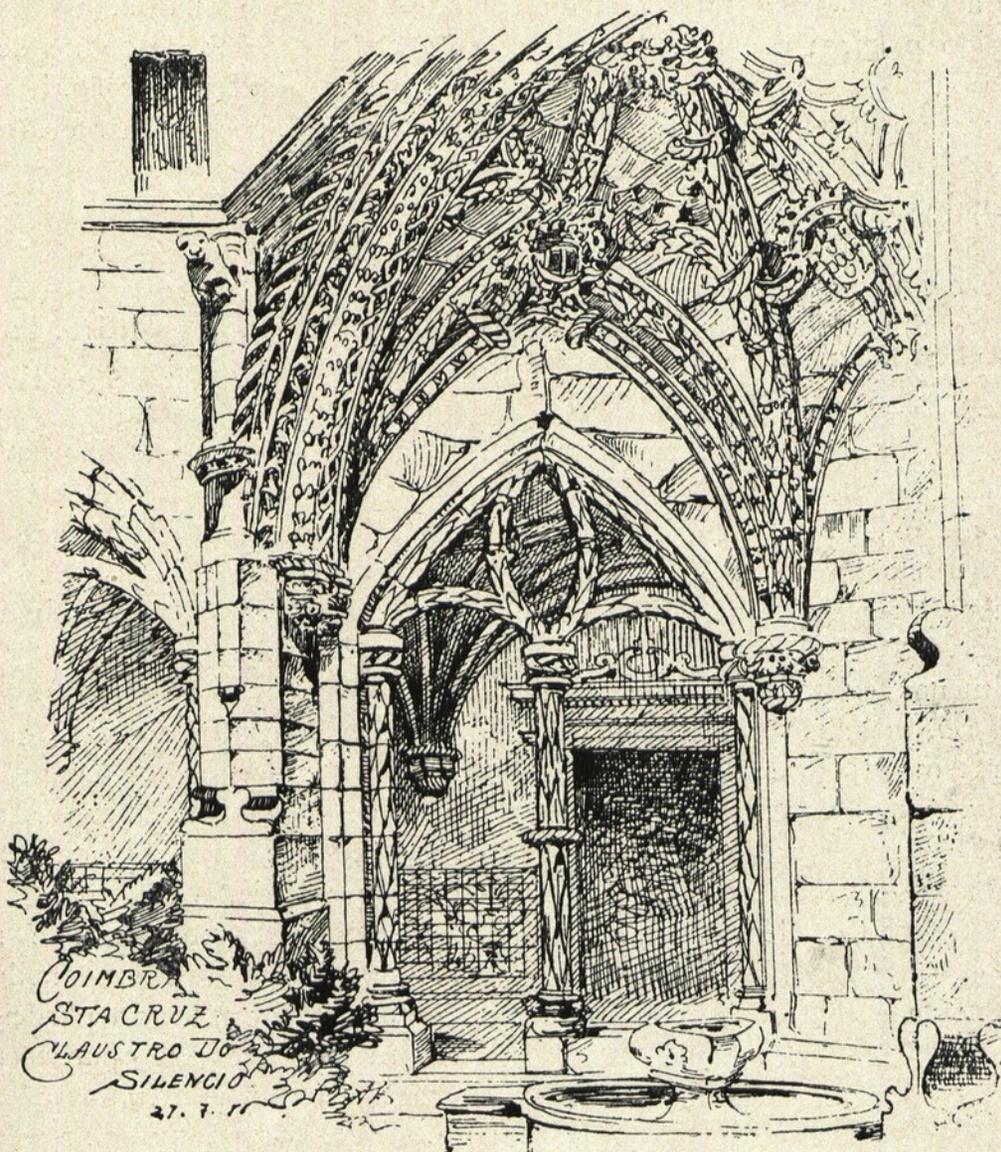
e baixa, e do resalto do corpo central  
é possante e apresenta novidade.

O portal, aberto em arcada robusta,  
eleva-se, tal qual o de Belem, á altura  
da grande janella central e em sua opu-  
lenta estructura é ladeado e adornado  
de gigantes e corucheus, enriquecido  
com pilastras, columnas e nichos, tão

res como sendo o mestre da ornamen-  
tação da igreja e do claustro annexo,  
exceptuando todavia o mencionado por-  
tico, visto que os primeiros são como  
que de um jacto. O proprio claustro  
do Silencio é de um pinturesco um  
tanto rugoso e maçudo; coberto de  
sumptuosa abobada, e com um dos an-

gulos truncados obliquamente. Ergue-se em dois pavimentos, o inferior com janellas de arcos de ponto subido e maineis de laçaria, o superior com uma galeria de volta abatida, rôta, e columnas baixas e airosas. As minudencias, esposando as formas do Go-

dada a publico pelo notario Gregorio Lourenço em 1518 (1), consta que Marcos Pires tinha ás suas ordens, então, cincoenta ajudantes e vinte aprendizes, e concluire as doze capellas (?) e as nervuras e ribetes de três abobadas no claustro, assim como tambem se acha-



ABOBADA DO ANGULO DO CLAUSTRO DO SILENCIO

thico tardio, concebidas em um naturalismo robusto quanto pinturesco, apresentam um conjuncto independente e de muito encanto.

Inclina-se sobremodo para os ultimos trabalhos da Batalha.

Da noticia ácerca d'el-rei D. Manuel,

vam promptos os trabalhos de cantaria para estas e a capella de Paio Guterres, por cima da fonte; o vidraceiro não havia ainda assentado as vidraças nas janellas da igreja.

(1) Sousa Viterbo, obra citada, pag. 20.

Em julho de 1518 ficaram concluídas as torres, conforme o projecto, as abobadas do claustro completadas com *balsoaria* (lavôr de calibre), expressão esta applicando-se manifestamente aos contorcidos e escamosos astesãos e respectivas minucias.

A essa data não se trataria ainda do alludido portico; é evidente haver cabido a outras mãos tanto a sua realização como a decoração interna.

Marcos Pires, successor de Pero Annes, o qual era ainda vivo em 1580 (1), nas funcções de mestre das obras dos paços reaes, tinha a seu cargo, tambem, a continuação dos trabalhos do edificio de Santa Cruz. Veiu a fallecer em 1524.

Para o logar de seu successor nas «obras dos nossos passos em Coimbra», nomeou D. João III a Diogo de Castilho, irmão do inclito João, e que assumiu na integra as funcções do seu antecessor.

Pelo menos existe uma carta, sem data, do rei, incluindo a ordem de pagar ao mesmo Diogo e a mestre Nicolau «*pedreiros e empreitôres* do portall de santa †», cem cruzados de oiro, pelas imagens que estejam ainda por fazer no «portall», além das já concluídas.

Voltamos a encontrar aqui, além de

(1) Pero Annes, em seguida a uma operosa carreira em Africa, no exercicio de mestre, já de construcções urbanas já de obras de fortificações (1473), veiu finalmente para Coimbra na qualidade de architecto da corôa.

Diogo, outra vez o nosso mestre Nicolau, devendo pois concluir que serão obra deste os indicados lavôres em estylo da Renascença, e as estatuas do sumptuoso portico, cognominado «Majestade», ao passo que a Diogo de Castilho caberia a ultimação da architectura que as enquadra, assim como a direcção technica, trabalhos de canteiro e a propria construcção. Esta ambigua carta é possivel ser do reinado de D. Manuel, visto como este monarcha ordena a um certo Nicolau Leitão, na qualidade de thesoureiro do mosteiro, o pagamento da mencionada quantia, o qual Leitão, em 1518, segundo o noticia Gregorio Lourenço, foi nomeado para exercer o mesmo cargo. Assim, pois, Diogo de Castilho haver-se-ha recommendado, em virtude dos seus trabalhos em Santa Cruz, para futuro architecto das reaes obras.

Não haverá sido uma individualidade artistica de subido valor, porquanto, além do respectivo titulo e de algumas menções, da parte de el-rei (como, por exemplo, uma licença para ter um muar), em 1547 foi nomeado mestre da obra das paredes e trabalhos de canteiro da Universidade, cargo que até ali exercera em Santa Cruz, e nunca mais se torna a ouvir falar nelle, parecendo, pois, que a sua participação na obra do mencionado portico representará a sua unica manifestação artistica. E' escolhido muito principalmente pelo facto de ser irmão do proprio irmão e seria esse o seu maior merecimento.



# A tragedia de Lisboa



REAL PALACIO DAS NECESSIDADES

*Já estava impressa a 3.<sup>a</sup> folha do presente numero, quando ocorreu a espantosa tragedia que sobressaltou o nosso paiz e todo o mundo civilizado. A direcção dos SERÖES não quiz deixar de registrar desde logo nas suas paginas a impressão causada pelo historico successo, e de trazer os seus leitores ao corrente dos factos e das suas consequencias immediatas. Eis o motivo por que só no fim do numero tem cabimento o artigo expressamente feito por um illustre escriptor portuguez e copiosamente illustrado, artigo que, pela importancia transcendente do assumpto e pela elevada jerarchia das personagens envolvidas, deveria occupar o logar de honra na nossa revista.*



**T**ODAS as nações, infelizmente para a humanidade, registam paginas, sanguinariamente tragicas, na sua historia. O povo portuguez, de indole bondosa e cavalheiresca, não pode, nem deve ser responsavel, por um acto de cega e nefasta loucura. E basta o movimento de horror, que sacudiu n'um frémito de mortificação e de piedade o paiz d'um extremo ao outro, para energicamente evidenciar que todas as almas se dóem cheias de profunda magoa e absolutamente assombradas pelo pasmo e por uma surpresa

dolorosa, d'esse pavoroso attentado que roubou a uma senhora inoffensiva, que só dera provas da mais altruista caridade, o filho estremecido e o esposo bem amado, isto na sua presença, vendo-os passar, sem nenhuma transição apreciavel, sem que qualquer facto a prevenisse, da vida repleta de esperanças risonhas para a noite escurissima e eterna da morte.

A familia real fôra caçar para as propriedades da casa de Bragança em Villa Viçosa, onde existe o solar dos duques d'esse titulo. Para essa diversão cynegetica convidara o rei D. Carlos não só a maioria dos dignitarios palatinos, mas ainda os seus amigos particulares, que ali foram por turnos.



Sua Majestade El-Rei D. Carlos I  
32.º REI DE PORTUGAL

As caçadas succederam-se no meio da maior alegria, e entre muitas visitas que o régio caçador recebeu contava-se a do duque dos Abruzzos, seu primo, commandante do cou-raçado *Italia*, fundeado no nosso formosissimo Tejo.

Em Lisboa tinham-se dado varios tumul-tos e a população da capital andava a-te-morizada, mais por um instinctivo presentimen-to de qual-quer desgra-ça futura, do que propria-mente porque os factos e as desordens fossem de tal modo sérias que ameaças-sem radical-mente o seu socego. As massas, á se-melhança do que succede com os ani-maes quando se aproxima qualquer ca-taclysmo cos-mico, adivi-nham com larga ante-cedencia que vão impender sobre ellas a conteci-mentos per-turbadores e afflictivos.

Pairava por sobre a cidade um angustioso panico, de que ninguem conhecia, ao certo, as causas, mas que nem por isso deixava de ser enervante e de entorpecer como n'um agonizado pesadêlo a energia e a actividade dos habitantes.

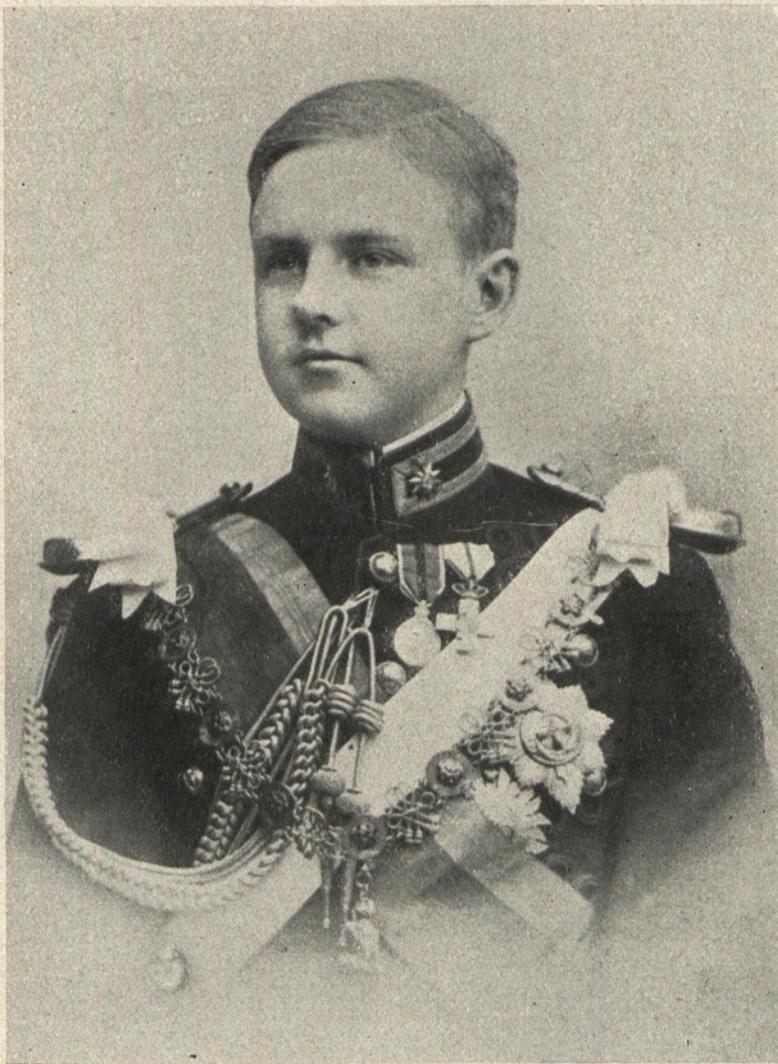
Mas vamos ao tristissimo caso.

A familia real deliberara regressar ao Paço das Necessidades no dia 1 de fevereiro. Ao que correu, alguém affirmara-lhe que havia em Lisboa o mais completo socego. A par-

tida effectuou-se, de Villa Viçosa, no com-boio das 11,40 da manhã, sendo acompa-nhados desde o palacio até a estação por todos os officiaes de cavallaria 10 e por uma escolta d'esse mesmo regimento. Ali, espe-ravam os soberanos as auctoridades da terra e ainda grande numero de pessoas sem re-presentação burocratica, que, como sempre,

quizeram de-monstrar pu-blicamente o immenso af-fecto da po-pulação da localidade pelos seus hospedes de dias. Nenhuma d'ellas pensava, com certeza, que seria a ultima manifesta-ção de estima para dois dos membros d'essa fami-lia!

Um acaso, d'estes que tantas vezes são como um aviso do céo, fez com que o comboio real descar-rilasse ao en-trar na esta-ção de Casa Branca. Sup-poz-se a prir-cipio que fô-ra uma agu-



SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE

lha mal feita. Tal não se dera. O comboio deslisava pelos carris com grande veloci-dade, o machinista pretendeu diminuir o an-damento, refreou a locomotiva quasi de sal-to, uma das rodas resvalou para a areia e enterrou-se, o *tender* seguiu a locomotiva, houve um forte estremeção, algumas pes-soas desequilibraram-se, o engenheiro requi-sitou outra machina e o comboio seguiu, não sem que el-rei telegraphasse ao presidente do conselho communicando-lhe a causa do

atraso na sua chegada a Lisboa. Se a demora tem sido maior e o desembarque se effectuasse de noite, quem sabe se o lamentavel episodio se se teria realisado! Emfim, ninguem foge ao seu destino!

Na estação do Terreiro do Paço aguardavam os soberanos os funcionarios a quem a pragmatica ou a amisade particular exigiam o cumprimento d'esse dever. Eram cinco da tarde quando o vapor *D. Luiz*, dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, atracou. Feitos os cumprimentos do estylo, trocadas algumas rapidas palavras entre o monarcha e o presidente do conselho, a familia real e a comitiva subiram para as carruagens. Na primeira, um *landau*, metteram-se a rainha, el-rei e os seus dois filhos, e n'outro o sequito.

A tarde, uma d'essas tardes de inverno, cheias de sol e tepidas, que são um encanto no nosso paiz, dava alegria á vida. O scenario da tragedia que breve se ia desenrolar era uma delicia de tons alacres e subtis, com um poente de tintas rubras mas suaves, com um azul d'uma diaphaneidade de rodoma, com o Tejo limpido como um cristal, com a natureza a entoar os seus himnos mais jocosos, com a expressão do goso da existencia pintada em todas as phisionomias.

As carruagens partiram a trote curto pela

rua occidental do Terreiro do Paço, e as differentes pessoas, que iam e vinham ao longo da arcada e pelos passeios, tiravam respeitosa e o chapéu, a que o rei correspondia fazendo a continencia militar e conservando nos labios o seu sorriso attraente, que a rainha retribuia, inclinando a cabeça com a sua proverbial amabilidade,



SUA MAJESTADE A RAINHA VIUVA D. AMELIA

com os seus rasgados olhos a revêrem-se ora no povo, que assim lhe manifestava a sua sympathia, ora nos filhos sentados de frente, e que eram o enlévo da sua alma, como todos os filhos são o enlévo da alma de todas as mães.

Nada, absolutamente nada, fazia prever a imminencia da catastrophe. Nem sequer a policia, tão de sobreaviso e tão precavida com os alvorótos da vespera, teve a presciencia do medonho desastre que segundos depois lançaria tão implacavel-

mente duas victimas para o hediondo báratro do regicidio. Pois se todas as caras se mostravam, como o céu, expansivas!

Então o cocheiro tomou um pouco o governo da parelha para descrever a curva e entrar na rua do Arsenal. N'esse momento um dos regicidas, o Manuel Buiça, que

calculara muito bem o itinerario que os trens deviam percorrer, affastou-se d'um kiosque pintado de verde, que fica mesmo dentro da arcada, tirou de debaixo do varino a carabina Manlicher com que se munira, e sereno, com o sangue frio e a força de vontade peculiar aos fanaticos, com o mesmo arrojo e tranquillidade com que Ravvaillac se aproximara de Henrique IV ou Matheus Moral se debruçara da janella sobre o coche que transportava Affonso XIII e a noiva, e apontou. Pôde visar D. Carlos á sua vontade; ninguem o via, todos os olhos se fixavam no prestito que ia desfilando. Bem certo de que o tiro não fallaria puxou pelo gatilho e a bala, desfechada quasi á queima roupa, penetrou no pescoço do monarcha e esphacelou-lhe as vertebraes cervicaes.

A morte fôra instantanea.

Simultaneamente, com o impeto que só a cegueira da allucinação proporciona, Alfredo Luiz da Costa, do lado direito da carruagem, subia á capota do *landau*, e, receando que o primeiro tiro não tivesse attingido o soberano, desfechava o

seu revólver, com a furia d'um iconoclasta que despedaça o seu idolo. Este acto, de phrenetica exasperação, tornava-se absolutamente escusado. O rei, ferido como um robusto carvalho pelo raio, pendia para a frente, ensopando o tapete e o *couvre-pieds* do sangue que, aos borbotões, lhe jorrava dos ferimentos.

A rainha, estupefacta, com o pasmo horroroso de aquelle ataque sanguinario, puzera-se de pé, de salto, e, com o mesmo ramo de flores com que ha pouco alguem lhe saudara a chegada e lhe desejara as boas vindas, quiz repellir a medonha e crua aggressão. Manuel Buiça, ou cego pela nuvem vermelha que lhe toldava o cerebro, ou dominado por um inexplicavel requinte de desatino, ajoelhou, e, com o mesmo socego da primeira vez apontou para o principe, que se levantara, como sua mãe e seu ir-



SUA MAJESTADE EL-REI D. MANUEL

(O mais recente retrato)

mão, aturdidos, desvairados, não comprehendendo a terrivel realidade da acommetida e varou-o, entrando-lhe a bala pela face, destruindo-lhe a região malar e a orelha, sahindo-lhe pelo bolbo, o que provocou

a congestão a que succumbiu minutos depois.

Então um policia, que voltava a si do subito assombro, correu sobre elle. Ainda de joelho no chão, alvejou este adversario e furou-lhe o capote com uma bala. Assim hostilizado, o guarda disparou-lhe por seu turno o revólver, que o attingiu no peito e o fez vacillar. Foi n'esse instante que appareceu um soldado de infantaria 12. expedicionario do Cuamato, Valente, que o agarrou pelo pescoço e o derrubou, não sem que

e sobre o infante D. Manuel, repellido em primeiro lugar pela rainha, e cambaleando, ao ser lançado fora do *landau*, foi agarrado pelo segundo sargento da Guarda Fiscal, João Nunes Ribeiro, que lhe prendeu os braços ao tronco, fazendo-o tombar no solo e indo o revólver cahir no passeio. Foi n'este instante que varios policias de sabres desembainhados e outros á paizana se arremessaram sobre o criminoso e o arrastaram, já mortalmente ferido e sem acôrdo pela rua do Arsenal adiante.



NO TERREIRO DO PAÇO—ESPERANDO A CHEGADA DE SS. MM.

*Suas Altezas os infantes D. Affonso e D. Manuel, hoje rei, os srs conselheiros João Franco, presidente do-conselho, e Ayres de Ornellas ministro da marinha*

o regicida se debatesse furiosamente e ainda disparasse a arma, ferindo-o n'uma perna. Já empolgado, com a esperança perdida de se poder evadir, deparando-se-lhe na frente o tenente Francisco Figueira, official ás ordens d'el-rei, que lhe vibrara uma cutilada na cabeça, ainda disparou novo tiro que tambem acertou n'uma perna do brioso militar.

Ainda do lado direito da carruagem, isto é, da banda d'onde ia el-rei, o Alfredo Luiz da Costa, que depois de atirar sobre o sr. D. Carlos disparara sobre o principe real

De todos os lados partiram tiros, n'uma metralhada nervosa, suppondo-se toda a gente alvejada e correndo os horrorizados espectadores d'esta infernal scena em direcções oppostas, totalmente loucos e sem a força moral sufficiente para reagir contra o panico que tudo avassalava.

Na carruagem real, entretanto, passava-se o mais pungente drama que é possivel imaginar. A rainha, logo ao primeiro tiro, como dissemos, erguera-se no arranco instinctivo do amor materno em frente do perigo. Com a sua alta e elegante estatura, queria proteger quantos dos seus tinha ali.

Oh! mães, que abraçaes e beijaes esses bocados da vossa carne, esses pedaços do vosso coração, que tendes junto de vós, louçãos, cheios de vida, que vos sorriem e vos acariciam, lembraevos do horrendo lance! Que poema mais doloroso pode existir na historia da humanidade? Sem transição, passando da mais descuidosa alegria ao mais incomparavel desespero, essa senhora viveu e soffreu n'esses curtos instantes tudo quanto uma martyr pode soffrer na mais cruciante das torturas. O ferro assassino zumbia em redor em silvos sinistros e repetidos. O seu corpo



O ATENTADO DO DIA 1 DE FEVEREIRO



O LOCAL DO ATENTADO—QUINA DO TERREIRO DO PAÇO E RUA DO ARSENAL

*A cruz indica o ponto onde el-rei D. Carlos recebeu os tiros, a linha ponteando o percurso da carruagem real, até ao ponto em que foi ferido o Principe Real—O regicida Buiça achava-se defronte da arcada do Ministerio do Reino, vouco mais ou menos no ponto em que na gravura se vê a deanteira do carro electrico.*



ARSENAL DA MARINHA

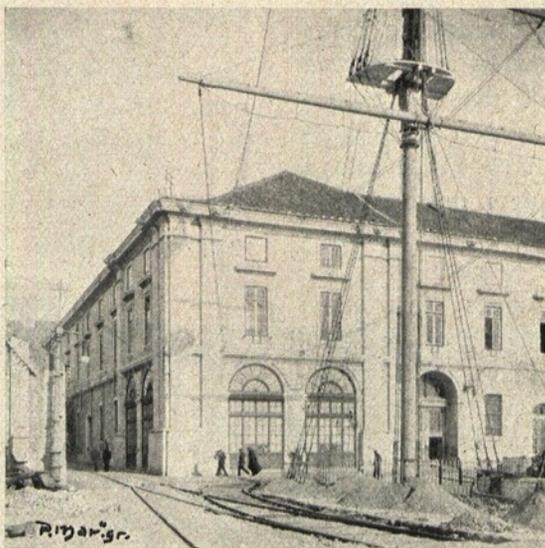
*Posto de soccorros medicos, onde foram recebidos el-rei D. Carlos e o principe D. Luiz Filippe, depois do attentado*

não era sufficiente escudo para cobrir simultaneamente o peito do marido e dos filhos. A quem acudir primeiro? A quem implorar protecção na estupenda conjuntura? Os homens matavam-lhe os seus entes mais queridos ou abandonavam-n'a sem soccorro; a Providencia voltara-lhe as costas. Que fazer? Debalde pedia que lhe acudissem, em vão levantava as preces mais fervorosas para Deus! Procurava um amparo nos seus vassallos, não a ouviam; recorria ao céu, o ultimo bordão dos desalentados, e não lhe valia! Que mais é necessario para endoudecer a creatura de crenças mais firmes, o espirito mais bem equilibrado?

Primeiro viu despenhar-se para a frente

o esposo, como a arvore a quem o rachador corta pela base; depois, apertado a si, ouvindo bater-lhe apressadas as palpições, cingindo-o n'um amplexo onde ia todo o incommensuravel carinho da sua alma, sentiu as balas atravessarem a face rosada, quasi angelica, absolutamente inoffensiva, d'esse filho que dera á luz, que creara, que educara, que vira crescer, a quem seguira dia a dia nos seus progressos phisicos e moraes, de quem anhelava fazer um principe modelo, um homem que fôsse o espelho dos seus compatriotas, que

suppunha que todos estimavam e idolatravam, como se estimam e idolatram as creanças, e tinha-o ali exanime, ensanguentado, com a cabeça atravessada d'um lado ao



ARSENAL DA MARINHA

*Casa de Balança, onde S. M. a Rainha D. Amelia e S. S. A. A. o Infante D. Manuel e D. Affonso, receberam a noticia official do fallecimento dos regios personagens.*



O professor Manuel Buiça



Alfredo Luiz da Costa

NA MORGUE — OS DOIS REGICIDAS

outro por uma bala estúpida, cega, malfezja!

Pois podia acreditar na verdade d'esse hediondo facto? Não era um pesadelo? Acordaria! Que pessoa caridosa a podia despertar d'aquelle inegalavel tormento? Mas os tiros continuavam a detonar, as balas proseguiam na sua carreira lugubrememente zumbidora e mortífera. Onde estava tanta e tanta gente a quem protegera, a quem livrara da fome, que arrancara á doença, que defendera da morte?

Onde estavam tantas mães para quem ella sorria, tantas mulheres a quem auxiliara a amamentar os filhinhos, tantas creaturas a quem só dirigira palavras de consólo, a quem a sua bolsa nunca se fechara, para quem fôra um clarão de luz benefica na noite gelada e tenebrosa da sua miseria e das suas afflicções, que não lhe acudiam n'aquella suprema agonia? Pois a humanidade é assim tão má e ingrata?! Não estava ali a rainha, era a mãe, a quem matavam os filhos, a mãe que só desejara a ventura



NA MORGUE

*O caixeiro João Sabino da Costa, morto pela policia na occasião do attentado.*

dos filhos de todas as outras mães! Pois tinham-se invertido de momento todas as leis da natureza, essas leis que eram a maior

gloria de quem as puzera no coração humano?

Ninguem, ninguem a defendia na medo-



JOÃO SABINO DA COSTA

nha crise; ninguem detinha esses loucos que lhe roubavam os affectos mais puros, mais sacrosantos do seu peito!

O cocheiro, fustigando tresloucado os cavallos, como se guiasse o carro da realza aniquilada, arrastou por essa nova *Via dolorosa* o cadaver ensanguentado do monarcha e o corpo moribundo do principe real, o infante D. Manuel, cuja gravidade dos ferimentos se ignorava, e a desolada mãe vibrante de dôr e de indignação. Procurava um refugio. Nem uma porta, nem um alpendre, nenhum abrigo n'aquellas paredes mudas, frias e hostis do correio, da parte esquerda, e da direita a turba em lueta com a policia — pelo menos presumia-o —, n'um tiroteio incessante, ávido de mais victimas. Alcançou por fim, após minutos que lhe pareceram seculos, o portão do Arsenal, por onde enfiou.

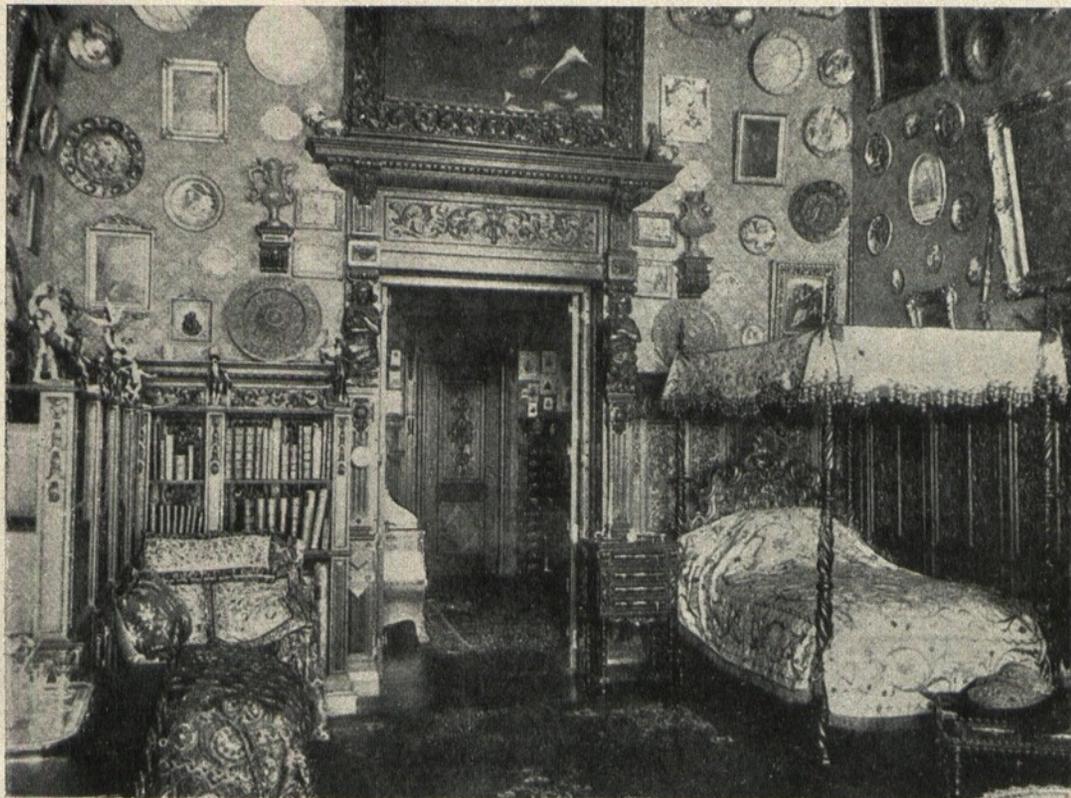
Ahi, ao transpôr o amplo portal, o principe abriu muito os olhos, fitou-os já vítreos, embaciados pelas primeiras nevoas da morte, na rainha, e entregou a alma a quem lh'a confiara. Ainda o amor materno conservava a esperança de que restasse algum sópro de vida dentro d'esses envólucros immoveis.

Transportados os dois corpos para o posto medico d'aquelle estabelecimento fabril, bem depressa os facultativos proferiram a sentença fatal, de que a sciencia nada podia fazer!

Na casa da *Balança*, para onde tinha sido conduzida quasi á força a rainha D. Amelia, foram examinados os ferimentos do infante D. Manuel. Não apresentavam gravidade. Duas balas, passando de raspão pelo braço, causaram echymoses, que foram

perimentadas pela adversidade. E ha quem ainda inveje os privilegios e as castas!

Depois de inauditos esforços, chorando todos convulsivamente, metteram-se as duas rainhas n'uma carruagem e dirigiram-se para o paço das Necessidades escoltadas por uma força de cavallaria da Guarda Municipal. A's oito horas da noite, três coches da casa real transportaram, os dois primeiros os regios cadaveres e o terceiro os sacerdotes, que a rainha D. Amelia tanto de-



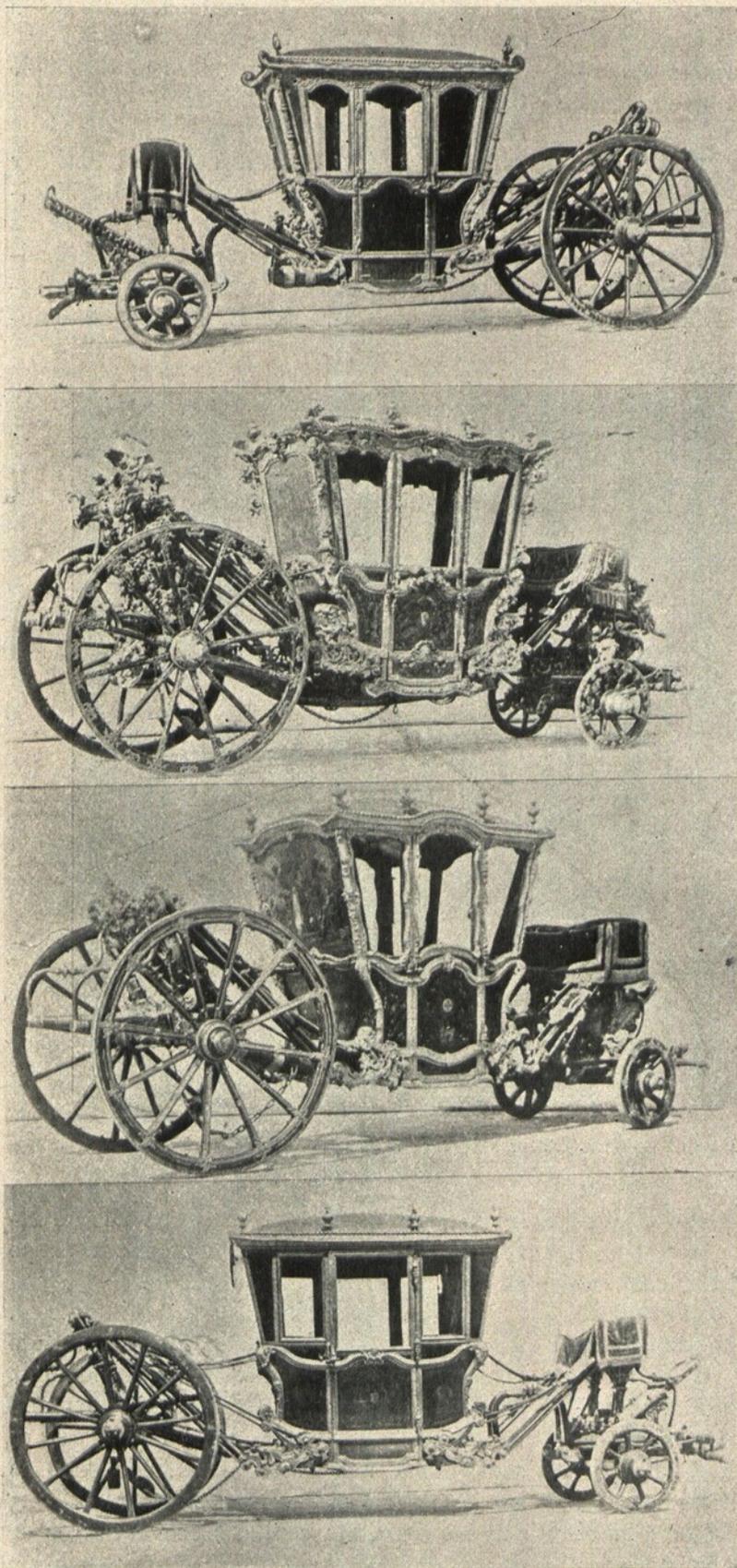
QUARTO DE EL-REI D. CARLOS NAS NECESSIDADES

pensadas com algodão hydrophilo e desinfectantes.

Espalhada a noticia do regicidio com incalculavel rapidez, depressa o Largo do Municipio foi occupado por um esquadrão de cavallaria e um batalhão da Guarda Municipal. A rainha D. Maria Pia, prevenida no palacio da Ajuda, da horrorosa tragedia, correu immediatamente ao Arsenal. O encontro das duas soberanas foi lancinante. Uma chorava o esposo e o filho; a outra o filho e o neto! Que commedor quadro! Custou a arrancar-as da presença dos dois entes estremecidos, ao pé dos quaes choravam como duas das mulheres mais ex-

sejou para os derradeiros momentos de el-rei e do filho, e que não chegaram a tempo de lhes receber o ultimo alento.

Uma nota impressionante. O infante D. Affonso, a quem communicaram o horrendo attentado, pouco depois de ser commettido, correu no seu automovel para o Arsenal. Ahi ainda não queria acreditar no que os seus olhos lhe mostravam. Amicissimo do irmão e do sobrinho, tão fundamente afflicto que as lagrimas se lhe seccavam antes de descer das palpebras, passeava agitadamente como um leão reduzido á impotencia, como alguém que afugenta teimoso a idéa que houvesse gente tão deshumana, com tão in-



COCHES REAES QUE FIGURARAM NO FUNERAL

*Coches de D. Anna Victoria, de D. João I, de D. Maria de Saboya  
e de D. Carlota Joaquina*

exoravel desvario. O seu aspecto era o d'uma dôr tão viva e intensa que a todos inspirava commiserção.

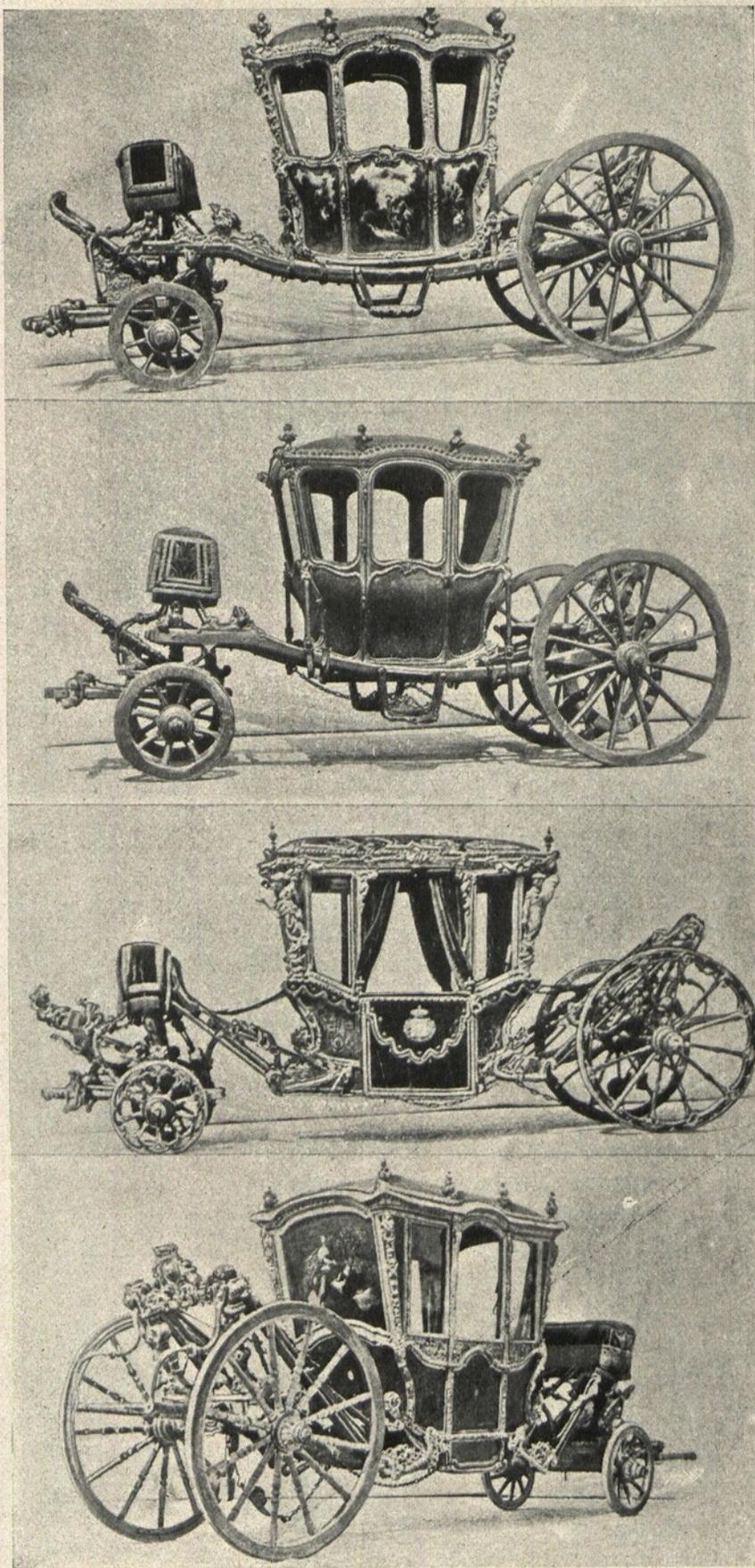
Logo que os dois cadáveres entraram no Paço foram conduzidos para os antigos aposentos do monarcha, deitados em dois leitos e cobertos com a mesma bandeira nacional que os tapara durante o trajecto. Ahi se deu nova e dilacerante scena. As duas rainhas e D. Manuel, que acabava de ser proclamado rei em momento tão luctuoso, declararam que velariam toda a noite as duas mallogradas personagens. E não houve rogos de amigos, nem conselhos de cortezãos, nem recommendações de medicos que os demovessem de tal intento.

Aquelles aposentos, testemunhas de tantas horas de alegria, em que cada objecto representava uma lembrança carinhosa, transformara-se em camara ardente. Os episodios de compungido sentimento succediam-se sem interrupção. Era a ama de leite do principe real, cujo pranto cahia em catadupas, e se estorcia alanceada pela mais vehemente afflicção, prodigalizando ao corpo frio e rígido os nomes mais ternos e repassados de unção; era o mestre do *yacht Amelia* que não sosegou nem se retirou enquanto não beijou a mão gelada de Sua Magestade; eram os serviçaes do Paço, desde o mais humilde até ao mais graduado, que, em piedosa romaria, desfiliavam ante as duas individuali-

dades tão subita e des-  
caroavelmente arranca-  
das ao seu affecto.

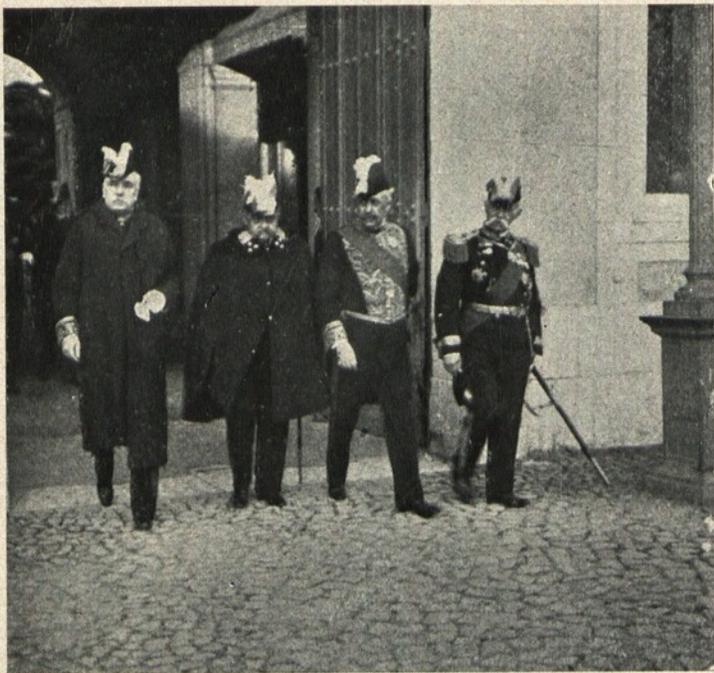
Os livros, collocados  
n'uma das salas para re-  
gisto dos nomes das  
pessoas que iam ao Paço  
apresentar os seus pesa-  
mes, encheram-se quasi  
logo. Foi necessario ac-  
crescentar-lhes folhas  
supplementares. A gran-  
de maioria da população  
da capital, sem exagge-  
rar, a quasi totalidade,  
inscreveu-se ali paten-  
teando por essa forma,  
não só o muito que a  
commovera o desgosto  
soffrido pela rainha com  
as perdas de seres tão  
intimos, mas ainda a in-  
dignação que lhe cau-  
sava o nefando acto,  
tão fóra dos nossos cor-  
dados e benevolentes  
costumes. Ninguem, per-  
tencesse a que partido  
pertencesse, por mais  
radical e avançado que  
fosse, queria participar  
do labéo que para sem-  
pre estigmatizará os seus  
dementados auctores.

Incutia funda pena o  
espectaculo que offerencia  
o palacio das Necessida-  
des, tão tranquillo anti-  
gamente no remanso  
d'aquelle sitio isolado, a  
que serve de moldura  
esmeraldina a coma vi-  
çosa do arvoredado do par-  
que! Os sinos da capella  
tangiam gemebundos a  
finados, com um dobrar  
tão triste, tão dolente-  
mente vibrante, que in-  
timidava a alma com um  
pertinaz terror supersti-  
cioso. Em redor do edi-  
ficio, o apparatus bellico,  
sempre tão ruidoso e  
com frequencia festivo,



COCHES REAES QUE FIGURARAM NO FUNERAL

*Duas berlindas de D. Pedro II, e os coches do Papa Clemente XI  
e do infante D. Francisco*



À SAHIDA DAS NECESSIDADES

*Os novos ministros, conselheiros Ferreira do Amaral, presidente do conselho, Campos Henriques, ministro da justiça, Wenceslau de Lima, ministro dos negocios estrangeiros, e Augusto de Castilho, ministro da marinha.*

participava da melancolia geral, com os tambores e as bandeiras dos regimentos envoltas em crepes, com as surdinas metidas nas cornetas, com as armas em funeral, com todas as manifestações officiaes do luto pela morte do chefe do Estado e muito principalmente pela expressão de anciedade e de commiseração que se estampava em todas as physionomias, não como uma mascara afivelada por convenção, mas com um cunho accentuado de positivo pesar.

No dia immediato ao attentado foi necessario proceder ao embalsamamento. A decomposição não perdôa nem mesmo aquelles que foram ricos e poderosos em vida. Procederam a esse trabalho, que durou doze horas, todos os medicos da real camara. Terminado elle foram amortalhados os cadaveres para a derradeira cerimonia. A el-rei vestiram o uniforme de generalissimo; ao principe real o de capitão de lanceiros; ostentando ambos as condecorações que mais presavam. Foram em seguida mettidos em urnas de teca, com guarnições de pau santo e argolas de prata, acolchoadas a seda branca, com tampa de cristal. Assim os depositaram na capella do Paço e assim os transportaram para o pantheon dos reis no templo de S Vicente de

Fóra junto dos seus antepassados.

Findou ahi, para o pae e para o filho, a hedionda tragedia. Ambos pertencem á Historia, que não será severa com elles. O segundo era uma creança sem responsabilidades nem acção politica; o primeiro ninguem com justiça poderá dizer que mereceu o rude fim com que a fatalidade o eliminou do tablado do mundo. Foi infeliz, mas não sanguinario.

Encaremos agora a hórrida tragedia por outra face. O attentado parece não ter ramificações dentro de qualquer dos partidos constituídos. Seria um caso esporadico, a allucinação de apenas dois homens, alguns d'esses criminosos, por excesso

de piedade, de que falam os modernos criminalistas nas suas obras profundas?



À SAHIDA DAS NECESSIDADES

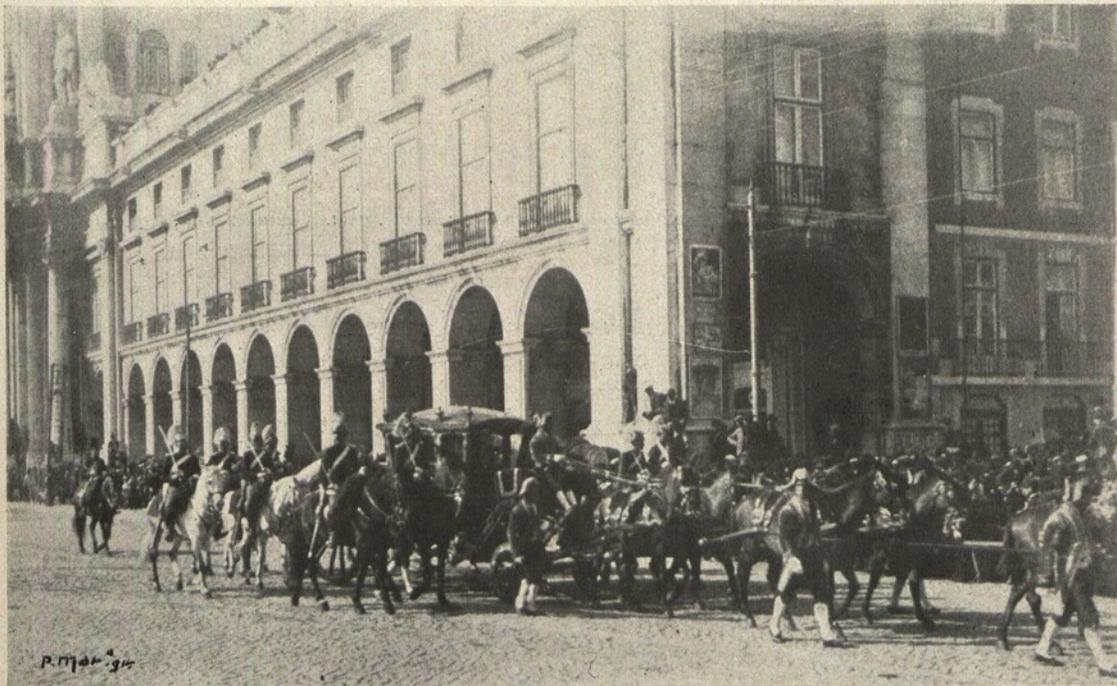
*Os novos ministros, conselheiros Sebastião Telles, ministro da guerra, e Calvet de Magalhães, ministro das obras publicas.*

Vamos á narração succinta de quem eram as duas individualidades que tão lamentavelmente se puzeram em evidencia e bem pungente renome conquistaram.

O primeiro regicida, o que mais denodo e pertinacia mostrou, chamava-se Manuel dos Reis da Silva Buiça, contava trinta e dois annos e nascera em Bancoaes. Ficara viuvo e tinha duas filhas de pouca idade. Foi em Vinhaes ajudante do professor de instrucção primaria. Parece que a morte da esposa lhe perturbara fundamente o espirito. De alegre que era tornara-se taciturno e declarara aos seus íntimos que o

vera a categoria de atirador de primeira classe.

Duas versões se espalharam acerca d'esta tão tristemente celebre personagem. A primeira é que, quando já assentara na realização do crime, se fôra despedir de sua filha que vivia com uma especie de ama. Que n'esse momento solemne vacillou no proseguimento do seu plano. Infelizmente a hesitação não prevaleceu. A segunda é que, tendo durante três dias aguardado em determinado sitio o automovel do presidente do conselho, para o matar, só ao terceiro aquelle estadista ali appareceu, e que, no



BERLINDA DE D. PEDRO II, COM OS CONDES DE SABUGOSA, DE FIGUEIRÓ, DUQUE DE LOULÉ E BARÃO-MARQUEZ DE ALVITO

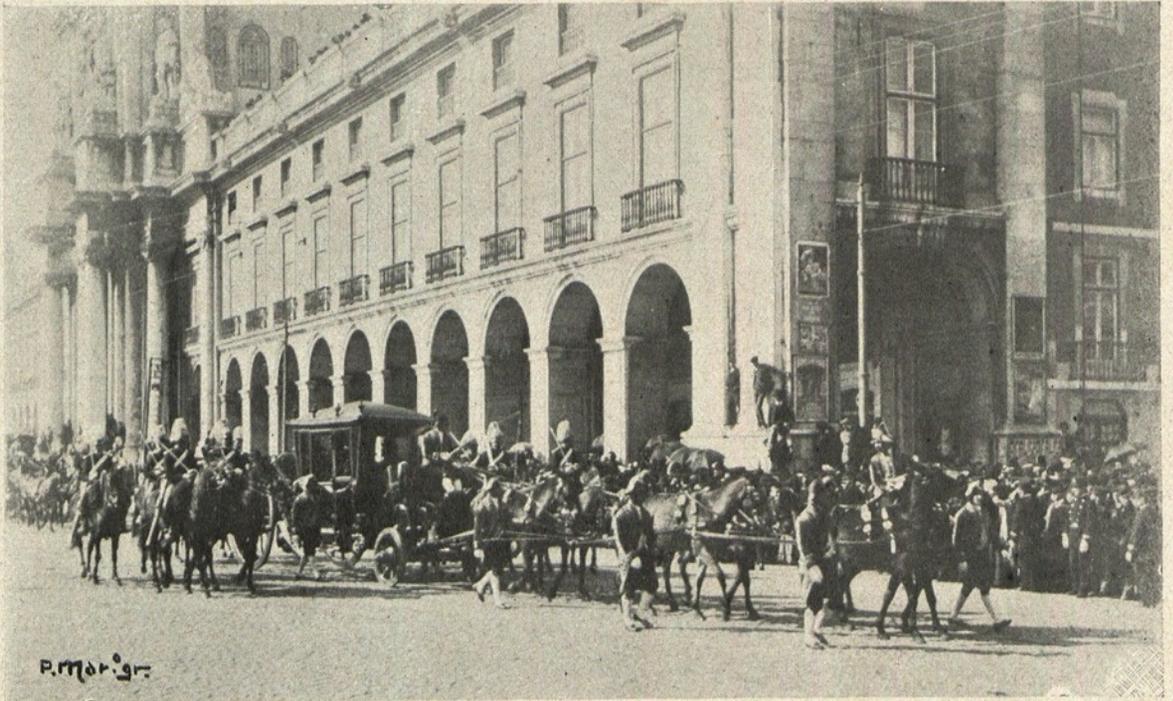
attribulava uma grande tristeza. Era actualmente professor d'um collegio muito considerado em Lisboa. Durante dez annos que ali esteve desempenhou exemplarmente os seus deveres, obtendo o passado anno lectivo os seus discipulos numero avultado de distincções.

Não fazia alarde de idéas avançadas. Na manhã do attentado compareceu na escola, pelas dez horas, e solicitou licença do director para sahir, pois desejava ir á estação esperar uma filha que vinha de fora. Era, ao que consta, assiduo frequentador da carreira de tiro de Pedrouços, onde obti-

momento em que se dispunha a effectuar o criminoso acto, passou entre elle e a alvejada victima um homem de idade com o filho. O remorso de, para se desfazer d'um só homem, ter de sacrificar dois innocentes, actuou no seu animo de modo que renunciou á tentativa. Alguem, assegura-se, lhe exprobou a fraqueza, e que elle então declarara: «Veremos se amanhã me chamam covarde!»

Todos sabem como a phantasia popular é fertil em inventar anedotas e boatos, que só se baseiam na sua imaginação exaltada.

Alfredo Luiz da Costa, o outro desvai-



COCHE DE D. CARLOTA JOAQUINA, COM O PRINCIPE DE HOHENZOLLERN, INFANTE D. CARLOS DE HESPAÑA, DUQUE DE GUISE E CONDE DE WALWITZ

rado, nascera em Casevel e apenas contava vinte e três annos. Empregava-se no commercio. Viveu primeiro em Evora, depois em Estremoz e de lá veio procurar fortuna a Lisboa. Expunha as suas idéas radicaes com grande fogo e enthusiasmo. Depois de se empregar em varios estabelecimentos abriu um escriptorio de commissões e exercia tambem a sua actividade como caixeiro de praça. Estimavam-n'o quantos o conheciam pela sua generosidade incondicional, pela sua indole francamente obsequiadora. A existencia sorria-lhe por todos os prismas. Como seria levado até a loucura que tambem lhe custou a vida?!

Dois lamentaveis desastres, dos que tanto abundam nas commoções sociaes, se deram parallelamente ao regicidio.

Um foi a morte do pobre policia José Ramos, assassinado a 28 de janeiro, no cumprimento do seu dever, no largo do Rato, por uma onda de populares que o crivaram de tiros de revólver. Foi uma inutil barbaridade, que ha de vibrar sempre como um remorso latente na consciencia dos seus perpetradores!

O outro foi o fatal engano a que succumbiu um homem honesto e trabalhador, o desventurado João Sabino da Costa, a

quem uma serie de coincidencias horrorosas atirou para a eternidade, n'um acto irreflectido e brutal de vindicta publica.

O pobre Costa era oriundo da Madeira e veio para Lisboa com a mãe, viuva, de quem se tornara o mais prestimoso amparo. Tendo sido primeiro militar dedicou-se mais tarde ao commercio. Depois de varias peripicias no seu mourejar para ganhar o pão quotidiano, empregara-se n'uma loja da rua do Arsenal, onde ganhava doze mil réis mensaes, que na integra entregava á auctora dos seus dias. A' noite aproveitava o tempo de sobra occupando-se em ser bilheteiro do animatographo do largo de S. Domingos.

Na tarde do attentado fôra jantar ás três da tarde. De regresso á loja concluiu umas cartas que escrevera e declarou ao patrão que as ia deitar no correio. O dono do estabelecimento ainda lhe fez qualquer objecção, mas não insistiu. Agarrou em cinco tostões, sahiu em cabelo e de animo completamente despreoccupado. Mal pensava que corria ao encontro da morte!

Entrou no edificio, desempenhou-se do encargo, e, como era natural, vendo approximar-se as carruagens régias demorou-se um pouco para assistir ao desfile. Detonam

os primeiros tiros, o panico empolga todos os espiritos, ha um fluxo e refluxo de gente, os encontrões succedem-se, os fugitivos esbarram uns nos outros, o tiroteio acirra-se e a fuga afigura-se á maioria como a unica probabilidade de salvação. O João Costa corre como os demais. O facto de fugir em cabello chama a attenção da policia. «E' elle, é um dos regicidas!» — bradam alguns; e mais o perseguem, e mais o apavoram, e mais o instigam a correr como um doido. A' sua direita, no meio d'aquella confusão diabolica, abre-se o vestibulo da Camara Municipal. Se o alcançar, escapa. Ai! mas exactamente quando lhe vae a transpôr o limiar, algumas das dezenas de balas que lhe assobiavam aos ouvidos como besouros sinistros atravessam-n'ô de lado a lado e estendem-n'ô morto, com o sangue a borbulhar, com o anathema de regicida a infamar, a martyrisar a sua agonia de innocente, cujo ultimo pensamento é com certeza para a mãe, a quem o mesmo ferro que o assassina a elle a arremessa a ella para o deserto arido do infortunio e da miseria.

Os cadaveres de Manuel Buiça e o de Alfredo Costa tambem são conduzidos, após a rapida tragedia, para o vestibulo da Camara. Mais tarde enviam-n'os para o ne-

croterio, onde os expõem ao publico afim de alguém lhes reconhecer a identidade. Mettidos em tableiros inclinados, na lugubre casa que tem um aspecto e um cheiro particulares, uma parte da população desfila por defronte d'esses restos humanos, lividos, com as feições transtornadas pelo desespero d'uma suprema lucta, com os musculos contrahidos pela raiva da chacina inevitavel, com os olhos pavorosamente esgazeados a revelar o espanto doloroso d'uma aggressão inesperada e sem mercê.

Depois d'uma prolongada e lenta procissão, a mais compungida e afflictiva de todas, a da vida revistando a morte, sae do moroso prestito uma menina. Adeanta-se e fixa o cadaver das barbas, empallidece e sente a garganta estrangulada. E' rodeada acto contínuo. Interrogam-n'a sem piedade, com ancia. Quando a pequena recupera o uso da fala, exclama:

— E' meu pae!

Os olhos inundam-se-lhe de lagrimas, quer lançar-se sobre o corpo inanimado n'um impeto de ternura filial, mas não lh'ô consentem. Dos presentes, uns encaram a desventurada creança com misericordiosa pena, impressiona-os até a raiz da alma aquella tragica orphandade, a dupla desgraça que a fere; outros, n'um movimento



COCHE DE D. JOSÉ I, COM O PRINCIPE DE DIETRICHETEIN, CONDE DE ORMESSON, CONDE DE VERMISCK E EMBAIXADOR DA TURQUIA



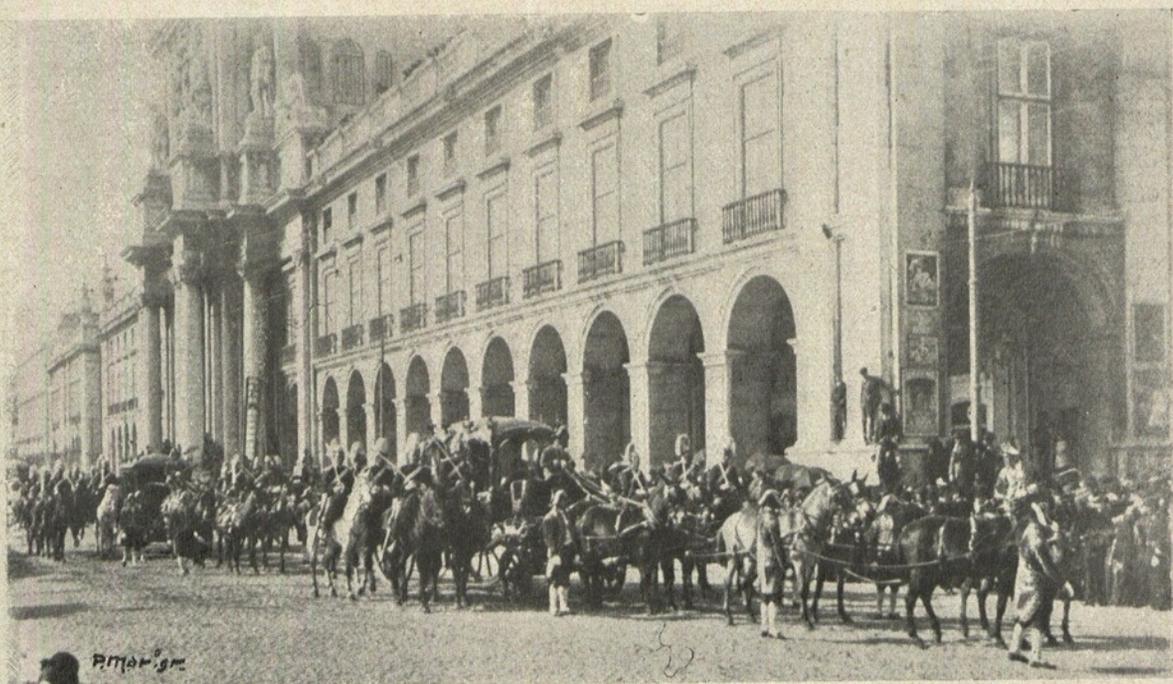
COCHE DE D. ANNA VICTORIA, COM OS PRINCIPES EITEL FREDERICK, ARTHUR DE CONNAUGHT, CONDE DE TURIM,  
D. FERNANDO DE BAVIERA

instinctivo de espanto e de curiosidade re-  
cuam; julgam que se reflecte na filha a  
esteril intrepidez do pae, o seu pertinaz

denodo n'um attentado insano que nenhum  
espirito culto pode desculpar. Mas, expulsas  
estas espontaneas e rapidas manifestações,



COCHE DE D. MARIA DE SABOYA, COM OS SACERDOTES E ACOLITOS DA COLLEGIADA DAS NECESSIDADES



COCHE DO INFANTE D. FRANCISCO, COM O ALMIRANTE CAPELLO CONDUZINDO A COROA REAL  
COCHE DE CLEMENTE XI, COM OS OFFICIAES CONDUZINDO AS ESPADAS E CAPACETES DE EL-REI E DO PRINCIPE REAL

tão rapidas que fogem céleres ante o raciocínio, a pequena é alvo de sinceras e inilludiveis provas de sympathia.

Alfredo Costa foi reconhecido por alguns amigos.

El-rei D. Carlos fazia a 28 de setembro quarenta e cinco annos; estava na força da



COCHE FUNERARIO DO PRINCIPE REAL

vida e era d'uma compleição robustissima. Tudo annunciava n'elle uma existencia prolongada. Casou-se com a rainha D. Amelia, quando ainda principe real, a 22 de maio de 1886. Educaram-n'o, entre outros professores, os srs. Augusto José da Cunha e Antonio Augusto de Aguiar, e foram seus preceptores os finados estadistas visconde de Santa Monica e Martens Ferrão.

Três vezes exerceu a regencia na ausencia de seu pae, el-rei D. Luiz I, enquanto este viajou no estrangeiro. Finalmente subiu ao throno por morte do seu progenitor, a 19 de outubro de 1889, e foi aclamado em 28 de dezembro do mesmo anno.

O mez de janeiro fôra-lhe fatal. Reber-taram n'esse mez os graves tumultos e agitações populares determinados pelo *ultimatum*, enviado pela Inglaterra em 11 de janeiro de 1880, por causa dos limites das fronteiras nos nossos territorios do interior da provincia de Moçambique; a 31 de janeiro de 1891 insurgiu-se uma parte da guarnição do Porto, revolta soffocada principalmente pela teimosa valentia do major Graça, commandante da Guarda Municipal do Porto; finalmente tudo leva a crêr que foram as desordens e mau estar d'uma parte da po-

pulação da capital, manifestadas a 28 de janeiro d'este anno e dias subsequentes, que incitaram Buiça e Costa a commetterem o attentado.

Durante os dezenove annos do seu reinado succederam factos d'uma real importancia para o paiz. Avultam entre esses a gloriosa campanha effectuada contra o Gungunhana; a guerra contra os namarraes; as operações contra o gentio do Barué; e ha poucos mezes as successivas victorias alcançadas pelos nossos expedicionarios contra o Cuamato e contra os Dembos. A acção energica e triumphante das tropas portuguezas nas colonias consolidaram ali o nosso dominio e causaram um salutar effeito moral nas potencias estrangeiras.

Celebraram-se durante esse periodo os centenarios de D. Henrique, no Porto; e os do descobrimento do caminho maritimo para a India e o de Santo Antonio, em Lisboa. Em 1892 e em 1898 viu-se o seu governo a braços com duas terriveis crises economicas; sanadas estas teve occasião de receber na capital, umas após outras, as visitas dos reis de Inglaterra, de Hespanha, imperador da Allemanha e presidente da Republica Franceza. Inauguraram-se du-



O COCHE FUNERARIO DE EL-REI D. CARLOS



GUARDA REAL DOS ARCHEIROS

rante esse periodo algumas novas linhas ferreas, fomentou-se um certo desenvolvimento nas colonias, os Açores ligaram-se

ao continente por meio d'um cabo submarino e assignaram-se varios tratados com diversas nações estrangeiras.



CASA MILITAR DE EL-REI

Na sua qualidade de chefe do Estado, instituiu el-rei D. Carlos differentes medallas, taes como a de *Serviços no Ultramar*, em 1891; a de *Soccorros a Naufragos*, em 1892; a da *Cruz Vermelha*, em 1893; a da *Rainha D. Amelia* para premiar as expedições coloniaes, em 1895. Tambem creou a ordem do *Merito Agricola e Industrial*, destinada a recompensar os serviços prestados á agricultura e á industria do paiz, bem como reformou em 1894 a ordem militar de S. Bento de Aviz, onde foi introduzido o grau de grande-official.

Da sua missão politica e administrativa

*costas de Portugal, durante as campanhas de 1896 a 1903; Catalogo illustrado das aves de Portugal, 1903 e 1907; Bulletin des campagnes scientifiques, accomplies sur le «yacht» Amelia; Palacio de Cristal Portuense, catalogo das collecções expostas por D. Carlos de Bragança, etc., etc.* Concorrera com as suas collecções oceanographicas e ornithologicas a varios certamens, onde obteve sempre as mais elevadas classificações e medallas especiaes. Era presidente, protector e socio honorario de innumeras sociedades.

O senhor D. Carlos, como toda a familia



O GENERAL DA 1.<sup>a</sup> DIVISÃO E O SEU ESTADO MAIOR

é cedo ainda para se lhe fazer a critica. Parallelo ao soberano, que se mostrou sempre bondoso e affavel com os que se lhe approximavam, ha a considerar o escriptor, o artista e o homem particular.

Como escriptor deixa o mallogrado monarcha algumas obras scientificas, favoravelmente apreciadas pelo mundo sabio. São ellas: *«Yacht» Amelia. Campanha Oceanographica de 1906; Resultado das investigações scientificas feitas a bordo do «yacht» Amelia, sob a direcção de D. Carlos de Bragança, 1897; A pesca do atum no Algarve em 1898; Esqualos obtidos nas*

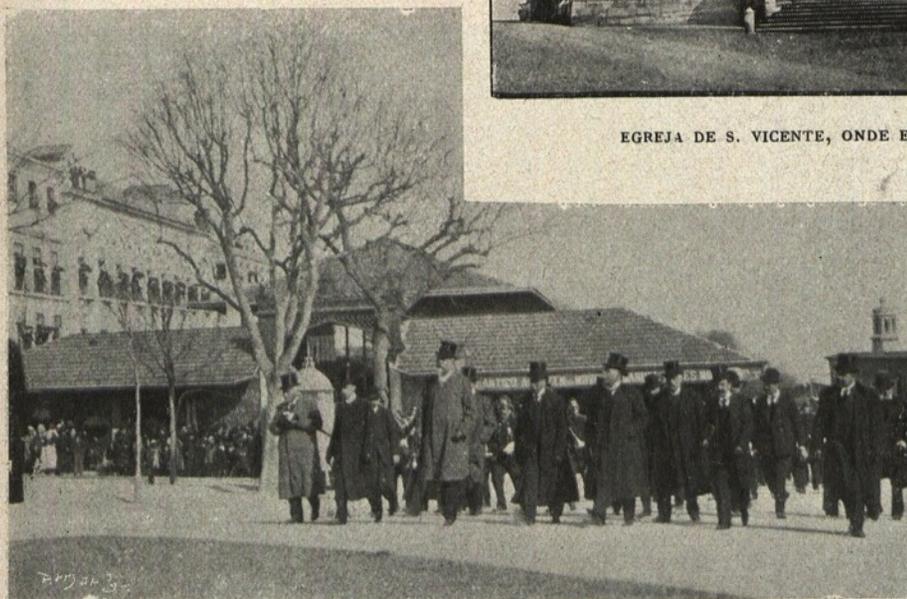
Bragança, desenhava primorosamente e era um verdadeiro artista em varias especialidades. Confessam-n'o os criticos mais exigentes e menos palacianos. Foi presidente honorario de todas as sociedades organisadas por artistas portuguezes, e nunca deixou de concorrer ás exposições nacionaes com trabalhos seus. O seu *atelier* no palacio das Necessidades era um terreno neutro onde recebia todas as celebridades ou não celebridades artisticas, estrangeiras e nossas, e tratava-as ahi com a mais lhana *camaraderie*. Quando fora do paiz, visitava sempre, como simples particular, os pinto-

res e esculptores de mais nomeada, deliciando-se e orgulhando-se com o seu convívio.

Eram os estudos a *pastel* que mereciam a preferéncia do extinto soberano, e n'essa especialidade ninguem o excedia, o que lhe valeu a alta distincção de ser nomeado socio honorario da *Sociedade dos Artistas Francezes*, nomeação que não deveu nada nem á lisonja, nem á sua elevada categoria. Entre as obras que mais ruido fizeram, contam-se: *A pesca do atum*, *Na costa algarvia*, *O mar em Cascaes*, *Preparando-se para a caça*, *Paisagem alemtejana*, *Chefe arabe* e *Um archeiro*, que figurou n'uma exposição de Paris. Devido á sua prodigiosa memoria, onde se gravavam as mais insignificantes minudencias, concluiu muito dos seus quadros sem voltar ao sitio que escolhera para reproduzir. Quando no seu *atelier* conversava com al-



EGREJA DE S. VICENTE, ONDE ESTÁ O PANTEON REAL



NO CAMPO DE SANTA CLARA — A CAMARA MUNICIPAL DE CASCAES

guma visita, comprazia-se em *illustrar* o assumpto, desenhando trechos de sitios pittorescos, esboçando um typo, accentuando uma expressão, com uma verdade e um primor que surprehedia até os mais cotados profissionaes. Esses cartões eram, em geral, solicitados como lembranças que el-rei,

a sorrir, concedia. Foi discipulo do apreciado professor Ferreira Chaves e continuou a perfeioando-se com o brilhante aguarelista Casanova.

O senhor D. Carlos era, como todos os membros da sua familia, um caçador emérito. A firmeza do

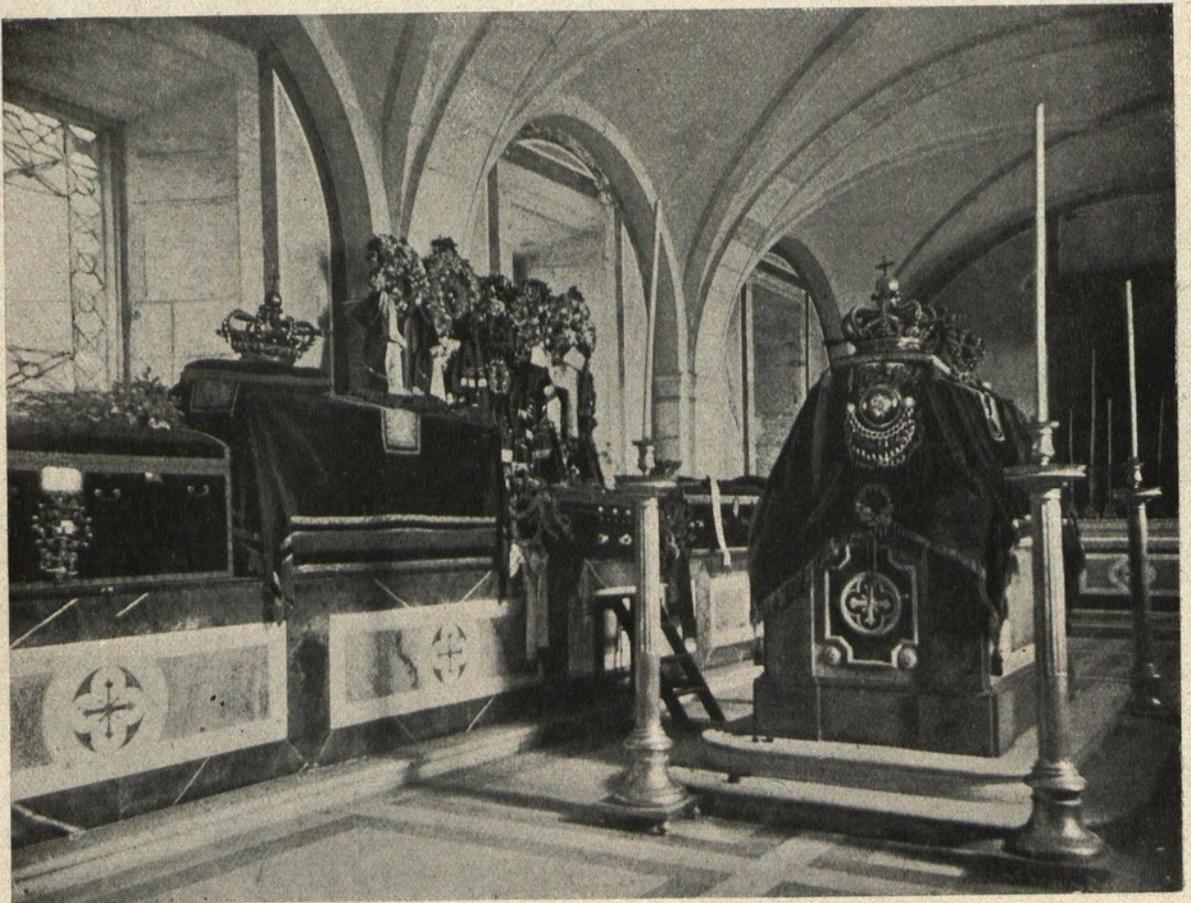
seu pulso tornara-se proverbial em toda a Europa. Chegava a fazer verdadeiros prodigios com uma carabina, um revólver ou uma pistola. Da ultima vez que D. Carlos se demorou em Paris visitou a *Sociedade do tiro á pistola*. Instado para atirar metteu no alvo, a quarenta e cinco metros, dezeseis



NA ESCADARIA DE S. VICENTE — DIGNITARIOS PORTUGUEZES E REPRESENTANTES ESTRANGEIROS

balas. Sobre outro alvo que imitava uma lebre a correr acertou-lhe com doze projecteis.

N'outro dia atirando á voz de commando, á pistola, sobre uma figura humana, a setenta



INTERIOR DO PANTEON REAL

e dois metros, empregou trinta e tres tiros sobre trinta e seis. Em Inglaterra foi a unica personagem que ultrapassou a extraordinaria pericia do principe de Galles.

Um jornalista inglez que muto privou com elle escreve: «Conheci o finado rei intimamente, tanto em Portugal como aqui em Inglaterra. Era, sem duvida, um homem notavel, e ninguem o excedia em certas coisas. Era o melhor atirador que tenho conhecido. Nunca errou uma ave. Era um admiravel philologo. Falava a maior parte das linguas da Europa; na ingleza era tão perfeito que não se distinguia que fosse um estrangeiro. A sua predilecção pela musica manifestava-se no soberbo modo como cantava e como tocava piano. não se fazendo nada rogado em patentear estes dotes. A sua amabilidade encantava, e era tão lhano que

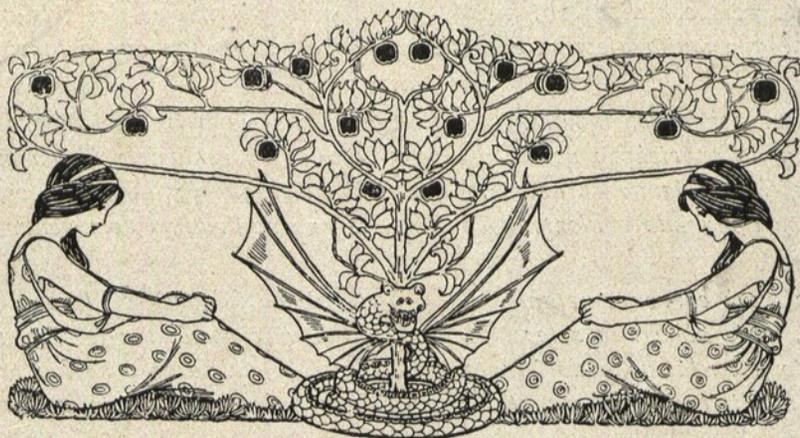
qualquer pessoa lhe podia falar sem a minima difficuldade.»

O principe real ainda não tinha biographia. O seu primeiro e unico acto official de importancia foi a sua visita ás colonias de que todos esperavam, no futuro, os melhores resultados. Succumbiu no limiar da juventude, sem deixar atrás de si nem odios, nem motivos para quaesquer represalias.

Foi um botão que uma rajada tempestuosa arrancou da haste sem ter ainda desabrochado! Que profundos mysterios os do destino!

Oxalá que a este tenebroso pesadêlo, que opprime todas as consciencias honestas, succeda uma alvorada radiante de justiça, de gloria, de engrandecimento, de amor, que imprima na historia do paiz uma nova era de que todos nos ufanemos!

E. DE N.





# Luz E Sombra

*Visão radiosa! a natureza immensa,  
A terra, o mar, os animaes, as flores,  
O sol, o foco de uma luz intensa,  
Radiando luz de refulgentes cores!*

*Milhões de sóes pela amplidão brilhando,  
Mundos aos mil a faiscar no espaço,  
Longos cometas pelo ceu girando,  
Espadas nuas flamejando o aço.*

*E eu vou tambem no turbilhão diverso,  
Cego de luz e sem saber aonde,  
Sobre um planeta pelo ceu disperso,  
Talvez a um sol que muito alem se esconde*

*Eu vou, navio que perdeu os mastros  
E o mar arrasta ao caprichoso vento,  
Em minha volta chamejando os astros,  
Longe mil outros apagando o alento.*

*Circulam astros n'um correr constante,  
Ali trez juntos, mais alem vão sete;  
Sae-nos do labio a exclamação do Dante:  
"Voi ch'intendendo il terzo ciel movete!"*

*Veste oiro o Cysne a gottejar saphira,  
Hercules arde e entre rubis se perde,  
Orion azul e mais alem a Lyra  
Brilha nos raios da esmeralda verde.*

*Immensos arcos de fulgor nocturno  
São maravilha de um planeta em volta,  
Cingem o corpo ao singular Saturno,  
Formam-lhe as luas luminosa escolta*

*Nos horisontes do infinito campo  
Giram ardentes espiraes de fogo,  
Palpitam lumes como o pyrilampo,  
Cruzam esferas n'um constante jogo.*

*Kaleidoscopio formidavel! lida  
Condensadora da materia informe;  
O movimento a acordar a vida  
Que ainda no ventre do universo dorme!*

*E a terra leva pelo espaço fundo  
Todos os seres que no seio gera,  
Naufragos tristes dos vae-vens do mundo  
Grãos de poeira que o ignoto espera.*

*Cruzam-lhe a frente meteoros vivos,  
Talvez os restos de algum mundo morto,  
D'esses que brilham pelo espaço altivos  
E que naufragam sem achar um porto*

*Entre os fulgores em que o ceu se banha  
Tem uma sombra a luminosa vaga,  
Cresce por vezes e se faz tamanha,  
Que a luz n'um ponto ao firmamento apaga*

*No disco branco da brilhante Venus  
A sombra ás vezes formidavel erra,  
Sem que uma nuvem prive a luz ao menos,  
Como uma chaga que lhe envia a Terra.*

*Oh! essa chaga que reflecte a altura  
E mancha os astros pelo ceu profundo,  
Sobe da terra, que ainda é escura,  
Sangra do odio que ennegrece o mundo.*